



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"  
Câmpus de Marília

Maria Eduarda Tognette

**As contribuições de Nélio Parra para a disseminação das técnicas  
audiovisuais na Educação (1963-1983)**

Marília  
2024

Maria Eduarda Tognette

**As contribuições de Nélio Parra para a disseminação das técnicas  
audiovisuais na Educação (1963-1983)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Educação pela Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Marília.

Área de Concentração: Filosofia e História da Educação no Brasil

Orientador (a): Prof. Dra. Rosa Fátima de Souza Chaloba

Marília  
2024

T645c Tognette, Maria Eduarda  
As contribuições de Nélio Parra para a disseminação das técnicas audiovisuais na Educação (1963-1983) / Maria Eduarda Tognette. -- Marília, 2024  
117 p. : tabs., fotos

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília  
Orientadora: Rosa Fátima de Souza Chaloba

1. Nélio Parra. 2. Recursos Audiovisuais. 3. Cultura Material Escolar. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília.  
Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Maria Eduarda Tognette

**As contribuições de Nélio Parra para a disseminação das técnicas  
audiovisuais na Educação (1963-1983)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de concentração: Filosofia e História da Educação  
no Brasil  
Linha de pesquisa: 05

Banca Examinadora

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosa Fátima de Souza Chaloba  
UNESP – Câmpus de Marília  
Orientadora

Prof. Dr. Macioniro Celeste Filho  
UNESP – Câmpus de Marília

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Odaleia Alves da Costa  
IFMA – Timon

Marília, 04 de março de 2024.

## AGRADECIMENTOS

À professora Rosa Fátima de Souza Chaloba, por propiciar momentos de aprendizagens, indicações de leituras e pela sua disponibilidade e orientação desde a iniciação científica até a presente pesquisa de mestrado.

Aos membros titulares e suplentes da Banca do Exame Geral de Qualificação: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosa Fátima de Souza Chaloba, Prof. Dr. Macioniro Celeste Filho, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Odaleia Alves da Costa, Prof. Dr. Fernando Rodrigues de Oliveira, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosa Lydia Teixeira Corrêa.

Aos docentes e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Educação da FFC-Unesp-Marília, pelo acolhimento, pelo ensino de qualidade, pelas experiências e por todas as contribuições.

Ao meu amigo Tarcísio, pelos conselhos, conversas e por me acompanhar nessa trajetória.

À minha querida amiga Emery, por ler e reler o meu trabalho, apontar os caminhos e me amparar.

À minha família, em especial, aos meus pais, ao meu irmão, à minha tia e à minha avó, por sempre acreditarem em mim, por estarem presentes em todas as etapas da minha vida, inclusive na formação acadêmica e por me darem o suporte necessário.

Ao meu companheiro e amor, João, por estar disponível, por acompanhar o processo e me ajudar a solucionar os obstáculos encontrados ao longo do caminho.

“O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.”

## RESUMO

A pesquisa tem como objetivo analisar as contribuições de Nélio Parra para a disseminação das técnicas audiovisuais na educação e identificar as referências teóricas que fundamentaram suas proposições didáticas para formação de professores. Este estudo se situa em interface da cultura material. Com o intuito de difundir conhecimentos a respeito de sua teoria, é que se pretende contribuir para a história da educação. Em 1973, Nélio Parra propôs investigar quais contribuições os objetos trazem para o ensino, além de propor uma teoria baseada na percepção da imagem mental, com base na psicologia genética de Jean Piaget, para explicar positivamente o uso dos recursos audiovisuais. A partir da busca pelos pressupostos teóricos e metodológicos da Tecnologia Educacional e as suas possibilidades de aplicação no contexto brasileiro, Nélio Parra integra que os recursos audiovisuais são ferramentas para uma visão total do processo de ensino e aprendizagem. Em 1960, a Tecnologia Educacional se propagou no Brasil e esse período foi dominado pela ideologia do desenvolvimento nacional. Esse “movimento” era pautado na cientificidade, eficiência e inovação que se destacou e viabilizou o discurso pedagógico, que os mais novos meios introduzidos pela sociedade adquirem um papel fundamental no processo educativo. Em decorrência do tema abordado, propõe-se utilizar como fontes de pesquisa o manual sobre as técnicas audiovisuais publicado por esse autor, o seu memorial acadêmico e os seus livros escritos entre as décadas de 1970 a 1980. Assim, o autor menciona que os recursos tecnológicos constituem fontes de atração e, se forem bem planejados para uso escolar, podem despertar e manter o interesse dos alunos por mais tempo. Essa riqueza de estímulos proporcionados pelos meios de comunicação não poderia ser desprezada pelos educadores, tornando-se sua aliada. De acordo com as ideias de Nélio Parra, essa dissertação procurou trazer elementos significativos que mudaram a perspectiva de pensar e utilizar suas técnicas favorecendo a interação professor-aluno, dinamizando o processo de aprender diante das modificações sociais.

**Palavras-chave:** Nélio Parra. Recursos Audiovisuais. Cultura Material Escolar.

## ABSTRACT

The research aims to analyze Nélio Parra's contributions to the dissemination of audiovisual techniques in education and identify the theoretical references that supported his didactic propositions for teacher training. This study is located at the interface of material culture. With the aim of spreading knowledge about its theory, it is intended to contribute to the history of education. In 1973, Nélio Parra proposed investigating what contributions objects bring to teaching, in addition to proposing a theory based on the perception of mental images, based on Jean Piaget's genetic psychology, to positively explain the use of audiovisual resources. Based on the search for the theoretical and methodological assumptions of Educational Technology and its possibilities for application in the Brazilian context, Nélio Parra understands that audiovisual resources are tools for a total vision of the teaching and learning process. In 1960, Educational Technology spread in Brazil and this period was dominated by the ideology of national development. This “movement” was based on scientificity, efficiency and innovation that stood out and made viable the pedagogical discourse, in which the newest means introduced by society acquire a fundamental role in the educational process. Due to the topic covered, it is proposed to use as research sources the manual on audiovisual techniques published by this author, his academic memorial and his books written between the 1970s and 1980s. Thus, the author mentions that the resources Technological technologies are sources of attraction and, if they are well planned for school use, they can arouse and maintain students' interest for longer. This wealth of stimuli provided by the media could not be ignored by educators, becoming their ally. In accordance with the ideas of Nélio Parra, this dissertation sought to bring significant elements that changed the perspective of thinking and using its techniques, favoring teacher-student interaction, streamlining the process of learning in the face of social changes.

**Keywords:** Nélio Parra. Audiovisual Resources. School Material Culture.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Nélio Parra	18
Figura 2 – Fluxograma do Planejamento de Ensino	35
Figura 3 – Programa Linear	38
Figura 4 – Manual Audio-Visual	39
Figura 5 – Técnicas Audiovisuais de Educação	40
Figura 6 – Metodologia dos Recursos Audiovisuais	42
Figura 7 – Ensino Individualizado – Programas e Materiais	43
Figura 8 – Classificação Brasileira de Recursos Audiovisuais	46
Figura 9 – Fluxograma do Plano Keller	51
Figura 10 – Guia de Autoinstrução do Plano Keller	52
Figura 11 – Fluxograma do <i>mastery learning</i> de Bloom	55
Figura 12 – Fluxograma do Sistema IPI	57
Figura 13 – Fluxograma do PLAN	60
Figura 14 – Recursos visuais e auditivos	69
Figura 15 – Classificação do México sobre os recursos audiovisuais	71
Figura 16 – Letreiros	73
Figura 17 – Tamanho da fonte	74
Figura 18 – Espaço entre as fontes	74
Figura 19 – Exemplo de Flanelógrafo	75
Figura 20 – Gráficos	77
Figura 21 – Mural didático	78
Figura 22 – Processo fotográfico	80
Figura 23 – Episcópio	81
Figura 24 – Ficha para controle de materiais	83
Figura 25 – Abordagem sistêmica à instrução de acordo com Gerlach e Ely	84
Figura 26 – Qualidade técnicas e educativas	86
Figura 27 – Tabelas comparativas em relação as diferentes técnicas	96
Quadro 1 – Livros de Nélio Parra (1968-2002)	26
Quadro 2 – Quadro 02 – Temática: Recursos Audiovisuais e Tecnologia Educacional no Brasil	27
Quadro 3 – Plano Keller	50
Quadro 4 - <i>Mastery Learning</i> de Bloom	54

Quadro 5 – Plano IPI	56
Quadro 6 – PLAN	58

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

<b>USP</b>	Universidade de São Paulo
<b>FEUSP</b>	Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo
<b>IPI</b>	Individually Prescribed Instruction
<b>PLAN</b>	Program for Learning In Accordance with Needs
<b>CNPQ</b>	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
<b>PUC</b>	Pontifícia Universidade Católica
<b>UFSCar</b>	Universidade Federal de São Carlos
<b>Unicamp</b>	Universidade Estadual de Campinas

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>12</b>
<b>2</b>	<b>A CONSTRUÇÃO DE UMA DIDÁTICA COM ENFÂSE NOS RECURSOS AUDIOVISUAIS</b>	<b>29</b>
<b>2.1</b>	<b>Os livros de Nélio Parra versando sobre as técnicas audiovisuais na educação</b>	<b>38</b>
<b>2.2</b>	<b>Um manual sobre recursos audiovisuais para o pré-primário e o jardim de infância</b>	<b>43</b>
<b>2.3</b>	<b>Nélio Parra e os saberes pedagógicos sobre os recursos audiovisuais na educação</b>	<b>49</b>
<b>3</b>	<b>A RENOVAÇÃO DO ENSINO A PARTIR DAS TÉCNICAS AUDIOVISUAIS</b>	<b>65</b>
<b>3.1</b>	<b>Nélio Parra e o “marco divisório na história dos recursos audiovisuais no Brasil”</b>	<b>88</b>
<b>3.1.1</b>	<b>Os recursos auxiliares para além da teoria: uma experiência com a nova técnica didática</b>	<b>94</b>
<b>3.2</b>	<b>Caminhos do Ensino</b>	<b>98</b>
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>102</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>105</b>
	<b>APÊNDICE A – Artigos e livros publicados por Nélio Parra entre os anos de 1961 a 2002</b>	<b>108</b>
	<b>APÊNDICE B – FONTES NÉLIO PARRA</b>	<b>110</b>
	<b>ANEXO A – Tabela elaborada por Maria Aparecida Cintra comparando as características da Didática da Escola Tradicional com a Didática da Escola Nova</b>	<b>113</b>
	<b>ANEXO B – Referências utilizadas por Nélio Parra no livro Técnicas Audiovisuais de Educação (1985)</b>	<b>115</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O meu interesse pela História da Educação teve início no curso de graduação em pedagogia realizado na Faculdade de Ciências e Letras (FCL) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), campus de Araraquara, com o ingresso na iniciação científica através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq), no período de 2018/2019 e 2019/2020. Logo, como bolsista e integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Cultura e Instituições Educacionais (GEPCIE)<sup>1</sup> — coordenado pela professora Doutora Vera Valdemarin e vice coordenação Rosa Fátima de Souza Chaloba —, consegui desenvolver pesquisas e me aprofundar no tema sobre os aspectos normativos da Profissionalização de Professores de Escolas Rurais no Estado de São Paulo, nos anos de 1955 a 1975, através da busca por legislações referentes à formação, ingresso na carreira, vencimentos e condições de exercício da docência desses profissionais. E, também, o estudo sobre a questão do professor leigo no Brasil nos anos de 1964 a 1985, por meio de análises e leituras de periódicos. Essa experiência contribuiu bastante para cultivar o meu interesse pela pesquisa.

No ano de 2020, em meio à pandemia de Covid-19, realizei o acompanhamento de atividades remotas, o que me fez refletir sobre os novos recursos didáticos utilizados nesse modo de ensino. O uso desses recursos na educação se potencializou e fez-se importante o ajuste das aulas por meio de aparelhos móveis — como o celular, o computador, a televisão e o rádio.

Ao ser aprovada no Curso de mestrado, interessei-me pelas discussões sobre história da cultura material escolar que vinham sendo realizadas pelo Grupo de Pesquisa (GEPCIE), especialmente, no âmbito do novo projeto de pesquisa coordenado pela minha orientadora, Profa. Dra. Rosa Fátima de Souza Chaloba, tratando do *Movimento Transnacional de Renovação Pedagógica da Educação Básica pelos Meios Audiovisuais (1950-1970)*<sup>2</sup>. Tal projeto objetiva investigar a introdução dos meios audiovisuais na educação brasileira e a

---

<sup>1</sup> O estudo foi vinculado ao projeto “Formação e Trabalho de Professoras e Professores Rurais no Brasil: RS, PR, SP, MG RJ, MS, MT, MA, PE, PI, SE, PB, RO (décadas de 40 a 70 do século XX)”, coordenado pela Prof. Dra. Rosa Fátima de Souza Chaloba.

<sup>2</sup> Este projeto da Profa. Rosa Fátima de Souza-Chaloba faz parte do Projeto Temático Fapesp, *Saberes e práticas em fronteiras: por uma história transnacional da educação (1810-...)*”, coordenado pelas Professoras Doutoras Diana Vidal e Carlota Boto, cuja equipe ela integra como pesquisadora associada. Ele, também, encontra-se associado ao projeto em rede nacional intitulado “Grupos de Pesquisas e Experiências sobre Cultura Material Escolar, coordenado pelos Professores Doutores Gizele de Souza, Marcus Levy Bencostta e Andréa Cordeiro, da UFPR.

produção e circulação de saberes gerados sobre o tema nesse período em que foi dada grande ênfase aos meios audiovisuais como recursos fundamentais para a renovação do ensino primário e secundário. Dessa maneira, me propus a investigar a trajetória do Professor Nélio Parra, um dos maiores expoentes da produção de conhecimentos e divulgação dos meios audiovisuais na educação brasileira, nas décadas de 1960 e 1970<sup>3</sup>. Ele escreveu artigos e publicou livros sobre o tema, além de ter atuado em diferentes instituições formando profissionais e professores em técnicas audiovisuais. Atuando na área de recursos audiovisuais na educação, Nélio Parra contribuiu para a consolidação da Tecnologia Educacional no país e para a concepção instrumental da Didática. Este estudo se situa, portanto, no entrecruzamento de diferentes temáticas, isto é, a história dos intelectuais, os estudos sobre cultura material escolar, as discussões sobre a Tecnologia Educacional a história da disciplina Didática.

As ideias sobre o uso de recursos audiovisuais na educação veiculadas a partir do final da década de 1940 estiveram intrinsecamente vinculadas à concepção de Tecnologia Educacional. Como assinalam Souza e Oliveira (2018), durante a Segunda Guerra Mundial a tecnologia instrucional ganhou espaço nos Estados Unidos, por ser utilizada em treinamentos de recursos humanos nas indústrias e na formação de soldados nas forças armadas. A década de 1950 foi um período marcado pelo movimento do audiovisual e atingiu o cenário educacional com objetos que propiciavam a eficiência no processo de ensino e aprendizagem.

Os recursos audiovisuais foram assim apontados como meios eficazes para uma educação mais moderna. Eles poderiam atingir um maior número de pessoas, em um curto espaço de tempo e com menor custo. Ainda de acordo com Souza e Oliveira, a tecnologia difundiu-se no Brasil, em específico no meio acadêmico, nos sistemas de formação e nos programas educacionais do governo federal, a partir do final da década de 1950 como a salvação para o ensino, em especial, para a população rural, onde se concentrava grande número de analfabetos. O intuito das autoras nesse texto foi discutir a importância de considerar o movimento da Tecnologia Educacional como parte da história da cultura material escolar tendo em vista a intrínseca relação entre os objetos da escola com as tendências pedagógicas. A Tecnologia Educacional consiste em uma face da Pedagogia Tecnicista prevalecte na educação brasileira entre as décadas de 1960 a 1980, impulsionada pela ditadura civil-militar, como têm apontado autores como Santos (1980) e Saviani (1981).

---

<sup>3</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

"This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001"

Pode-se dizer que a tecnologia educacional se propagou no Brasil nas décadas de 1960 e 1970, num período dominado pela ideologia do desenvolvimento nacional, constituindo-se em um “movimento” pautado na cientificidade, eficiência e inovação, com ampla repercussão na educação brasileira.

Entre os poucos estudos existentes sobre a Tecnologia Educacional em perspectiva histórica, destaca-se a dissertação de Lucíola Santos (1980). Com base em uma abordagem marxista, esta autora faz uma crítica de como a Tecnologia Educacional foi difundida no Brasil exaltando a perspectiva técnica de eficiência do ensino articulando-se com o desenvolvimento do capitalismo no país.

A Tecnologia Educacional fundamentava-se em princípios científicos e foi vista como um avanço para o ensino, orientando-se para o “fazer correto”, mais eficiente e produtivo. Essa prática desenvolveu-se em uma realidade histórico-social, cujo contexto foi determinante para a produção e a reprodução das relações capitalistas.

Ainda de acordo com a autora, a perspectiva dessa nova tecnologia pode ser entendida como a aplicação sistemática de princípios científicos na educação envolvendo conjunto de materiais e equipamentos eletrônicos empregados para fins de ensino. A eficiência estava relacionada à racionalização do trabalho escolar, prática indispensável à formação de homens eficientes e ajustados aos interesses do sistema e à aceleração do desenvolvimento econômico-social. Esta ideia partia da compreensão das demandas do mercado de trabalho face ao processo de industrialização no país.

Com o desenvolvimento tecnológico, os trabalhadores possuíam certa dificuldade em relação à produção e ao manuseio de complexos equipamentos industriais, o que ocasionava a perda do domínio do trabalho para a grande massa. Dessa forma, com o crescimento da industrialização, a educação deveria ser uma ferramenta útil para alfabetizar e promover o ensino técnico e profissional para a população em geral. As atividades exigiam uma certa qualificação, como saber ler, escrever e efetuar operações aritméticas simples, tanto para o indivíduo que trabalhava na fábrica como para o consumidor. Desse modo, a Tecnologia Educacional surge como tentativa de adequar a educação às novas realidades do capitalismo e na perspectiva de melhor orientação do processo ensino-aprendizagem com práticas inovadoras do tipo tecnológico, por exemplo com a adoção de filmes, tapes, gravações — ou seja, dispositivos que poderiam ser usados inúmeras vezes, substituindo as funções de ensino individual. Esses recursos foram considerados meios mais eficazes, afastando o aluno do excesso de verbalismo e oferecendo oportunidades de relações com o concreto. (SANTOS, 1980).

Assim, a autora cita que a educação passa a ser vista como um processo sistemático, planejado para produzir mudanças no comportamento do aluno, mostrando como esse indivíduo deveria pensar, sentir e agir, além de ser induzido a memorizar frases, datas e sequências, e estar diante de um conteúdo fragmentado e sujeito a provas objetivas. Os professores deveriam seguir as técnicas instrucionais, que serviam como guia para os instrumentos de avaliação, sendo o objetivo desses instrumentos verificar se os estudantes estavam progredindo ou não. A partir dos anos 60, vários projetos de Teleducação foram implantados por meio de rádio, televisão e até mesmo livros que se difundiam como Instrução Programada.

A autora acrescenta que a ideologia composta pelo “desenvolvimentismo-cientificista-tecnocrático” deu ênfase na educação como elemento indispensável ao seu papel, o qual combate o aguçamento da luta de classes. Isto é, o sistema de ensino passa a ser planejado de acordo com critérios de eficiência e racionalidade em moldes empresariais. Rosilene Fiscarelli (2009), em sua tese de doutorado, com base no pensamento de Michel Foucault, buscou analisar o discurso vigente no país, nas décadas de 1960 e 1970 acerca da utilização de novos objetos de ensino. Para a autora, foi nesse período que se intensificaram dispositivos e estratégias discursivas ressaltando a relevância dos recursos audiovisuais na educação no âmbito do desenvolvimento do movimento de tecnologia educacional. O pano de fundo dos discursos produzidos na época foi a ideologia do desenvolvimento nacional fortemente presente no final da década de 1950 no governo do presidente Juscelino Kubistchek (1956-1961), cujo modelo econômico pautou-se na abertura para o capital estrangeiro, especialmente para a estruturação da indústria, redefinindo a situação econômica, política e social do Brasil.

A partir de 1964, com a implantação do regime militar, o ensino passa por uma reorientação marcada pela inserção da nova política econômica, direcionada para a internalização do capital e a expansão industrial. Assim, a educação foi alvo desse pensamento, revelando a aparente preocupação com o preparo do povo para o progresso do país. O mesmo deveria ser urgente, eficiente e diferente, precisando deixar as formas tradicionais de ensino e buscar novos meios para um processo mais efetivo. (FISCARELLI, 2009).

Nesse mesmo período, ocorre a aceleração do ritmo de crescimento da demanda social de educação e são estabelecidos os acordos entre o MEC e a *Agency for International Development* (AID) para a assistência técnica e cooperação financeira do sistema educacional.

Há também um segundo momento, marcado por medidas do governo para enfrentar os problemas educacionais, como consolidar e adequar o sistema educacional ao modelo de desenvolvimento econômico que se intensificava no país. Profissionais e educadores passam a

se preocupar com a grande massa populacional que estava alheia às conquistas técnicas e científicas e precisava ser preparada para receber e saber lidar com as novas tecnologias.

A Tecnologia Educacional passa a viabilizar o discurso pedagógico, em que os mais novos recursos introduzidos pela sociedade adquirem um papel fundamental no processo educativo, como o cinema, o rádio, os aparelhos de projeção, os retroprojetores, a televisão e outros.

Segundo Fiscarelli, surgiram na época vários tipos de máquinas de ensinar, das mais simples às mais rebuscadas, e o ensino programado se apropriou de outros suportes materiais, que obedeciam a um arranjo especial. Assim, esse novo ensino pretendia controlar cada passo da aprendizagem e exigia um comportamento adequado do professor, refletindo na absorção do conhecimento por parte do aprendiz. A Tecnologia Educacional foi fundamentada em conhecimentos científicos, especialmente na teoria sistêmica, na psicologia da aprendizagem e nas teorias da comunicação. Especialmente os trabalhos de Skinner tiveram grande repercussão.

Souza e Oliveira (2018) citam as concepções sobre o processo de aprendizagem e as práticas desse autor referentes à utilização de objetos no ensino, como exemplo as máquinas de ensinar e o método de ensino programado. Foi nesse contexto socioeconômico e educacional brasileiro de disseminação da Tecnologia Educacional e da afirmação da importância do uso de recursos audiovisuais no ensino que Nélio Parra produziu suas obras. A trajetória profissional desse intelectual é denotativa dos diferentes modos de circulação e apropriação das ideias sobre a utilização de meios audiovisuais na educação e sobre a Tecnologia Educacional. Em um momento que prevalecia a teoria sistêmica e comportamental na educação, este intelectual baseou suas obras na abordagem piagetiana adotando uma perspectiva diferente da prevalente de compreensão e análise dos meios audiovisuais na educação. Nesse sentido, as obras de Nélio Parra permitem compreender como foram produzidos saberes pedagógicos no âmbito da didática no Brasil enfatizando as técnicas audiovisuais da educação.

A importância desse educador para o tema foi assinalada na orelha do livro *Metodologia dos Recursos Audiovisuais*:

A obra **Metodologia dos Recursos Audiovisuais** do Professor Nélio Parra, que a Saraiva coloca à disposição de todos os que se interessam pelos problemas da educação e da comunicação humanas, representa um marco divisório na história dos recursos audiovisuais no Brasil. (apud Parra, 1977, orelha do livro, grifo do editor).

## A trajetória profissional do professor Nélio Parra

Nélio Parra foi professor e pesquisador da área da Educação. Ele nasceu em três de setembro de 1932, brasileiro, casado, nascido, na cidade de Araçatuba – SP e faleceu em três de junho de 2015, aos 82 anos. cursou o ensino médio/ginasial no Ginásio Municipal de Tupã, em São Paulo, nos anos de 1944 a 1947. No secundário o Colégio Ateneu Paulista de Campinas, no período de 1948 a 1950<sup>4</sup>.

Em 1951, entrou para o curso de Filosofia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Pontifícia Universidade Católica de Campinas e graduou-se em 1954. A partir daí, em 1955, foi professor substituto de História Geral e do Brasil do Instituto de Educação "Castello Branco" de Limeira. Durante os anos de 1956 a 1959, foi professor de Metodologia Geral e Prática do Ensino Primário do Instituto de Ciências e Letras de São Paulo. De 1957 a 1959, ele também foi professor de Metodologia Geral do Ensino e Prática do Ensino Primário do Instituto de Educação Sta. Terezinha do Menino Jesus de São Paulo.

Em 1960 e 1961, fez pós-graduação nos Estados Unidos em *Communications Media-Systems Development, Indiana University, Bloomington, Indiana*. Esse curso foi extremamente relevante para desencadear seu interesse em explorar os recursos audiovisuais em futuros estudos e trabalhos na área da educação.

O professor, mesmo que tenha vivido em uma década em que a tecnologia ainda engatinhava em nosso país, já visualizava naquele período a aplicação de recursos tecnológicos em sala de aula com o intuito de potencializar a atenção do aluno para a assimilação do conteúdo.

Parra participou como professor de cursos de Extensão Universitária, Pedagógica e de Especialização, entre eles: do Serviço de Expansão Cultural da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, em julho de 1960; da Escola de Enfermagem do Hospital das Clínicas, em outubro do mesmo ano; da Faculdade de Higiene e Saúde Pública da USP, em dezembro de 1961.

Em 1962, atuou no Serviço de Expansão Cultural da Secretaria da Educação e no Departamento de Profilaxia da Lepra da Secretaria da Saúde do Estado de São Paulo; no Departamento da Educação e Cultura da Prefeitura Municipal de Santos; na Escola de Serviço

---

<sup>4</sup> Essas informações foram retiradas do Memorial de Nélio Parra apresentado ao Concurso de Professor – Adjunto do Departamento de Metodologia do Ensino e Educação Comparada da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, que se encontra arquivado na biblioteca da Faculdade de Educação da USP. Parra, N. Memorial, 1983.

Social de São Paulo; no Serviço de Erradicação da Malária e Profilaxia da Doença de Chagas; na Delegacia de Ensino de São José dos Campos; na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro e na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São José do Rio Preto. E, em outubro de 1963, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília.

Figura 1 – Nélio Parra



Fonte retirada do Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo – seleção de professores – SP/1960. INEP – Arquivo Histórico.

Entre os anos de 1962 a 1968, trabalhou no Centro Regional de Pesquisas Educacionais “Prof. Queiroz Filho” de São Paulo, nos cursos de especialistas em Recursos Audiovisuais.

Já nos de 1963 a 1972, foi professor de Técnicas Audiovisuais de Educação da Faculdade de Ciências, Letras e Pedagogia da Universidade Mackenzie. Ao mesmo tempo, de 1963 até 1975, foi também professor de Técnicas Audiovisuais de Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

Em 1965, teve participação como docente na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Católica de Campinas; no Serviço de Educação e Formação pela Rádio e Televisão da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo; no Departamento de Educação e Cultura da Prefeitura Municipal de Santos. Em 1966, no Instituto Escolástica Rosa de Santos e no Serviço Social da Indústria - Divisão de Melhoria da Saúde. E, em 1967, na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

É relevante assinalar que Nélio Parra participou da organização de vários congressos relativos ao uso da tecnologia na educação, dentre eles, o I Congresso Brasileiro de Audiovisuais realizado na Guanabara, em julho de 1967, e também o II Congresso Brasileiro de Comunicação Audiovisual, em São Paulo, dois anos depois, em 1971 em Curitiba e, novamente, no Rio de Janeiro, em 1974 e foi o primeiro presidente da Associação Brasileira de Educação Audiovisual, sediada em São Paulo, criada em 1967<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Esta associação foi criada durante o I Congresso Brasileiro de Audiovisuais realizado em 1967. O jornal O Estado de S. Paulo publicou em 5 de agosto de 1967 notícia sobre a realização da primeira reunião da Associação

De 1968 a 1970, ministrou Fundamentos de Metodologia da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. E, de 1968 até 1981, atuou no campo da Didática da mesma Universidade.

Além da Educação, Nélio Parra contribuiu como colaborador em diversas áreas, como a da saúde pública, em cursos de pós-graduação, no período de 1968 a 1979, e também como palestrante e conferencista, de 1963 a 1981.

Em 1969, trabalhou para o Instituto Educacional de São Paulo, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; na Secretaria do Estado dos Negócios da Educação de São Paulo, no Departamento de Ensino Técnico; na Faculdade de Higiene e Saúde Pública da Universidade de São Paulo e na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba. Nesse mesmo ano, foi o primeiro presidente da Associação Brasileira de Audiovisuais.

Já em 1970, foi professor no Departamento de Pedagogia da Faculdade Dom Aquino de Campo Grande, no Centro Regional de Pesquisas Educacionais "Prof. Queiroz Filho" de São Paulo, no Curso Interamericano de Comunicação; no Centro Regional de Pesquisas Educacionais da Bahia e no Instituto de Educação Estadual "Monsenhor Gonçalves", de São José do Rio Preto.

Em 1971, atuou na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo e Escola Superior de Agronomia "Luiz de Queiroz", no Curso de Licenciatura e na Universidade Católica de Petrópolis. No ano de 1972, lecionou na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, no Curso de Extensão Universitária; na Faculdade de Educação da Universidade Católica de Salvador; na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, no curso de Férias e no Conselho Estadual de Cultura de São Paulo.

Parra integrou o corpo dos primeiros docentes que deram início à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP), no Departamento de Metodologia do Ensino e Educação Comparada (EDM), como Auxiliar de Ensino. Passou a ser representante dos

---

Brasileira de Educação Audiovisual realizada nesse dia. A diretoria ficou assim constituída: Nélio Parra, presidente; Chicalla Haidar, vice-presidente; Antônio Sodré C. Cardoso, secretário; Leonie Fonseca Fernandes, segundo-secretário; Esm ria Rovai, tesoureira e Candido de Oliveira, segundo tesoureiro. Constava, ainda, a seguinte informa o: "A associa o tratar  de assuntos como a regulamenta o do profissional especialista em audiovisual, difusão dos recursos audiovisuais através de cursos e outras promo es, além do lançamento de uma publica o especializada." Cf. Firma-se associa o audiovisual, OESP, 5 de agosto de 1967, p. 9).

Em matéria publicada em junho de 1969 sobre o II Congresso de Comunica o Audio-Visual, o OESP assinalou a opinião de Nélio Parra, presidente da Associa o Brasileira de Educa o Audiovisual sobre os desafios dos audiovisuais na educa o: "Se pensarmos que o mundo fora da escola   cada vez mais audiovisual – como o rádio, a televisão, as revistas e os jornais –   óbvio que a escola tem a obriga o de formar o aluno para que possa viver nessa sociedade. Evitando, assim, a defasagem entre a teoria escolar e a prática da vida." Cf. Audiovisual pensa em uma educa o melhor, OESP, 22 de julho de 1969, p. 26.

auxiliares de ensino na Congregação da FEUSP e exerceu a função de chefe do EDM. Apresentou sua tese de doutorado em 1972, intitulada: “Recursos audiovisuais e a renovação didática”, tendo como orientadora a Professora Dr.<sup>a</sup> Amélia Americano Domingues<sup>6</sup>.

Em 1973, recebeu o título de doutor em Ciências da Educação pela Universidade de São Paulo e trabalhou na mesma universidade, no curso de Atualização Pedagógica e na Secretaria da Educação e Cultura do Município de São Paulo, no curso de Aperfeiçoamento; no Instituto de Difusão Cultural e Educacional de São Paulo; no Centro Pedagógico da Universidade Estadual de Mato Grosso, em Corumbá, e na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, de São José do Rio Preto, e Centro de Estudos Filo-Juris.

Nos anos de 1974 a 1976, teve participação na Academia de Polícia Militar do Estado de São Paulo; na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Poços de Caldas; na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, no Curso de Extensão Universitária; na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, no Curso de Atualização Pedagógica e no Instituto de Ciências Biomédicas da Universidade de São Paulo.

De 1974 a 1981, foi professor de Tecnologia da Educação do Curso de Pós-graduação da Universidade de São Paulo e, de 1978 a 1981, atuou na área de Didática - Teorias e Modelos no Curso de Pós-graduação da mesma instituição.

Nélio Parra também foi colaborador junto à disciplina Processos Didáticos em Educação Física e Desportos, no Curso de Pós-graduação da Escola de Educação Física da Universidade de São Paulo, nos anos 1978 e 1979. E, em 1982, tornou-se livre-docente em Didática, pela mesma universidade.

No mesmo ano, tornou-se Chefe do Departamento de Metodologia do Ensino e Educação Comparada da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Nessa função, procurou, além do cumprimento das atribuições previstas na legislação pertinente, desenvolver atividades junto aos seus docentes, visando atender plenamente os objetivos maiores da Universidade. (PARRA, 1983).

Nélio Parra publicou inúmeros trabalhos sobre os recursos audiovisuais na educação. Entre as suas obras, podemos encontrar os seguintes artigos: Conceitos Psicológicos e Instrução

---

<sup>6</sup> Amélia Americano Domingues foi professora da disciplina de Didática Especial de Geografia e História entre os anos de 1941 a 1961. Obteve o título de Doutora em Educação na FFCL/USP ao defender a tese intitulada “Princípios do método no ensino de História”. Em 1953, começou a lecionar também na Didática Especial de Filosofia, até o ano de 1961. A disciplina Didática Geral foi ministrada pela professora desde 1956 até sua aposentadoria na USP. E trabalhou na Cadeira de Metodologia Geral do Ensino em um momento no qual a mesma era composta, em sua maioria, por licenciados, especialistas provenientes de todas as seções da FFCL. Atuou junto à formação didática do grupo mediante a organização dos “Seminários de Didática”, nos quais era dada ênfase ao estudo das bases psicogênicas da Didática. (Essas informações foram retiradas do site: <https://sites.usp.br/>)

Audiovisual (1963); Inclusão de Técnicas Audiovisuais no Currículo Universitário (1964); Técnicas Audiovisuais de Educação (1966); Diapositivos e Diafilmes (1967); A Dinâmica dos Recursos Audiovisuais; O Gravador Magnético no Ensino (1969); Os Recursos Audiovisuais e o Processo de Aprendizagem (1969); Subsídios para o Estudo do Cinema Educativo como Veículo de Comunicação (1970); Por que Audiovisual? (1970); A Tecnologia do Ensino e o Centro Audiovisual Mackenzie (1970); A Libertação do Professor pela Máquina (1971); Recursos Audiovisuais (1971); Atitude Psicológica e Pedagógica do Professor ante o Audiovisual (1974); Tecnologia da Educação e o Processo Educativo (1975); Tecnologia da Educação e o Ensino Superior (1978); Tecnologia da Educação (1978)<sup>7</sup>.

Além dos diversos trabalhos publicados em português em revistas brasileiras, ele publicou artigos em inglês, na Universidade de Indiana nos Estados Unidos, em 1961, e participou de um simpósio na Universidade de Michigan, em 1960.

Em relação aos livros publicados, podemos citar: *Ensine Melhor com Modelos* (1967); *Manual Audio-Visual*<sup>8</sup> (1968); *Técnicas Audiovisuais de Educação* (1970); *Os Recursos Audiovisuais e a Renovação Didática* (1972); *Metodologia dos Recursos Audiovisuais: estudo fundamentado na psicologia genética de Jean Piaget* (1973); *Ensino Individualizado – Programas e Materiais* (1978); *Pensamento lógico e interação social: um estudo fundado na teoria de Jean Piaget* (1981); *Adolescente segundo Piaget* (1983); *Caminhos do Ensino* (2002)<sup>9</sup>.

Com base nos dados coletados, é possível analisar os trabalhos do autor referentes aos anos de 1963 a 1983, dos quais a maioria apresenta a palavra “audiovisual” no título e observa-se uma correlação entre eles no que diz respeito às técnicas sobre o uso desses recursos no ensino<sup>10</sup>.

### **Percurso teórico-metodológico da pesquisa**

Esta dissertação de mestrado objetiva investigar as contribuições de Nélío Parra sobre as técnicas audiovisuais na educação e identificar as referências teóricas que fundamentaram suas proposições didáticas para a formação de professores. Como argumento central dessa

---

<sup>7</sup> No Apêndice A, encontra-se a lista completa dos artigos e livros publicados pelo professor.

<sup>8</sup> O termo Audio-Visual aparece nos documentos inicialmente grafado Audio-Visual, no entanto essa grafia em meados dos anos 60 modifica e o termo passa a ser Audiovisual. Ver, por exemplo, a matéria publicada na revista *Audiovisual*, nº 14, 1962.

<sup>9</sup> Não foi possível encontrar a data que o professor Nélío Parra se aposentou.

<sup>10</sup> A coleta de dados foi realizada com base no site <https://dedalus.usp.br/> e também através da visita à biblioteca da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP).

dissertação, pretendo responder a seguinte questão: qual foi o conhecimento sobre a didática e os saberes sobre os recursos audiovisuais que Nélio Parra propagou?

As questões de pesquisa a seguir tentarão ser respondidas nos próximos capítulos:

- Quais foram as contribuições de Nélio Parra para o campo da didática referente ao seu discurso sobre os recursos audiovisuais?
- Quais os saberes que Nélio Parra constrói sobre os recursos audiovisuais e sobre os materiais didáticos, no período de 1963 a 1983?
- Quais foram as contribuições de Nélio Parra para a renovação da educação com base nos estudos de Jean Piaget? Qual a sua relação com os recursos audiovisuais?

O recorte temporal 1963 a 1983 foi delimitado considerando-se que entre esses anos, Nélio Parra desenvolveu atividades a respeito da sua carreira profissional na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo e o professor consolida a disciplina de didática focada nas técnicas audiovisuais de ensino, além de escrever uma boa parte da sua produção intelectual.

As ideias e livros publicados por esse autor foram considerados inovadores nas décadas de 1960 e 1970. Por meio dos recursos audiovisuais, Parra estabeleceu um vínculo entre a tecnologia educacional e a renovação didática, transferindo a atenção para o aluno, uma vez que o uso desses recursos passa a ser um desafio e uma fonte de informação, que irá possibilitar a análise, investigação e comparação da mensagem.

Os recursos audiovisuais podem ser vistos como ferramentas auxiliares para a comunicação, conforme exemplifica o autor:

Em nossos dias, o educador com formação mais sólida, sem os arroubos característicos dos "novos ricos", considera os auxiliares audiovisuais como ferramentas importantes em sua comunicação. O desenvolvimento de todo um novo instrumental, que veio a se incorporar aos mais antigos, foi acompanhado, também, por uma evolução em sua metodologia. (PARRA, 1985, p. X).

Dessa forma, a importância dada aos recursos audiovisuais pode ser justificada por tornar a realidade mais compreensiva e trazê-la para dentro da sala de aula. Parra menciona que esses recursos podem criar uma atmosfera que envolve emocionalmente os alunos e levá-los a um trabalho ativo. Além de que, se esses elementos forem bem utilizados, eles podem auxiliar na compreensão de uma mensagem e permitir que as informações fossem transmitidas de forma mais eficaz.

Em um dos seus livros, *Técnicas Audiovisuais de Educação*, primeira edição publicada em 1970, Parra considera que ao fazer o uso de objetos dentro da sala de aula, é importante observar os processos comportamentais e a participação do aluno, sendo a imagem mental uma construção interior pela qual as ações da criança perpassam, sendo fundamentais para alcançar a aquisição do conhecimento. Os recursos audiovisuais bem utilizados, planejados e produzidos podem despertar, de forma superior à mera exposição oral, a atenção dos alunos e manter o seu interesse por mais tempo (PARRA, 1985, p. 8).

A partir dos pressupostos de Parra, isto é a ideia de que os recursos audiovisuais poderiam contribuir com o ensino por conduzirem uma aula mais dinâmica e devido ao fato de o conteúdo ser tratado de forma concreta, assim, esses objetos darão origem a uma aprendizagem mais permanente, assumindo um papel mais amplo na Tecnologia Educacional, em que propõe otimizar os sistemas de formação e atingir o sucesso educacional.

Como afirmado anteriormente, o movimento da Tecnologia Educacional na segunda metade do século XX inicia com a ênfase nos meios audiovisuais incidindo sobre objetos, equipamentos e processos de ensino. É neste sentido que esta pesquisa se apoia nos estudos sobre cultura material.

A respeito desta temática, pode-se considerar as ideias de Poulot (2018), que menciona o fato de a preocupação dos historiadores nas duas últimas décadas ter se voltado para a análise dos objetos para esclarecer as condutas, tomando-as no centro de uma comunidade, em uma perspectiva da história social ou antropológica. Desse modo, o interesse pela cultura material passa a fazer parte da reconstrução do contexto em que o objeto está inserido, não somente a respeito da sua circulação, mas também da sua eventual redefinição, uma vez que é importante considerar o contexto histórico e a abordagem em termos de consumo para conseguir contribuir para a história da criação cultural.

Martin Lawn (2018) chama a atenção para a chegada dos objetos nas escolas como salvadores e cruciais para a inovação. E esses objetos são culturalmente moldados e produzidos de acordo com as rotinas cotidianas das pessoas, vinculando-os às salas de aula e aos professores, como exemplo, observam-se o lápis, o giz, as janelas, as lâmpadas, as chaves e as paredes que são cruciais para o processo de ensino e aprendizagem e são inseridos como parte da escola.

O autor também cita a cultura material na educação como um artefato dentro de sistemas e como um discurso em que o valor dos objetos materiais é decidido a partir do seu valor de uso. Dessa forma, cultura material em educação pode ser assimilada com a tecnologia, pois, para o uso de uma ferramenta, é preciso construir um conjunto de princípios, procedimentos e

processos para concretizar os propósitos, isto é, é necessário perceber a estrutura material, os conceitos de trabalho e uma série de ideias a respeito do sistema de conhecimento.

Assim, Souza e Oliveira (2018) ressaltam que o historiador da materialidade não pode dispensar o modo pelo qual os objetos escolares estão interligados na constituição dos saberes pedagógicos e nas redes de legitimidade científica, sendo necessário compreender a existência de determinada cultura material escolar na história da educação e como ela se transforma ao longo dos anos com o avanço da tecnologia, mediante as relações e contingências que possibilitam a sua permanência, transformação ou ausência. A Tecnologia Educacional no início da segunda metade do século XX instituiu discursos e práticas em torno dos objetos e materiais de ensino. Os saberes produzidos por Nélio Parra sobre as técnicas e metodologia dos audiovisuais referem-se a vários materiais e equipamentos, decorrendo, dessa maneira, o diálogo que buscou-se estabelecer nesta dissertação com a cultura material.

A atuação de Nélio Parra como professor, pesquisador e autor de textos didáticos e acadêmicos, permite considera-lo como um intelectual nos termos propostos por Angela Gomes e Patrícia Hansen, isto é, “[...] homens da produção de conhecimentos e comunicação de ideias, direta ou indiretamente vinculados à intervenção político-social.” (GOMES e HANSEN, 2016, p. 10).

Os intelectuais são caracterizados pela vocação científica ou pela especialização que lhes confere o capital cultural ou o poder simbólico. A centralidade que as variáveis culturais assumem para a compreensão de mundo dos intelectuais é cada vez mais pensada em seus pares e com uma sociedade mais ampla. A figura do intelectual como sujeito pensante e agente se configura pelo aprendizado em conexão e entrelaçamento entre o cultural e o político.

A história cultural se interessa tanto pela produção de bens culturais quanto pela circulação desses bens considerando as operações de apreensão da realidade social, em função dos pontos de vista de seus sujeitos históricos, isto é, das percepções cognitivas e afetivas desses sujeitos. Com base em Roger Chartier, os autores ressaltam que os sentidos dos bens culturais estão nas práticas de apropriação que envolvem os processos de recepção pelo público, uma vez que os seus significados e valores podem ser relacionados ao processo de produção, em função de suas experiências de vida.

A mediação cultural é impactada pelas novas tecnologias, o que traz mudanças e inovações para esse mundo. Cabe aos intelectuais conhecerem aquilo que é mais ou menos aceitável e apreciável, em um determinado momento e lugar, para criar novos sentidos e conexões. Outra categoria utilizada pelos autores é a de mediador cultural, isto é,

O intelectual que atua como mediador cultural produz, ele mesmo, novos significados, ao se apropriar de textos, ideias, saberes e conhecimentos, que são reconhecidos como preexistentes. Com esses outros sentidos inscritos em sua produção, aquilo que o intelectual “mediou” torna-se, efetivamente, “outro produto”: um bem cultural singular. (GOMES e HANSEN, 2016, p. 18).

Ainda sobre a história dos intelectuais, Rémond (2003) afirma que, o historiador, incessantemente, está inserido no contexto de seu país e das múltiplas aderências, o qual pertence ao meio intelectual. De igual modo, observa-se o caráter polissêmico da noção de intelectual.

Com frequência se destacou o caráter polissêmico da noção de intelectual, o aspecto polimorfo do meio dos intelectuais, e a imprecisão daí decorrente para se estabelecer critérios de definição da palavra, de tanto que esta noção e esta palavra evoluíram com as mudanças da sociedade francesa. Por esta última razão, é preciso, a nosso ver, defender uma definição de geometria variável, mas baseada em invariantes. Estas podem desembocar em duas acepções do intelectual, uma ampla e sociocultural, englobando os criadores e os "mediadores" culturais, a outra mais estreita, baseada na noção de engajamento. No primeiro caso, estão abrangidos tanto o jornalista como o escritor, o professor secundário como o erudito. Nos degraus que levam a esse primeiro conjunto postam-se uma parte dos estudantes, criadores ou "mediadores" em potencial, e ainda outras categorias de "receptores" da cultura. É evidente que todo estudo exaustivo do meio intelectual deveria basear-se numa definição como esta. (RÉMOND, 2003, p. 238).

Para esse autor, a história política dos intelectuais passa pela pesquisa e pela análise de textos, a circulação e a transmissão possuem um papel decisivo, podendo exercer uma influência cultural e política. Assim, no meio intelectual, os processos de transmissão cultural são fundamentais.

O intelectual que atua como mediador cultural produz novos significados ao relacionar-se com textos, saberes e conhecimentos, podendo construir novas memórias dos grupos sociais. Ele pode dedicar-se a um público específico e, em muitos casos, possui relações com instituições culturais. Nélio Parra atuou em várias instituições científicas de publicação e difusão de conhecimento como o CRPE e a Universidade de São Paulo.

Para a realização da pesquisa foram selecionadas como fontes os livros de Nélio Parra sobre os meios audiovisuais na educação.<sup>11</sup> Essas obras estão disponíveis na biblioteca da Faculdade de Filosofia e Ciências – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de

---

<sup>11</sup> No Apêndice B existe uma série de outras produções de Nélio Parra, elas poderão servir como objeto de pesquisa posterior e elas não serão detalhadas neste trabalho, pois o foco principal foi selecionar os livros que mencionam os recursos audiovisuais e as suas técnicas de como utilizá-los no ensino.

Marília. O memorial deste professor pode ser encontrado na Biblioteca da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo<sup>12</sup>.

Quadro 01 – Livros de Nélio Parra (1968-2002)<sup>13</sup>

<b>NOME DA OBRA</b>	<b>ANO DA 1ª EDIÇÃO</b>	<b>EDIÇÃO UTILIZADA NA PESQUISA</b>
Manual Audio-Visual	1968	1968
Técnicas Audiovisuais de Educação	1970	1985
Metodologia dos Recursos Audiovisuais: estudo fundamentado na psicologia genética de Jean Piaget	1973	1977
Ensino Individualizado – Programas e Materiais	1978	1978

Fonte: Elaboração própria com base nos catálogos das bibliotecas da USP e UNESP/Marília, 2023.

Para este estudo, serão utilizados como procedimentos metodológicos a pesquisa documental e bibliográfica. Considerando-se as ideias de Le Goff (1990), o pesquisador não pode ser simplório diante das fontes documentais, pois elas representam a identidade de um povo, são produzidas pela sociedade a que pertencem, e a sua significação aparente deve ser desmistificada. O caráter arbitrário deve ser relativo ao uso dos documentos no ofício do historiador.

Para a fundamentação desta dissertação realizou-se uma revisão bibliográfica no site da CAPES. No catálogo de dissertações e teses no período de 1987<sup>14</sup> e com os descritores: Recursos Audiovisuais e Tecnologia Educacional, no total, foram localizados 65 trabalhos, mas pelos critérios sobre a temática de recursos audiovisuais e tecnologia educacional, sob o prisma da História da Educação, foram identificados apenas 3 trabalhos. Desses, todos são dissertações de mestrado.

No mesmo período, foi realizada uma busca com o descritor “Nélio Parra”, mas não foi localizado nenhum trabalho sobre o professor e suas contribuições sobre Tecnologia Educacional para o campo da educação nacional na segunda metade do século XX.

<sup>12</sup> Ao investigar sua carreira, não encontrei nenhum estudo já realizado a respeito de sua trajetória na Universidade, sendo considerado inexistente qualquer tipo de plano de aula ou qualquer outro título. Foi possível encontrar apenas suas publicações, que também podem ser acessadas no portal de busca integrada da Universidade de São Paulo.

<sup>13</sup> De acordo com o site banco de dados bibliográficos da Universidade de São Paulo (<https://dedalus.usp.br/>), os livros encontram-se em sua primeira edição.

<sup>14</sup> Esse período foi aplicado, pois o ano de 1987 é o primeiro ano disponível para buscas.

Quadro 02 – Temática: Recursos Audiovisuais e Tecnologia Educacional no Brasil

<b>TÍTULO</b>	<b>AUTOR</b>	<b>TIPO DE MATERIAL</b>	<b>ANO</b>
As faculdades de formação de professores do interior de Pernambuco: processo técnico-administrativo	Maria Marly de Oliveira	Dissertação	1987
Utilização de recursos audiovisuais nos estabelecimentos de ensino de 1º grau	Marcia Quintino	Dissertação	1987
“A vez é nossa”: uma televisão de como alfabetizar adultos	Alice Rolim Pontes Costa	Dissertação	1987

Fonte: Elaborado pelo autor.

Portanto, frente aos poucos trabalhos encontrados referentes ao tema e à não localização de estudos em relação ao professor Nélio Parra, é válido ressaltar a importância da investigação proposta neste estudo, uma vez que o autor constrói saberes sobre os recursos audiovisuais e, nas suas produções, é criada uma teoria a respeito da importância das técnicas e do uso desses materiais no ensino.

Essa dissertação está estruturada em três partes. Introdução, onde são apresentados os objetivos do trabalho, os dados biográficos do autor analisado, o referencial teórico metodológico e as fontes de pesquisa; o Capítulo II, que procura situar a história da didática e como ela se transforma nos anos de 1950 e 1960, em interface à carreira acadêmica de Nélio Parra, sua contribuição para o campo da Didática e o saber que ele construiu a esse respeito. Em específico, serão analisadas as seguintes obras: Manual Audio-Visual e Ensino Individualizado – Programas e Materiais. O primeiro livro foi selecionado por apresentar uma simples descrição sobre os recursos audiovisuais e conceituá-los para as crianças do pré-primário e do jardim da infância. Nélio Parra pretendia mostrar aos professores que o uso desses recursos estava diretamente relacionado a princípios psicológicos e metodológicos. Em continuidade ao tema sobre o uso dos recursos audiovisuais em sala de aula, a segunda obra foi adotada por mencionar os principais modelos de instrução individualizada utilizados na época e por relatar a posição de Parra frente à limitação desses planos, o qual envolve o papel do educador e a prática no ensino.

O terceiro e último capítulo busca mostrar as técnicas e materiais que Parra construiu a respeito dos recursos audiovisuais e como ele os disseminou para o ensino. Como base foram utilizados os livros: Técnicas Audiovisuais de Educação e Metodologia dos Recursos Audiovisuais: estudo fundamentado na psicologia genética de Jean Piaget. A primeira obra

considera os materiais audiovisuais ferramentas importantes para o ensino, dessa forma, os autores escreveram sugestões para os educadores que enfatizam a atuação do aluno em sala de aula, considerando os mais simples esquemas visuais e motores, até as mais elevadas operações intelectuais. O segundo livro foi analisado por propor uma metodologia a respeito dos recursos audiovisuais, o qual busca cumprir os requisitos teóricos de uma didática renovada. Para isso, Nélío Parra desenvolveu um estudo baseado na psicologia genética de Jean Piaget sobre a teoria da percepção e da imagem mental, que serviu como requisito para nortear a utilização dinâmica desses recursos e serem auxiliares no trabalho do professor.

## **2 A CONSTRUÇÃO DE UMA DIDÁTICA COM ENFÂSE NOS RECURSOS AUDIOVISUAIS**

O objetivo desse capítulo é mostrar como Nélio Parra colaborou para a construção do conhecimento da disciplina de Didática através da produção de conhecimento sobre os recursos audiovisuais nas décadas de 1960 e 1970. Isso significa que a produção de Parra acompanhou o movimento da Didática instrumental, podendo trazer aos seus estudos e publicações uma didática renovada.

Assim, é válido ressaltar a trajetória da Didática tendo em vista sua consolidação de disciplina acadêmica. Uma disciplina como esclarece Chervel (1990) pode ser compreendida como tudo aquilo que se ensina e que serve de instrução para o aluno.

Ofertar uma disciplina é o mesmo que ofertar métodos e abordar os diferentes domínios do pensamento, do conhecimento e da arte, sendo os conteúdos de ensino impostos de acordo com a escola, a sociedade e a cultura que os rodeiam. Pois fazer pedagogia é ligar as disciplinas diretamente às ciências.

O pedagogo possui como função interligar os métodos de modo que permita aos alunos assimilarem o mais rápido e da melhor forma possível o conteúdo, uma vez que a escola não se define como transmissora dos saberes, mas sim designa aos ensinamentos resultados concretos dos quais eles produziram.

Desse modo, a história das disciplinas escolares coloca os conteúdos no centro de suas preocupações e renova as problemáticas tradicionais. Além disso, as disciplinas intervêm na história cultural da sociedade, isto é, elas transpõem os muros da escola e exercem influência sobre a cultura de seu tempo. Assim, “as disciplinas são o preço que a sociedade deve pagar à sua cultura para poder transmitir no ambiente da escola ou do colégio.” (CHERVEL, 1990).

Nesse contexto, Castro e Reis (2018) analisam a trajetória da Didática, que surgiu formalmente no século XVII em busca de uma instrução popular para a reforma religiosa e social, podendo ser considerada um instrumento político para romper com a hegemonia da educação católica medieval e para o enfrentamento das contradições políticas, éticas e sociais.

Assim, a Didática foi analisada por vários pensadores de diversos campos das ciências. Nos séculos seguintes, ela obteve um destaque na área da Psicologia, o que originou estudos a respeito da criança e, posteriormente, influenciou o campo pedagógico e filosófico, entre outros.

Através da Reforma de 1847, por ocasião da fusão do curso da Escola Normal com o Liceu Provincial, apareceu no Brasil a Didática como disciplina ou corpo dos saberes em

instituições de formação de professores, o que possibilitou a formação diversificada de docentes do ensino preliminar e ensino médio.

O curso de formação de professores e o seu preparo se correlacionaram com a obrigatoriedade da Didática nos programas de ensino. Dessa forma, em 1939, a Didática surgiu como curso e disciplina, momento em que entrou no ensino superior e foi introduzida uma divisão na formação pedagógica dos futuros professores, ficando com duração de um ano para os bacharéis interessados na formação docente.

Trevisan (2011) menciona que no mesmo ano foi instituído o curso de Pedagogia no Brasil.

O curso de Pedagogia no Brasil tem pouco mais de 70 anos de existência, foi instituído por ocasião da organização da Faculdade Nacional de Filosofia, da Universidade do Brasil, pelo Decreto-lei nº 1.190 de 4 de abril de 1939. Essa Faculdade se estruturou em quatro seções: Filosofia, Ciências, Letras e Pedagogia, mais a seção de Didática, considerada seção “especial”. (TREVISAN, 2011, p. 30).

Assim, o curso foi organizado pelas seguintes disciplinas: didática geral, didática especial, psicologia educacional, administração escolar, fundamentos biológicos da educação e fundamentos sociológicos da educação. E, para que o pedagogo obtivesse a licenciatura, era necessário cursar as disciplinas Didática Geral e Especial.

Segundo Castro e Reis (2018), entre as décadas de 1950 a 1970, a Didática passou a discutir questões sobre planejamento, execução e avaliação do processo pedagógico em sala de aula e também dos elementos do ato didático, como aluno, professor, matéria e método. A partir de 1970, passa a ser compreendida como estratégia para o alcance dos produtos previstos para o ensino e aprendizagem. Assim compreendida, a Didática estava presente desde a organização do currículo, passando pelas técnicas, pela relação entre teoria e prática, pelo planejamento, como os planos de aula e de ensino e o Projeto Político Pedagógico da escola. O professor era o principal articulador durante as etapas, pois aumentava os desafios no ato de ensinar, por assumir e estar à frente do processo de formação com bases científicas e de reflexões com o domínio da dimensão técnica.

Portanto, as técnicas de ensino apresentadas pelas autoras, como aulas expositivas de modo crítico e analítico, oferecem um conjunto de possibilidades que o professor tinha à disposição e deveria buscar total domínio quanto aos seus objetivos, desenvolvimento e limites no ensino, para que assim conseguisse produzir a aprendizagem.

No entanto, a disciplina de Didática sofreu um forte impacto nos anos de 1960, por consequência do desenvolvimento da Tecnologia Educacional e do Ensino Programado, que enfatizava os recursos tecnológicos, uma forma sistêmica de planejar o processo de ensino e aprendizagem, baseando-se em conhecimentos científicos para alcançar os objetivos de formar eficaz. Dessa maneira, os cursos de Didática passaram a privilegiar a formulação dos objetivos instrucionais, a construção de instrumentos de avaliação, o uso de diferentes técnicas e recursos didáticos. Os modelos sistêmicos passaram a ser estudados, assim como as habilidades de ensino são treinadas e analisadas.

Entretanto, nas décadas de 1970 os professores de 1º e 2º graus enfrentavam precárias condições econômicas das escolas e dos alunos, como classes superlotadas, taxas significativas de evasão, repetência e conteúdos inadequados. Assim, a partir da década de 1970, muitas críticas foram feitas a Didática pela falsa neutralidade da perspectiva técnica dos reais compromissos político-sociais, sendo a prática pedagógica vinculada a uma perspectiva tecnicista.

Assim didática, por sua vez, assume um compromisso com a transformação social, busca analisar a prática pedagógica, suas dimensões técnica e humana, para tornar o ensino de fato eficiente para a maioria da população. Além disso, pretende romper com a prática profissional individualista, promove um trabalho em comum entre os professores e especialistas e o seu desafio é a construção de uma didática fundamental.

Na mesma direção, Garcia (2017) ressalta que durante a década de 1970 o saber sobre o campo da Didática e da Prática de Ensino em termos de produção intelectual foi legitimado. O caráter técnico e instrumental que se configurou procurava a racionalidade, a produtividade e a eficiência no ensino. Foi nesse contexto de prevalência do tecnicismo na Didática que Nélio Parra escreveu seus primeiros livros sobre os recursos audiovisuais na educação: Manual Audio-Visual (1968), Técnicas Audiovisuais de Educação (1970), Metodologia dos Recursos Audiovisuais (1973) e Ensino Individualizado (1978). Mas é preciso ressaltar que o pensamento de Nélio Parra sobre os recursos audiovisuais foi muito influenciado pelas teorias de Jean Piaget. Pode-se mesmo dizer que Nélio Parra colaborou com a construção do conhecimento da Didática mais voltado para a tendência com foco no Escolanovismo.

Nesse período, a Pedagogia e a Didática viveram uma crise caracterizada por um momento de desequilíbrio do campo, seu objeto de estudos e suas práticas foram abalados pelo impacto da progressiva hegemonia que o discurso sociológico de caráter marxista propagou no campo educacional. Essa crise colocou em questão o campo de estudos e as estratégias do meio acadêmico.

Um exemplo a respeito da colaboração de Parra para a educação é a participação no livro *Didática para a Escola de 1º e 2º Graus*<sup>15</sup>, em que escreveu dois capítulos sobre os recursos audiovisuais como auxiliares ou meios para o ensino.

É válido ressaltar que esse livro foi escrito por um grupo de professores da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo e da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, que pretendiam colaborar para a formação pedagógica dos licenciados contribuindo com textos para estudo e discussões em classe.

O objetivo era selecionar alguns aspectos da atividade didática que sofreram impactos na aceleração da renovação pedagógica, a qual foi impulsionada pela evolução científica no processo educacional e foi reajustada pelas transformações da sociedade.

O título da primeira edição foi *A Didática da Escola Média*, publicado em 1969 sendo a segunda edição alterada para *Didática para a Escola de 1º e 2º Graus*, devido à modificação da denominação da etapa escolar pela Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, que fixou diretrizes e bases para o Ensino de 1º e 2º Graus<sup>16</sup>.

A sexta e a sétima edições, ainda com a preocupação de estabelecer ao professor e estudante de educação informações básicas sobre a ciência e a arte de ensinar, relatam sobre a realidade educacional em termos quantitativos e qualitativos, como a evasão escolar, a reprovação, entre outros. Problemas esses que passam a exigir muito mais do professor.

Consta na contracapa o público alvo do livro:

*Didática para a Escola de 1º e 2º Graus* constitui leitura obrigatória para os estudantes dos cursos de Pedagogia e das Faculdades de Educação, e para os professores que desejem atualizar-se com vistas aos concursos para o Magistério – a obra tem sido indicada em todas as bibliografias oficiais. (CASTRO et al., 1981, contracapa).

Tudo indica que este livro teve uma boa aceitação nos cursos de formação de professores pois a 7ª edição foi publicada em 1981 e a 8ª em 1983 quando foram publicados 50.000 exemplares. As bases da Didática defendida pelo grupo de docentes da USP e da Unicamp podem ser vistas a partir de alguns capítulos do livro apresentados a seguir.

---

<sup>15</sup> A primeira edição com o título *Didática para a Escola de 1º e 2º Graus* foi publicada em 1972, mas a análise feita nesta dissertação é com base na 7ª edição, referente ao ano de 1981. Participaram como autores: Amélia Domingues de Castro, Gilda César Nogueira de Lima, Anna Maria Pessoa de Carvalho, Maria Aparecida Cintra, Clara Alterman Colotto, Nélio Parra, Edna Chagaz Cruz e Newton César Balzan.

<sup>16</sup> Como se vê no art. 1º da Lei 5.692/71: “O ensino de 1º e 2º graus tem por objetivo geral proporcionar ao educando a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades, como elemento de auto realização, qualificação para o trabalho e preparo para o exercício consciente da cidadania”.

Cintra (1981), no capítulo “Os Métodos Ativos e a Escola Nova”, analisa as melhorias no processo de ensino a partir da metodologia ativa, a qual obteve influência das transformações sociais e econômicas ocorridas no início do século no país. E refletiu no campo da educação por meio de movimentos da renovação pedagógica.

Dessa forma, a chamada Escola Nova foi consequência das mudanças de condições de vida, das descobertas científicas e do progresso das técnicas. Sendo o desenvolvimento das ciências e da industrialização decorrente de novas necessidades e novos tipos de ensino.

A partir das influências das novas ideias filosóficas e desse novo cenário, a aplicação de métodos das ciências experimentais na educação contribuiu para fundamentar princípios e ideias. Em suma, os métodos ativos passam a considerar a infância como uma fase no processo do desenvolvimento humano, em que a atividade depende do aluno e o seu esforço e experiência pessoal conquistarão o estado adulto.

Isto é, os métodos ativos baseiam-se no princípio de que a criança é um ser em desenvolvimento e a atividade é condição para seu crescimento físico e intelectual. O termo ativo significa participação ativa do sujeito na construção de sua aprendizagem. Essa atividade é compreendida no seu sentido funcional e de realização, podendo ser válida em todos os níveis de ensino, desde as classes elementares até as universidades.

Os métodos possuem suas bases na psicologia genética, os quais procuram ajustar as estruturas mentais de cada etapa do desenvolvimento da criança às técnicas educativas. E, com relação à vida social, reservam um lugar como fator determinante para o seu desenvolvimento intelectual e moral.

O papel do professor é colaborar com o seu conhecimento e a sua experiência. Já o aluno precisa aprender a procurar informações, visto que o saber se funda na atenção e na memória, transformando a aquisição dessas informações em saber operatório. Desse modo, é importante saber conciliar o respeito entre esses dois indivíduos, conduzindo os princípios da conduta moral.

Para Cintra, a Escola Nova significa um ambiente rico de experiências e de situações que implicam as atividades intelectuais em vivência real dos problemas escolares, disponibilizando a melhoria da educação e novas propostas para os problemas de ensino<sup>17</sup>.

Nesse contexto, no capítulo “Princípios e Critérios para o Planejamento das Atividades Didáticas”, Cruz (1981) menciona o planejamento da ação educativa como a passagem da teoria

---

<sup>17</sup> Cintra (1981) elabora uma tabela comparando as características da Didática da Escola Tradicional com a Didática da Escola Nova. Encontra-se no Apêndice B.

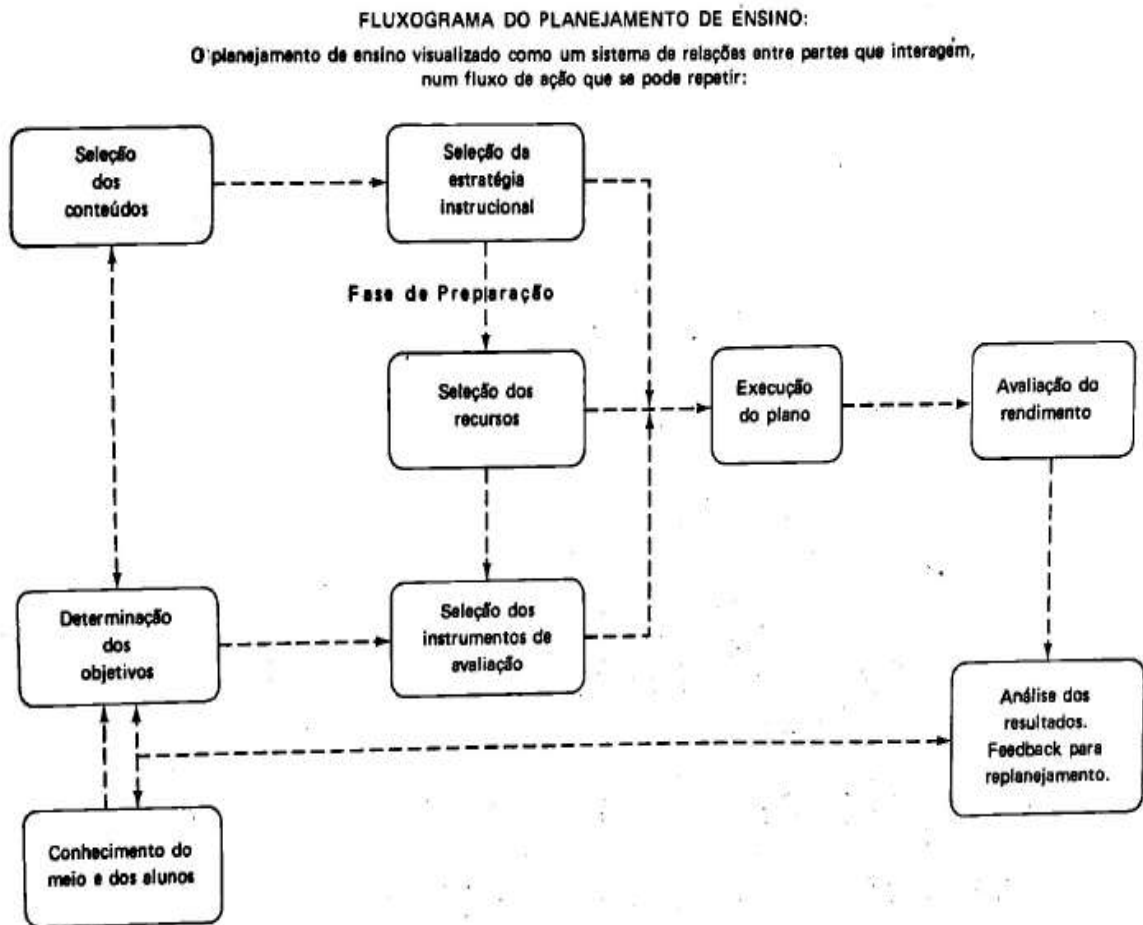
para a prática. Este processo é conceituado por tomadas de decisões sobre possíveis alternativas e sobre critérios de seleção a respeito de cada um dos aspectos abrangidos.

A organização e a execução dos planos de educação demandam das responsabilidades das ações dos Estados, órgãos governamentais e também da instituição de ensino. Em relação a este último, o planejamento por parte do docente implica em atividades que garantem a estimulação necessária, através do método, das técnicas, dos procedimentos e dos recursos, que conduzirão os alunos à apreensão de objetivos específicos e estes objetivos levarão à aquisição do conhecimento.

A autora apresenta alguns fatores que contribuem para a ideia da unidade didática no ensino e aprendizagem, como a variação em função de cada matéria, a execução de forma diferente conforme os alunos que as devam aprender e adaptar-se às exigências do nível de ensino em que serão aplicadas.

Desse modo, planejar as atividades de ensino precisa contemplar conjuntos significativos do meio, baseados nos esquemas de vida. Assim, a autora apresenta essas ideias em forma de fluxograma, como mostrado na página 35:

Figura 2 – Fluxograma do Planejamento de Ensino



Fonte: Edna Chagas Cruz, 1981, página 39.

De acordo com alguns conceitos apresentados neste livro, como as mudanças ocorridas no ensino e o planejamento das atividades, em 1972, em contexto com a Lei nº 5.692/71, Nélío Parra apresenta suas ideias, as quais foram sintetizadas em dois capítulos e contribuem na sua atuação com a didática.

No primeiro capítulo, denominado: As Técnicas Audiovisuais no Ensino, o autor descreve os recursos audiovisuais como meios auxiliares que se dirigem aos órgãos sensoriais, principalmente aos estímulos visuais e auditivos. Isto é, esses meios são caracterizados como instrumentais e foram limitados aos elementos materiais<sup>18</sup>, podendo ser considerado um recurso desde uma ilustração em papel, até um filme ou um programa de televisão.

<sup>18</sup> O autor definiu materiais como os meios pelos quais transportamos os códigos ou elementos para um determinado público.

Parra (1981) afirma que os recursos audiovisuais dispensam técnicas de utilização, porém essas técnicas decorrem tanto do aspecto material dos mesmos como de sua inserção em uma metodologia mais ampla e renovada. Um exemplo é a imagem material que representa um símbolo e pode ser classificada oferecendo ao indivíduo um significado e um significante.

Para esse autor os meios de comunicação audiovisuais criaram uma nova situação pedagógica e cultural. Apesar do desconforto por parte de alguns pedagogos em relação à proliferação de máquinas nas atividades educativas, há de se ressaltar a multiplicação dos veículos de comunicação.

O autor ainda menciona que algumas pesquisas mostraram o uso desses meios muito mais frequentados pelos jovens do que pelos adultos. É importante lembrar que esta geração nasceu em meio a esses veículos, aprendendo desde cedo a sua linguagem e possuindo uma familiaridade maior com as mensagens audiovisuais, ao contrário dos adultos que ainda estão presos a uma cultura mais antiga, e precisam passar por uma aculturação.

Frente a essa colocação, o professor que pretenda se inserir no mundo das imagens e levá-las para as suas aulas é necessário superar o temor pela técnica, instruir-se e incluir-se no universo icônico, para que assim consiga alcançar a geração jovem em relação à manipulação das imagens.

A novidade dos meios audiovisuais veio para surpreender a pedagogia. O professor deve ter claro que o desenvolvimento do indivíduo, em específico o seu aspecto intelectual, preestabelece compreender melhor alguns veículos e não compreender outros. É preciso avançar nos processos intelectuais mais elevados, para entender como o aluno chega à formação das noções, dos conceitos e como ele aprende. Esse profissional precisa criar condições favoráveis para que o aluno possa chegar, por si mesmo, à verdade. Logo, esse aluno é considerado como o agente, o que aprende, e sua aprendizagem depende dessa atividade para tornar-se o sujeito de sua ação.

Cabe ao professor a responsabilidade de usar os recursos audiovisuais com uma certa indagação, pergunta e problema. Além de criar condições favoráveis para o desenvolvimento da capacidade de observação, do espírito crítico e da criatividade, para que o aluno obtenha a necessidade de pesquisar, fazer consultas a diferentes fontes e que todos os seus esquemas anteriores sejam mobilizados.

Parra cita algumas técnicas didáticas que podem ser trabalhadas com êxito sobre os recursos audiovisuais, como o planejamento adequado por parte do professor, a criatividade e a definição do que se pretende atingir. Assim, esse profissional pode utilizar uma ilustração ou

um dispositivo para desenvolver uma série de atividades, entre elas, a observação, possibilitando aos alunos discutir, comparar, analisar e tirar conclusões a respeito da imagem.

Através desse trabalho de observação, o professor desenvolverá em seus alunos a atitude ativa e crítica, proporcionando um diálogo da comparação e a análise das informações. Sendo importante também conhecer os princípios que orientam a maneira de perceber a imagem, além de se atentar à faixa etária dos alunos para que possam usar os recursos audiovisuais de maneira eficiente.

Portanto, através das técnicas que Nélio Parra propôs sobre os recursos audiovisuais em relação à sua utilização de forma eficaz no ensino, ele contribui para o campo da Didática, disseminando suas ideias por meio de seus estudos e escritos em artigos e livros, o que auxilia a formação e a prática docente.

O professor contribui com um segundo capítulo denominado “Instrução Individualizada”, o qual cita que um dos objetivos da escola é o da preparação do aluno para viver em sociedade, sendo essa formada por indivíduos desiguais, nos aspectos cognitivos, afetivos e psicomotores.

Assim, os estudantes são considerados diferentes em diversos aspectos, inclusive na aprendizagem, sendo que apenas uma técnica não satisfaz plenamente todas as necessidades individuais. Por esse fato, a escola tem que reconhecer que os alunos são diferentes e as contribuições da tecnologia podem auxiliar nessa questão, oferecendo alternativas diversas de programação de ensino e equipamento.

Parra, também alerta que, mesmo com o emprego da tecnologia, o professor continuava preso a um esquema de transmitir informações a um grupo de alunos. O uso limitado desses recursos sofreu influências do psicólogo norte-americano Skinner, sendo a sua teoria baseada no reforço e estímulos que aumentam a probabilidade de repetição de um ato, isto é, quanto maior for a frequência da ação reforçada, mais provável será que o indivíduo repita o ato. Em vista disso, o educador poderia estruturar a aprendizagem de modo a reforçar os comportamentos desejáveis.

O autor menciona que a Instrução Programada como uma fonte autodidática de ensino apresenta as informações de forma gradual e com uma sequência lógica, do mais simples ao mais complexo, do mais concreto ao mais abstrato, oferecendo ao aluno passo a passo, de acordo com o seu próprio ritmo e velocidade, para que assimile os conhecimentos. O conteúdo deve ser dividido em elementos, de modo que o aluno, partindo de uma resposta já conhecida, seja levado a responder novas perguntas.

O programa precisa ser elaborado cuidadosamente com exercícios ordenados, a fim de desenvolver a capacidade do aluno de comportar-se, ou seja, elaborar um programa é dividir o conhecimento a ser assimilado em etapas, com uma sequência lógica e progressiva, dirigindo o aluno para uma determinada resposta. Esses programas podem ser apresentados de diversas formas. Segue um exemplo:

Figura 3 – Programa Linear

1. Aprender deve causar prazer. No entanto, no começo da aprendizagem, os alunos geralmente cometem muitos erros.  
A maioria das pessoas (não gosta – gosta) de cometer erros.  
(não gosta).
2. Quando o aluno comete muitos erros na aprendizagem de uma disciplina, pode acabar concluindo que não gosta do assunto.  
A sua conclusão seria mais correta se ele dissesse que não gosta de cometer\_\_\_\_\_.  
(erros)
3. Durante muito tempo, educadores, psicólogos e o povo em geral pensavam que era impossível aprender sem cometer grande número de erros.  
Chegaram mesmo a dar um nome para este tipo de aprendizagem.  
Chamaram-na de aprendizagem por “ensaio e\_\_\_\_\_”.  
(erro)
4. Recentes descobertas da psicologia da aprendizagem colocam em dúvida a necessidade de se cometer erros para aprender.  
Se o material de ensino for cuidadosamente preparado ou PROGRAMADO de modo especial, o aluno pode dominar um assunto cometendo pouquíssimos erros. O presente material foi preparado ou \_\_\_\_\_deste modo especial.  
(programado)

Fonte: Nélio Parra, 1981, página 82.

É perceptível a síntese do pensamento do autor a respeito da renovação da didática, dos recursos audiovisuais como técnicas, a qual se encontra nos livros publicados, em específico, Didática para a Escola de 1º e 2º Graus, que escreveu em parceria com outros professores e também nas suas futuras obras, como o Ensino Individualizado: programas e matérias de 1978.

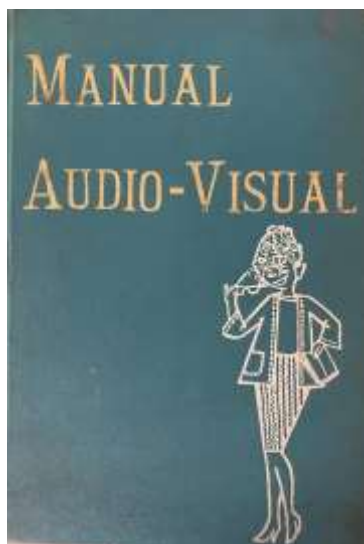
## 2.1 Os livros de Nélio Parra versando sobre as técnicas audiovisuais na educação

Em continuidade a dissertação e com a proposta de uma melhor visualização em relação as obras de Nélio Parra analisadas na pesquisa, vou apresentar sinteticamente cada um dos livros que foram selecionados. O primeiro livro de Parra a ser qualificado é o Manual Audio-

Visual (1968), com o intuito de instruir um pouco mais o leitor sobre os recursos audiovisuais e alertar os professores sobre a sua utilização para satisfazer as necessidades de integração dos alunos com o mundo, oferecendo experiências ricas e oportunidades variadas.

O Manual Audio-Visual tem como intuito fundamentar os auxiliares audiovisuais de acordo com o desenvolvimento mental das crianças do pré-primário e do jardim da infância, passando ao leitor uma simples descrição sobre esses recursos. Esse livro foi publicado em 1968, pela Editora e Encadernadora Formar LTDA, em São Paulo, possui 100 páginas, capa dura, imagens e as suas medidas são 16,5 x 23,5 cm.

Figura 4 – Manual Audio-Visual



Fonte: Nélío Parra, 1968.

O livro está organizado em uma apresentação escrita pelo próprio autor, não tem prefácio e nem orelhas. Sua contracapa também não possui informações. O índice com os tópicos aparece no final, o qual está ordenado como: Recursos Audiovisuais, Técnicas Audiovisuais, Vantagens dos Recursos Audiovisuais, Classificação dos Recursos Audiovisuais. Os recursos Audiovisuais e a Criança do Pré-Primário e do Jardim da Infância, Alguns Recursos Audiovisuais mais indicados para o Pré-Primário e para o Jardim da Infância.

Em suas referências aparece bastante o termo audiovisual e matérias, sendo fundamentadas em autores como David K. Berlo, J. W. Brown, H. Canac, James Kinder entre outros escritores americanos, franceses e brasileiros.

A página 7 possui uma breve descrição do autor sobre sua trajetória profissional. Consta que Nélío Parra era Licenciado em Filosofia, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Católica de Campinas. Especialista em Recursos Audiovisuais pela Indiana

University – E.U.A. Professor de Técnicas Audiovisuais de Educação da F.F.C.L. da Universidade de São Paulo e do Centro Regional de Pesquisas Educacionais “Prof Queiroz Filho” de São Paulo. Primeiro Presidente da Associação Brasileira de Educação Audiovisual.

Esse livro merece uma atenção especial, pois foi escrito com a intenção de informar e servir de base para os professores sobre como utilizar os recursos audiovisuais, sendo esses aspectos detalhados mais à frente.

Em 1970, Nélio Parra junto de sua esposa Ivone Corrêa da Costa Parra publicam o livro *Técnicas Audiovisuais de Educação*, com o intuito de fornecer ao educador uma formação mais sólida, considerando os auxiliares audiovisuais ferramentas importantes em sua comunicação. Essa obra foi divulgada até a sua 5ª edição pela Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais. O seu formato é de 16 x 23 cm, com 204 páginas.

Figura 5 – *Técnicas Audiovisuais de Educação*



Fonte: Nélio Parra, 1985.

O livro está organizado em prefácio e vinte e cinco capítulos: Comunicação e Recursos Audiovisuais; Vantagens dos Recursos Audiovisuais; Classificação de Recursos Audiovisuais; Psicopedagogia dos Recursos Audiovisuais; Comunicação Gráfica: Letreiros, Cor, Ilustração e Disposição dos Elementos; Técnicas de Utilização do Quadro-Negro; Flanelógrafo; Quadros Didáticos; Gravuras; Cartaz; Exposição; Álbum Seriado; Princípios Básicos de Fotografia; Diapositivos e Diafilmes; Episcopia; Retroprojeção; Cinema Educativo; A Televisão Educativa; O Gravador Magnético; Máquinas de Ensinar e Instrução Programada; Laboratório de Aprendizagem; A Análise de Sistema Aplicada ao Planejamento Educacional; Organização

e Administração de Centros Audiovisuais; Catalogação de Materiais Audiovisuais e Avaliação de Recursos Audiovisuais.

O prefácio é escrito pelos próprios autores, os quais comparam as inovações que se apresentam ao longo da história do ensino a um movimento pendular. Para eles, esse vaivém de inovações perturbou alguns educadores, levando-os a um ceticismo quanto à eficiência das técnicas didáticas. Os mais críticos julgaram e avaliaram os limites das novas propostas que lhes foram oferecidas como meios para melhoria das práticas de ensino, ou seja, houve resistência à implantação das mesmas.

Na contracapa há algumas informações relevantes sobre a obra: em 1964, Nélcio Parra, foi indicado pela Reitoria da Universidade de São Paulo pela *Ford Foundation* para fazer nos Estados Unidos um estágio em TV Educativa e em 1963, foi professor responsável pela disciplina “Técnicas Audiovisuais de Educação” na mesma universidade.

O autor conta que sua esposa, Ivone C. C Parra, foi uma das grandes apoiadoras nesse projeto, colaborando em diversos capítulos e especialmente nos referentes à comunicação gráfica, letreiro, cor, ilustração e layout. A autora também finalizou mais um curso na Universidade de Indiana, recebendo o Master Degree of Science in Education it, e fez parte do grupo pioneiro na criação do serviço de Recursos Audiovisuais do C.R.P.E. “Professor Queiroz Filho”.

Ainda na contracapa, há um relato da editora sobre a venda desse livro: “Técnicas Audiovisuais de Educação é um trabalho pioneiro dos maiores especialistas brasileiros na matéria cujo sucesso e ampla aceitação nos centros de estudo está comprovado pela venda total de quatro edições. “ (apud PARRA, 1985).

A bibliografia citada pelos autores é vasta e a maioria dessas foram publicadas nos Estados Unidos e em alguns países da Europa, como França e Inglaterra, os quais adotam títulos sobre recursos audiovisuais na educação.<sup>19</sup>

Parra publica em 1973 o livro Metodologia dos Recursos Audiovisuais, edição Saraiva, com 111 páginas, formato 14 x 21 cm, que foi fundamentado em um estudo sobre a psicologia genética de Jean Piaget e está organizado em: introdução, capítulo 1 – Os recursos audiovisuais: auxiliares do ensino, capítulo 2 – A imagem mental para a psicologia genética, capítulo 3 – Os recursos audiovisuais e a didática renovada, capítulo 4 – O Laboratório de Aprendizagem e capítulo 5 – Conclusões.

---

<sup>19</sup> As fontes encontram-se no Anexo B.

A bibliografia utilizada no livro é baseada em trabalhos sobre a psicologia genética, pedagogia e psicologia geral, tecnologia da educação e recursos audiovisuais, por exemplo, *Psicologia de la Inteligencia* (1964) de Jean Piaget; *Pedagogia Contemporânea* (1963) de Lorenzo Luzuriaga; *Rádio e Educação* (1934) de Ariosto Espinheira e *Instrucción Programada y Máquinas de Enseñar* (1965) de Arthur Lumsdaine.

Figura 6 – Metodologia dos Recursos Audiovisuais



Fonte: Nélío Parra, 1977.

Essa obra apresenta orelhas na capa com informações bastante relevantes. De acordo com o autor, ela representa um marco divisório na história da utilização da tecnologia na educação e também um marco separando o audiovisual tradicional do audiovisual renovado. Esses recursos apesar de terem incorporado, desde as suas mais remotas origens até aos nossos dias uma série de inovações técnicas, pouco mudaram em relação aos seus pressupostos teóricos. Esse livro é considerado:

Leitura obrigatória para todos os que estão ligados aos problemas da educação e da comunicação humanas. Professores e alunos das Escolas Normais, Faculdades de Educação, Escolas de Comunicação, Publicidade e Propaganda, entre outras, encontrarão em suas páginas respostas atuais para o perene problema da comunicação e educação humanas. (apud PARRA, 1977, orelha do livro).

Na sequência, em 1978, Parra escreveu: *Ensino Individualizado – Programas e Materiais*. A apresentação dessa obra está organizada em introdução, capítulo 1 – Instrução

Individualizada – fundamentos, capítulo 2 – Plano Keller, capítulo 3 – Mastery Learning de Bloom, capítulo 4 – IPI, capítulo 5 – PLAN, capítulo 6 – Módulos Instrucionais e capítulo 7 – considerações finais.

O livro possui 85 páginas, foi publicado pela editora Saraiva, não tem apresentação e nem prefácio, suas orelhas e sua contracapa não possuem nada escrito. Na folha de rosto há uma dedicatória do autor para Ivone, Humberto e Ana Beatriz.

O seu formato é 14 x 21 cm e sobre suas referências, a maioria é baseada em obras americanas, como *Individualized Instruction* de James Duane, *Individualizing Classroom Instruction* de Norman E. Gronlund, *Instructional Development for Individualized Learning in Higher Education* de Robert Diamond, *Handbook on Formative and Summative Evaluation of Student Learning* de Benjamin S. Bloom, entre outras.

Figura 7 - Ensino Individualizado – Programas e Materiais



Fonte: Nélío Parra, 1978.

Esse livro terá enfoque por tratar de planos de instrução e dos problemas de ensino, o qual busca levantar soluções e caminhos alternativos entre teoria e prática.

## 2.2 Um manual sobre recursos audiovisuais para o pré-primário e o jardim de infância

*Manual sobre o Audio-Visual*, foi um dos primeiros livros de Nélío Parra, o qual foi desenvolvido para dar suporte aos professores sobre a aquisição dos recursos audiovisuais, em específico para as classes do pré-primário e do jardim de infância.

Segundo Silva (2005), os manuais pedagógicos constituíram determinadas leituras para os professores, podendo chamar a atenção desde os títulos mais antigos até as fotos, ilustrações, capas coloridas, letras maiores e um conjunto de técnicas editoriais que incentivaram práticas de leitura. Esses manuais eram utilizados pelos alunos da Escola Normal para estudarem as questões relativas ao ofício de ensinar.

Os manuais pedagógicos se difundiram mundialmente, produzindo saberes e conhecimentos. Os seus autores citavam escritos de pedagogos, filósofos, sociólogos, psicólogos e outros cientistas que definiam as funções docentes, os papéis dos alunos e os métodos de ensino, sendo estas informações em tom didático e referentes ao campo pedagógico, na busca de saberes sobre o outro.

A circulação dos saberes nos manuais consolidou determinadas ideias aos futuros professores, os textos colaboraram para a difusão das instituições e para o entrelaçamento de novas possibilidades. Assim, o aparecimento dos manuais se deu no final de século XIX, com a função de organizar os sistemas de ensino, interesses literários, econômicos, intelectuais e para a formação docente.

Ainda de acordo com Silva (2005), a circulação dos saberes educacionais nos manuais pedagógicos se difundiu como modelo de ensino a partir da importância cultural como construção dinâmica e maleável.

A formação inicial do professor produziu efeitos sobre a socialização escolar dos alunos. A profissionalização docente foi constituída por desafios intensos a respeito dos novos campos e disciplinas, como a Pedagogia e a Psicologia Experimentais no final do século XIX, onde a reprodução e apropriação dos conteúdos dos manuais estiveram relacionados à constituição dos campos acadêmicos usados na área educacional e às Escolas Normais.

Assim, nesta dissertação, em concordância com Silva (2005), entende-se o manual didático como a forma de prescrever a ação do professor e o saber pedagógico. Como citado anteriormente, Parra escreveu o Manual Audio-Visual em 1968, procurando preencher algumas lacunas, isto é, um material que guiasse os professores como conseguir a atenção dos alunos, tendo em vista a disputa que ocorria na escola com os meios de comunicação em massa, uma vez que os jornais, revistas, o rádio, o cinema, a televisão, ofereciam uma série de mensagens e conseguiam prender a atenção por meio de técnicas de motivação. Por esses recursos serem atrativos, eles vinham dominando os estímulos para o mundo exterior. Não por acaso, o autor inicia o manual tratando do problema da comunicação. Na sequência ele conceitua Técnicas Audiovisuais:

O termo audiovisual, apesar de reconhecer e utilizar a exposição oral, os livros e outros materiais verbais, é usado de modo especial para indicar aqueles materiais de instrução e experiências que não dependem, basicamente, da leitura para transmitir mensagens e que apelam, inicialmente, para os diversos sentidos.

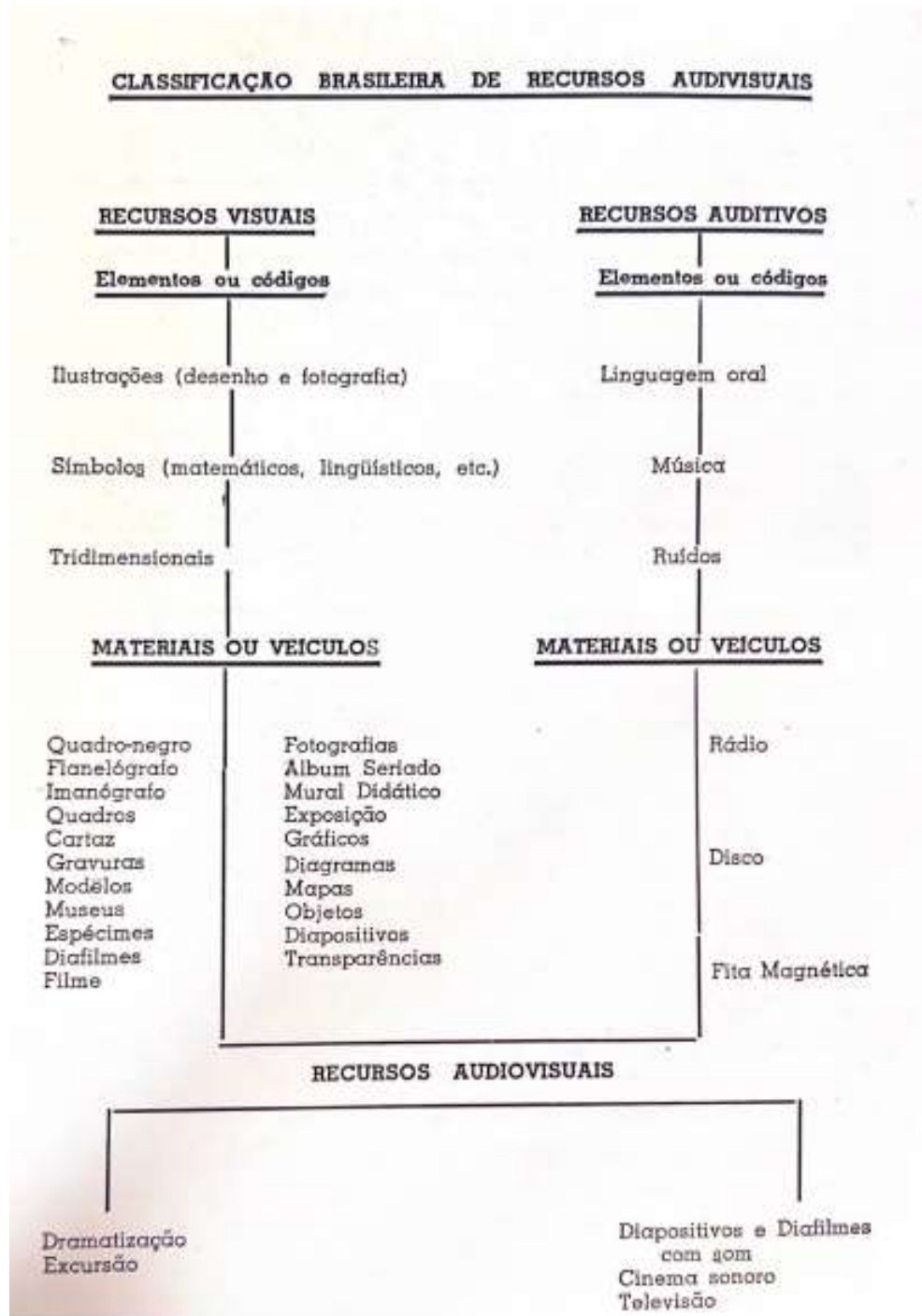
Assim, audiovisual inclui meios e procedimentos didáticos como o cinema educativo, a televisão, diapositivos, diafilmes, rádio, gravações, ilustrações, modelos, exposições e outros. (PARRA, 1968, p. 15).

Parra busca explicar que o audiovisual inclui procedimentos didáticos, adotando estrutura similar de outros livros sobre audiovisuais em circulação no país, Nélio Parra destacou no seu Manual as vantagens dos recursos audiovisuais: o cinema educativo, diapositivos, diafilmes, ilustrações, exposições, gravações, materiais gráficos, materiais tridimensionais e outros meios que foram desenvolvidos conforme a necessidade humana. Outro tema recorrente nos manuais sobre audiovisuais na educação tratado pelo autor, foi a classificação dos recursos audiovisuais. Classificar advinha da prática científica de organizar o fenômeno investigado. Parra reconhecia as dificuldades de classificação dos recursos audiovisuais tendo em vista as diferentes classificações existentes. Na opinião do autor, o maior dos problemas dessas classificações estava “[...] no fato de confundirem os elementos, códigos, que usamos na comunicação, com os materiais ou veículos que apresentam esses elementos.” (PARRA, 1968, p. 21). Parra apresenta, então, sua própria classificação explicando no que ela se diferenciava das demais:

Em nossa classificação, apresentada na página seguinte, procuramos sanar esse inconveniente, distinguindo, em primeiro lugar, os elementos, ou códigos visuais e auditivos, dos veículos e, ao mesmo tempo, dando ao principiante uma visão geral, concreta, dos diversos recursos.

Para efeito de estudo dividimos, inicialmente, os recursos em visuais e auditivos, significando com isso aqueles recursos que apelam apenas para a visão, os primeiros, e os que se dirigem somente à audição, os segundos. (PARRA, 1968, p. 21).

Figura 8 – Classificação Brasileira de Recursos Audiovisuais



Fonte: Nélio Parra, 1968, página 22.

Para que esses recursos pudessem colaborar no processo educativo, seria necessário que os professores e diretores de escolas considerassem a fonte do material que iriam utilizar, além de se questionarem sobre o planejamento, a produção e a vivência dos elementos ou do público no campo audiovisual.

Um capítulo do livro é destinado à discussão sobre a relação dos recursos audiovisuais com a psicologia genética, Parra se baseia nos fundamentos dessa psicologia genética de Jean Piaget para explicar o uso dos recursos audiovisuais na escola, ressaltando a importância dessa teoria para a didática renovada, para os métodos e técnicas introduzidos na dinâmica escolar, para os comportamentos sugeridos aos professores e os conteúdos reformulados.

Nesse contexto, o autor enfatiza a importância de as crianças pequenas frequentarem a escola, por essa idade ser decisiva para as futuras práticas escolares. Esse local é próprio para estimular nos alunos a curiosidade, os seus esquemas motores, desenvolver, adquirir experiências, amadurecer, conviver com outras pessoas, assimilar certas noções e habilidades.

O professor precisa forçar os alunos a serem ativos diante das imagens, fazendo perguntas, comentários, observações, dirigindo a atenção e desenvolvendo a atividade exploratória, pois, segundo Piaget, a representação é uma ação interiorizada — é preciso explorar cada detalhe dos sentidos que compõem mentalmente a imagem.

A representação visual, seja em papel ou em outro material, deve permitir à criança manipulá-lo, por isso, a prioridade de se trabalhar em sala de aula mediante o uso do flanelógrafo, as gravuras, os quadros, os modelos e os teatrinhos de fantoches. Para se ordenar um pensamento diante desses recursos, o professor deve considerar que, ao executar a ação e os objetos simbolizados, é fundamental ordenar a sequência realmente e ativamente.

O autor considera as imagens como substitutos simbólicos da realidade e apresentam certas limitações. Por isso, a confecção dessas imagens não deve visar apenas ao conteúdo a ser comunicado, mas também às reações perceptivas e psicológicas dos alunos. Ao serem produzidas, devem estar de acordo com os padrões de compreensão das crianças, para que o professor crie as melhores condições para o seu uso.

Dessa forma, o autor justifica o uso dos recursos audiovisuais nos dados da psicologia genética. A criança, no estágio do pensamento intuitivo<sup>20</sup>, ao ser submetida a uma sequência de imagens, limita-se a enumerar os elementos, sem demonstrar preocupações em descrever as ações contidas. Nesse sentido, o pensamento infantil não leva em consideração o aspecto global da apresentação, ficando preso aos detalhes.

As crianças dessa idade, ao interpretarem as imagens, demonstram uma “realidade fabulatória”, ou seja, usam as imagens para contarem uma história, enriquecida de elementos

---

<sup>20</sup> O estágio da inteligência intuitiva refere-se às crianças de dois a sete anos de idade. O autor deu ênfase aos aspectos perceptivos dessas crianças, pois essa idade dá o ingresso ao pré-primário.

da sua vida pessoal. A ausência da atividade perceptiva não permite a elas explorar, transpor e comparar os elementos.

Parra sugere que o desenho infantil pode ser útil para explicar a noção de tempo para essas crianças. Uma vez que elas são incapazes de organizar uma sequência ou de fazer uma ligação lógica entre os fatos, elas não podem compreender o desenrolar de uma ação por meio de uma série de imagens fixas.

A última parte do manual é dedicada à discussão dos recursos audiovisuais mais indicados para o pré-primário e para o jardim de infância. O primeiro a ser descrito é o flanelógrafo cujas vantagens são apontadas como sendo um material acessível em preço e pode ser preparado pelo próprio professor, sendo possível levá-lo para outras salas e ser utilizado em diferentes níveis de ensino.

Outro recurso importante para esse nível de ensino é o quadro negro. “Conforme já dissemos, é o quadro-negro o recurso visual mais simples e acessível e, talvez por isso, poucos professores consideram-no como um recurso dos mais úteis ao ensino.” (PARRA, 1968, p. 73). Outros recursos recomendados pelo autor: modelos, álbum seriado, gravuras, teatro de fantoches. Acerca de cada um desses recursos, o autor tece comentários sobre a importância pedagógica do recurso e indicações precisas acerca de como o professor poderia produzir o material e como deveria utilizá-lo em sala de aula. Cumpre, pois, o manual a finalidade de prescrição da prática docente, o guia norteador das práticas.

Assim, nem todos os recursos audiovisuais são válidos para as crianças do pré-primário e do jardim de infância. Diante disso, ele aborda os mais indicados para essa faixa etária e suas possíveis contribuições. Como citado anteriormente, o flanelógrafo, o quadro negro, os modelos, o álbum seriado, as gravuras e o teatro de fantoches.

As crianças do jardim de infância e do pré-primário precisam obter o contato com materiais visuais por necessitarem da manipulação do concreto. E cabe ao professor acompanhar o ritmo dos alunos, acrescentando, retirando e dando ênfase à apresentação, para despertar a atenção dos alunos.

O planejamento prévio do conteúdo também deve ser levado em conta e algumas questões precisam ser feitas e respondidas nesta primeira etapa: Por que vou fazer essa apresentação? Para quem? Através de quais veículos? A classe irá participar da apresentação? Fica a critério do professor verificar qual o melhor recurso para transmitir o conteúdo e trabalhar com sequências lógicas, para despertar o interesse das crianças para a próxima etapa.

Essas novas técnicas de comunicação possibilitam ensinar mais e em menos tempo, uma vez que uma apresentação de imagens organizada acelera o conteúdo. Além disso, o objetivo é

trazer essa comunicação mais próxima da realidade dos alunos, por meio de ilustrações acompanhadas da explicação para concretizar as ideias e conceitos.

A participação ativa das crianças é fundamental, fazendo-lhes assumir papéis e manusear os equipamentos para chegar à aprendizagem. Porém, para que essa aprendizagem seja efetiva, é importante um trabalho muito bem feito pelo professor, para que os alunos aprendam a ver as imagens, como a orientação em todas as fases de desenvolvimento, para que eles consigam interpretar as gravuras e ver nelas um meio de comunicação.

### **2.3 Nélio Parra e os saberes pedagógicos sobre os recursos audiovisuais na educação**

Nélio Parra produziu o Manual Audio-Visual em 1968 e dez anos depois ele publicou o Ensino Individualizado – Programas e Materiais, uma obra a qual apresenta técnicas como ensino programado e máquinas de ensinar, ressaltando a ideia da época de que o aluno por meio dessas técnicas conseguiria aprender sozinho. Através de seus estudos, é possível observar que Parra estava bastante conectado com o Movimento sobre a discussão da Didática, Novas Metodologias e formas de ensinar.

A obra Ensino Individualizado – Programas e Materiais explica duas razões sobre a ampla divulgação dos planos de instrução individualizada. A primeira refere-se à psicologia, que assumiu uma posição de destaque com os problemas de ensino e aprendizagem, procurando construir um meio entre a teoria e a prática. E o segundo fator seria o desenvolvimento da Tecnologia da Educação.

Assim, uma definição para Tecnologia da Educação, de acordo com o autor, poderia ser a maneira sistemática de conduzir, planejar e avaliar o processo total de ensino, com base nas pesquisas em aprendizagem e comunicação, sendo um sistema, um conjunto de partes em contínua interação.

Uma outra exigência que deve ser considerada nesse processo são os alunos, sendo preciso conhecer o seu potencial, sua limitação, objetivos, habilidades e estilos de aprendizagem. A partir desses elementos estabelecidos, as metas são atingidas e ocorre a disposição de diversas alternativas para o ensino, podendo a tecnologia favorecer a instrução individualizada pela disponibilidade dos seus variados instrumentos.

Para que uma escola adote um programa instrucional, é necessário que o estudante aprenda em seu ritmo de aprendizagem. Ela precisa oferecer uma variedade de conteúdos para que o seu público encontre satisfação e razão nos estudos, e a avaliação deve ser um *feedback* para o aluno sentir seu progresso.

Desse modo, no decorrer dos capítulos o autor apresenta alguns exemplos de programas/planos de instrução programada, entre eles, o primeiro a ser exemplificado é o Plano Keller:

#### Quadro 3 – Plano Keller

##### **Características do Plano:**

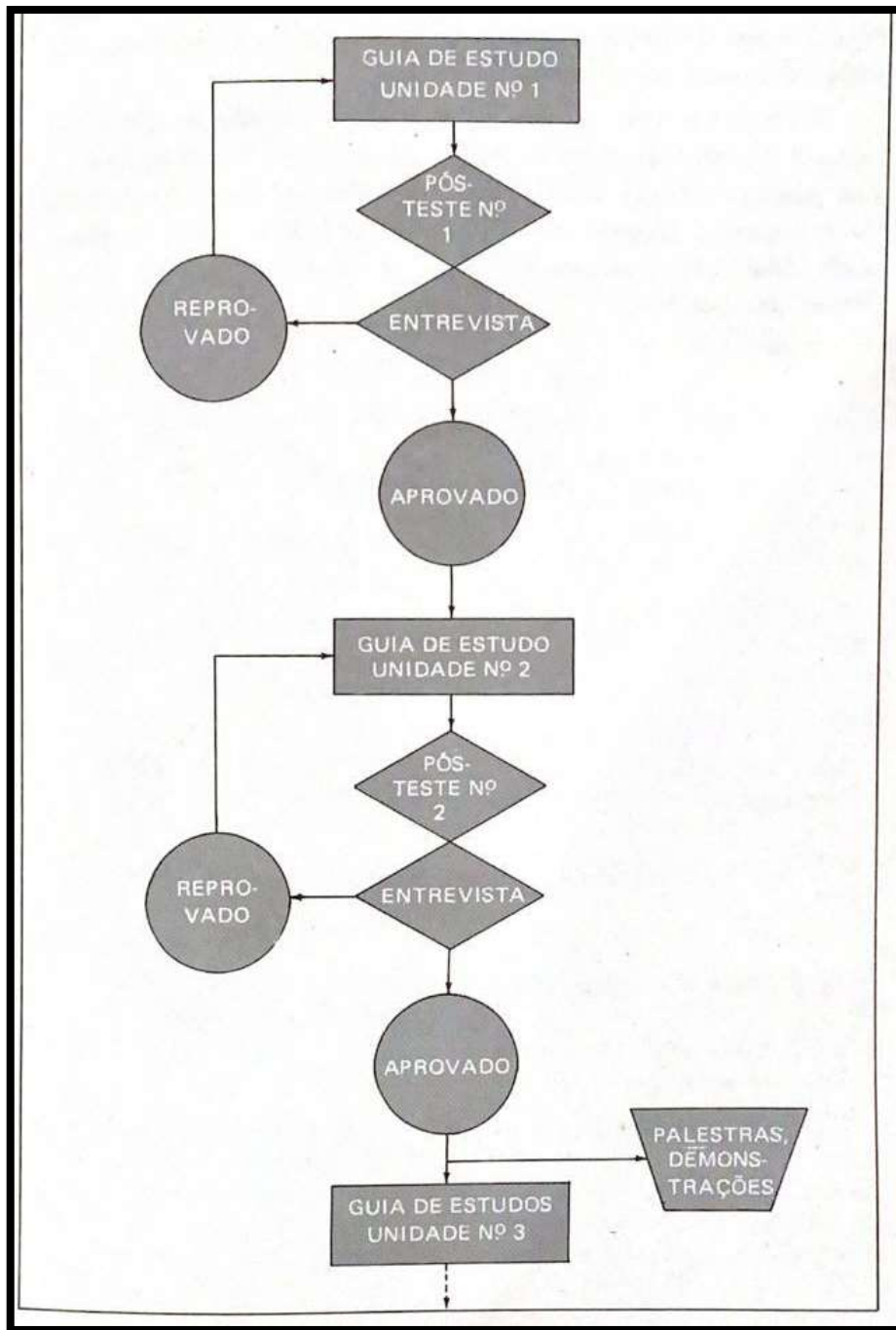
Fred S. Keller, em seu célebre artigo "Goodbye, Teacher", assim sintetiza as características do método:

- "1. O ritmo individualizado do curso, que permite, ao aluno, prosseguir com a velocidade adequada à sua habilidade e à sua disponibilidade de tempo
2. O requisito de perfeição em cada unidade, para poder prosseguir, de forma que o aluno só tem permissão para avançar quando já demonstrou domínio completo do capítulo precedente.
3. O uso de palestras e demonstrações como veículo de motivação, ao invés de fonte de informação crítica.
4. A ênfase dada à palavra escrita nas comunicações entre professores e alunos e, finalmente,
5. O uso de monitores, permitindo repetição de testes, avaliação imediata, tutela inevitável, e acentuada ênfase no aspecto sócio pessoal do processo educacional (Keller, 1972)"

Fonte: Nélio Parra, 1978, página 15.

O conteúdo é dividido em unidades didáticas, sendo que cada uma tem em média uma semana de duração, e a unidade didática é acompanhada de um Guia de Estudos, podendo o aluno estudar o conteúdo onde preferir. Quando o indivíduo estiver apto, dominando o assunto, pode solicitar o teste de avaliação. Esse plano é melhor exemplificado no fluxograma:

Figura 9 – Fluxograma do Plano Keller



Fonte: Nélio Parra, 1978, página 17.

Parra também mostra um guia de autoinstrução do Plano Keller, lembrando ao professor que é preciso adaptar as atividades, sendo esse apenas um modelo:

Figura 10 – Guia de Autoinstrução do Plano Keller

**Plano Keller \***  
**Guia de Auto-instrução**

**A. Texto indicado:**  
Leitura do texto de Fred S. Keller **Adeus, Mestre** — desde o 1.º § da página 209 (“Ao descrever esse método...”), até o 1.º § da página 213, exclusive.

**B. Ao término dessa leitura você deverá ser capaz de:**

- a) definir as **características básicas** do Plano Keller;
- b) estabelecer as **funções do corpo docente**;
- c) apontar as condições necessárias para o processo da auto-aprendizagem;
- d) indicar os **instrumentos de avaliação** da aprendizagem.

**C. Sugestões de procedimento**

- a) Leia todo o texto.
- b) Leia as questões.
- c) Volte à leitura do texto.
- d) Responda resumidamente às questões.
- e) Compare suas respostas com as respostas dadas.
- f) Formule, em um papel à parte, questões sobre as quais gostaria de obter maiores esclarecimentos e entregue-nos ao fim deste trabalho.

Nota: Se tiver dúvidas dirija-se ao monitor.

**D. Questões**

1. No Plano Keller o aluno tem um tempo estipulado para realizar determinada tarefa?  
.....  
.....
2. O curso é dividido em unidades. A que corresponde a Unidade de Trabalho no Plano Keller?  
.....  
.....  
.....

3. Qual é o critério de desempenho exigido, em cada teste de prontidão, para que o aluno possa passar para a unidade seguinte?

.....  
.....

4. Quantas vezes o aluno pode repetir o teste de uma unidade?

.....  
.....  
.....

5. Por que é necessária a entrevista logo após cada teste de prontidão?

.....  
.....  
.....

6. Por que a avaliação deve ser imediata?

.....  
.....

7. Os locais de estudo são previamente determinados para o aluno?

.....  
.....

8. Se as palestras, demonstrações e discussões não exigem presença obrigatória do aluno, nem entram na avaliação, com que intuito são realizadas?

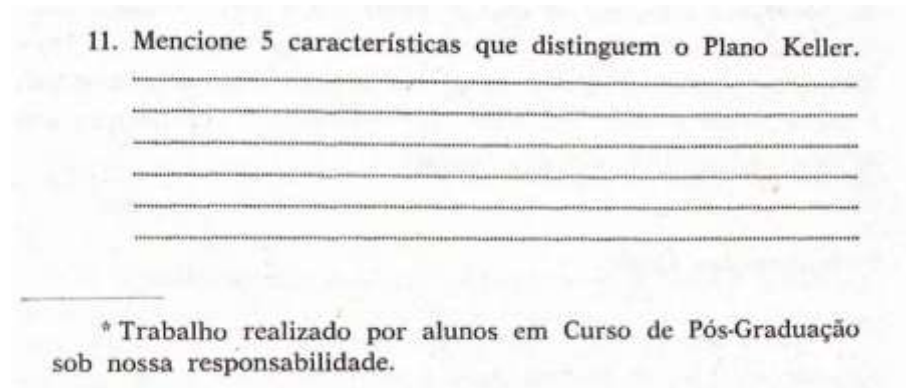
.....  
.....

9. Nomeie os membros que compõem o corpo docente.

.....

10. Mencione resumidamente as funções de cada membro do corpo docente.

.....  
.....  
.....



Fonte: Nélio Parra, 1978, páginas 19 a 21.

Outra estratégia é o *mastery learning* de Bloom, o qual auxilia na recuperação de deficiências de aprendizagem ao longo do processo de ensino, sem alterar o funcionamento normal das escolas e a duração das aulas<sup>21</sup>, sendo pontos importantes a seleção e tratamento dos conteúdos, como apresentado a seguir:

#### Quadro 4 - *Mastery Learning* de Bloom

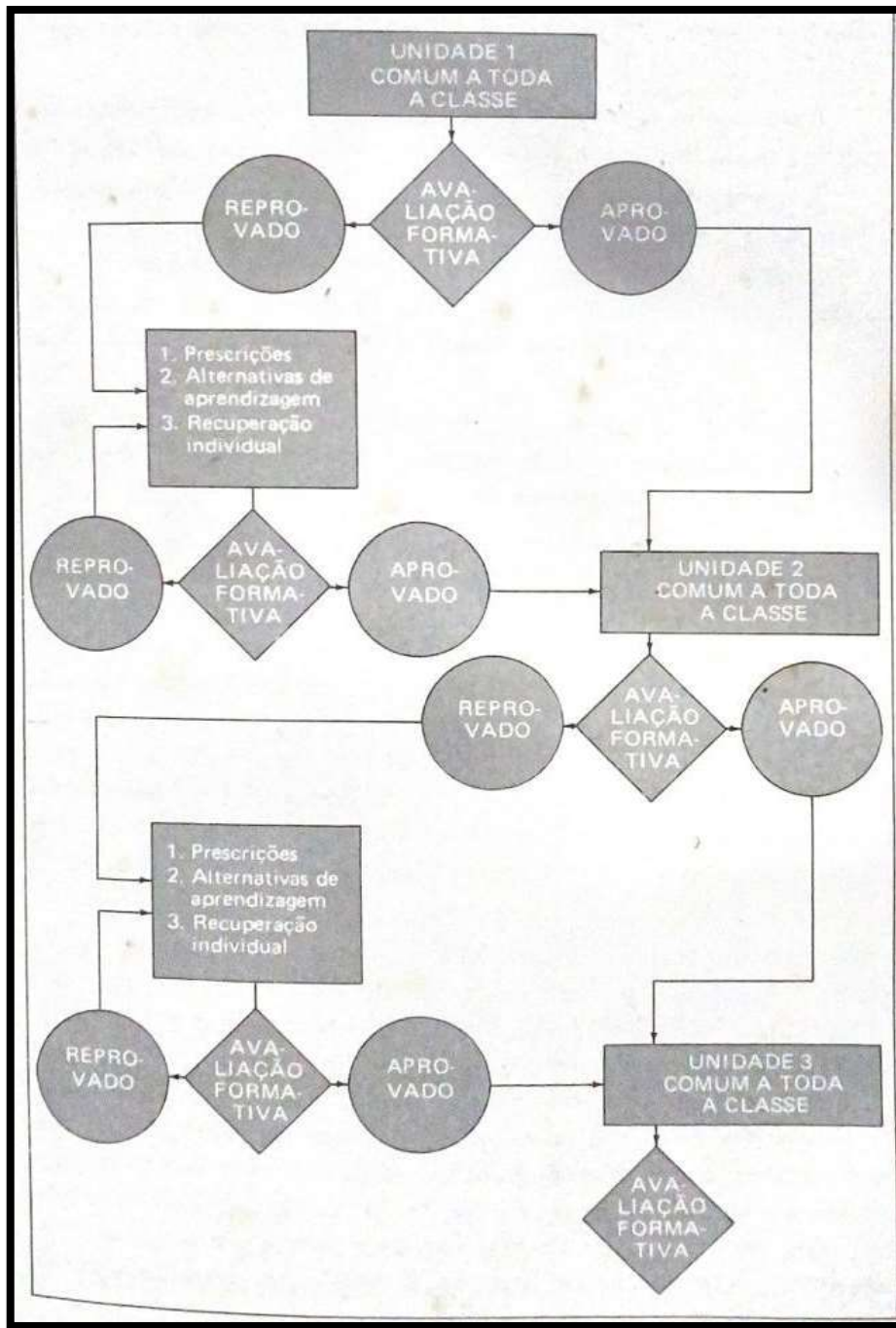
<b>Características do Plano:</b>
a) matérias que não exijam muitos pré-requisitos dos estudantes. Esta estratégia, se bem que ofereça uma instrução de ótimo nível, não poderá compensar os efeitos negativos de uma instrução anterior deficiente;
b) matérias cujas unidades estão bem interligadas, em uma ordem linear. O êxito na aprendizagem da unidade seguinte depende do êxito na aprendizagem da anterior. Da os mecanismos de feedback - avaliação formativa - introduzidos no sistema de Bloom;
c) finalmente, os conteúdos mais indicados para a aplicação do mastery learning são os que enfatizam mais o pensamento convergente que o divergente. São os conteúdos com uma certa permanência em termos de atualização e que apresentam respostas ou soluções aceitas como mais apropriadas para resolver problemas específicos.

Fonte: Nélio Parra, 1978, páginas 31 e 32.

Uma outra etapa importante é a especificação dos objetivos, que devem ser bem definidos e planejados, para que os estudantes aprendam em cada unidade e consigam realizar os testes formativos no final do curso<sup>22</sup>. O que melhor se exemplifica a seguir:

<sup>21</sup> É uma técnica que pode ser adaptada e usada em todos os níveis de ensino.

<sup>22</sup> A avaliação formativa é a forma de testes administrativos ao final de cada unidade e o seu papel é fundamental, pois os resultados servirão de base para as prescrições corretivas dos alunos.

Figura 11 – Fluxograma do *mastery learning* de Bloom

Fonte: Nélio Parra, 1978, página 33.

Parra também comenta sobre o *Individually Prescribed Instruction (IPI)*, um programa com o uso da instrução programada para alunos do pré-primário até a sexta série, o qual oferece um ensino sob medida para o estudante, com uma variedade de possibilidades para o atendimento das diferenças individuais.

## Quadro 5 – Plano IPI

**Características do Plano:**

O IPI, como outros sistemas semelhantes, tem como preocupação básica o ensino de conceitos, informações, habilidades. Para o bom êxito do plano, o IPI procura, de início, respostas claras às seguintes questões:

"O que se quer, realmente, que o aluno aprenda?"

"Como se pode saber que ele aprendeu?"

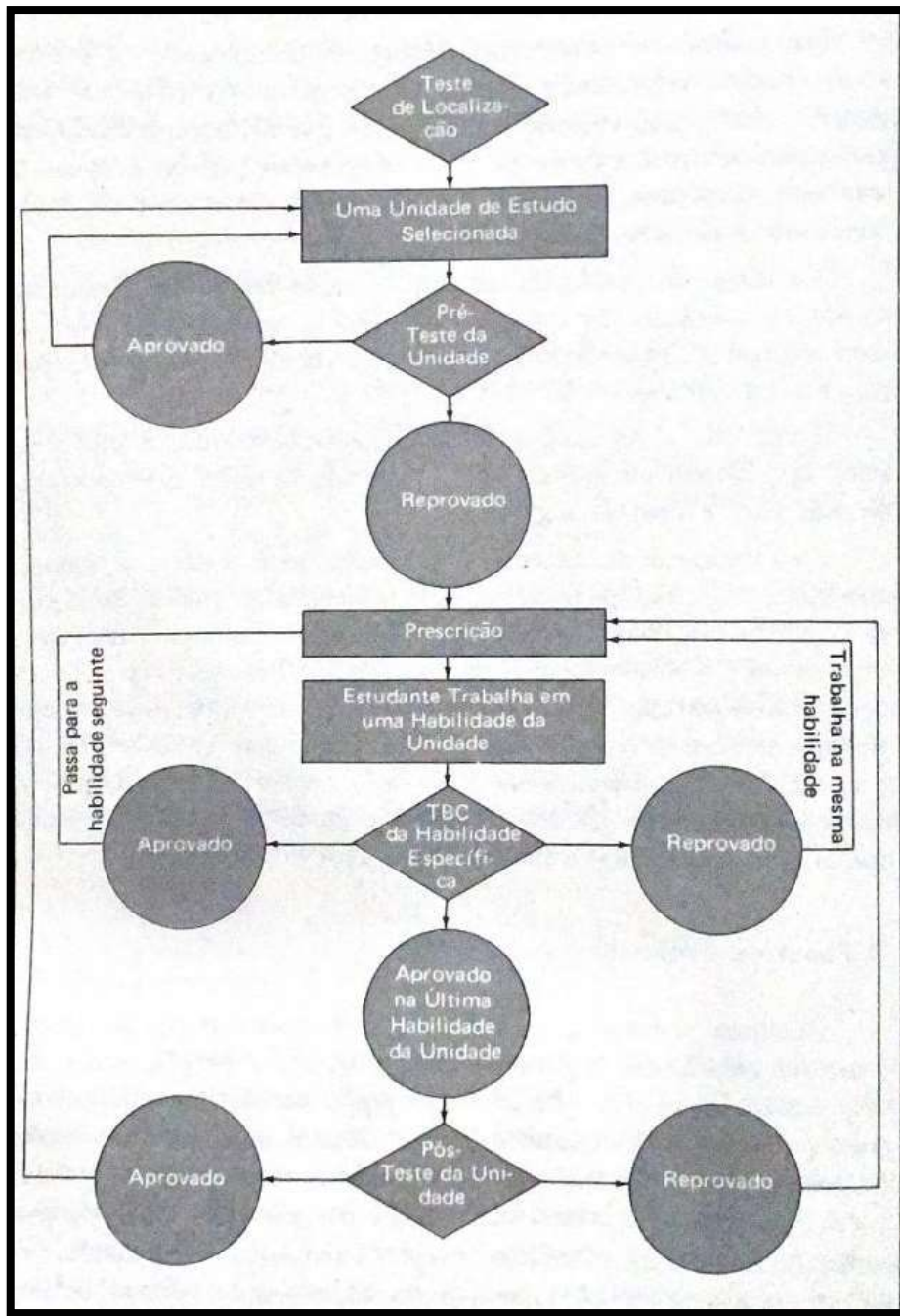
"O que o aluno já sabe sobre o assunto a ser estudado?"

"O que mais ele precisa saber sobre o conteúdo?"

Fonte: Nélío Parra, 1978, página 43.

Dessa forma, o IPI proporciona ao educando a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades, atendendo às diferenças individuais e exigindo dos professores uma atenção maior. O seu fluxograma é exibido na página 57:

Figura 12 – Fluxograma do Sistema IPI



Fonte: Nélio Parra, 1978, página 48.

Por fim, Parra aponta O Projeto: *Program for Learning In Accordance with Needs* (PLAN), que adota os seguintes princípios:

## Quadro 6 – PLAN

**Características do Plano**

O idealizador do PLAN, Flanagan, apresenta cinco características importantes de seu programa:

1. Objetivos Educacionais - Os objetivos instrucionais constituem a base sobre a qual o PLAN é construído. No início do programa, foram alistados cerca de 1.500 objetivos, para cada uma das áreas de estudo (Linguagem, Matemática, Ciências e Estudos Sociais).

O estudante é auxiliado pelo professor a selecionar desses objetivos, aqueles que mais diretamente se relacionam com os seus interesses.

2. Métodos e Materiais de Aprendizagem - O "currículo" do PLAN é formado por diversas Unidades de Ensino-Aprendizagem - UEA - agrupadas em cada área de estudo, em doze níveis hierárquicos. Cada UEA compreende um objetivo comportamental específico. A UEA, ponto central do PLAN, é um guia de 4 a 8 páginas onde, além do objetivo a ser alcançado, estão indicados os materiais e as orientações para o estudo. Através da UEA o estudante fica sabendo quais os textos que deve ler, que gravação deve ouvir, que diafilme deve ver, ou o que deve escrever ou construir.

3. Avaliação - Para avaliar o progresso do aluno em relação aos objetivos, o PLAN utiliza dois tipos de testes. O primeiro, o teste de Unidade de Ensino-Aprendizagem, avalia o domínio dos objetivos em cada módulo particular. Módulo, para o sistema em questão, consiste de, mais ou menos, cinco UEA's. O segundo tipo de teste, chamado de Localização/Realização, é usado no início e ao longo do curso. Quando usado no início, serve para localizar o estudante no *continuum* das UEA's. Ao longo do curso serve para medir objetivos mais amplos, como, por exemplo, a compreensão da leitura. O professor pode, também, usar outros instrumentos de avaliação, conforme os objetivos e as atividades de aprendizagem.

4. Orientação e Planejamento Individuais - Flanagan coloca uma grande importância neste aspecto de seu programa. Para ele é fundamental que o estudante: a) familiarize-se com os vários papéis, oportunidades e atividades do mundo ao seu redor; b) familiarize-se com o seu próprio desenvolvimento, com a sua capacidade, interesses, características físicas e sociais e com suas possibilidades profissionais; e c) relacione tudo isso com o seu Programa de Estudos. Para esse fim, o estudante recebe orientação individual que deve culminar na proposta de seu Plano de Estudo e das atividades que podem levá-lo à consecução dos

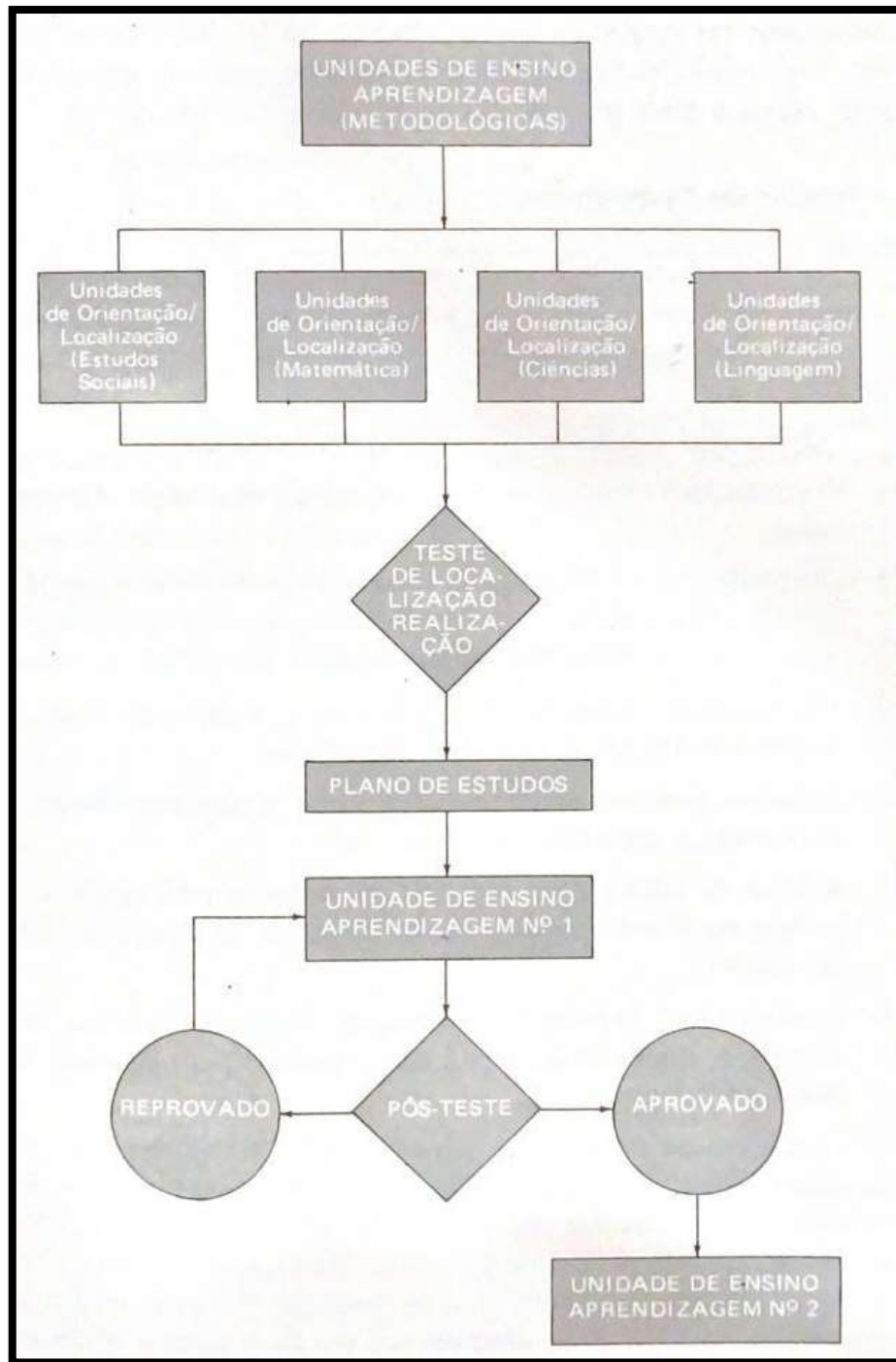
objetivos por ele definidos. A preocupação é, pois, de levar o estudante a assumir, pouco a pouco, a responsabilidade plena de sua aprendizagem.

5. Desenvolvimento do Professor - Para participar efetivamente do PLAN, o professor recebe treinamento específico. Em um primeiro momento o professor observa classes conduzidas por colegas experientes no programa. Em seguida, passa para uma etapa de estudo e discussão da filosofia e dos conceitos básicos do sistema. Vivência, depois, todo o material e técnicas do plano, como se fosse um aluno regular. Finalmente, assume a direção de uma classe "PLAN" com a assessoria e avaliação constantes por parte da equipe especializada.

Fonte: Nélio Parra, 1978, páginas 56 a 58.

Assim, o principal objetivo adotado pelo PLAN é familiarizar o estudante com a sua metodologia, podendo alterar a estrutura do plano de estudo de acordo com as experiências e interesses de cada indivíduo. As unidades podem ser trabalhadas em casa ou em classe e recomenda-se que o aluno adquira os livros, os equipamentos e os recursos audiovisuais.

Figura 13 – Fluxograma do PLAN



Fonte: Nélio Parra, 1978, página 59.

Parra menciona algumas tendências marcantes do ensino em relação à proliferação dos sistemas individualistas de instrução. Esse módulo precisa ser autossuficiente, para que o aluno encontre nele tudo o que necessita para domínio do conteúdo e os meios de se autoavaliar, para verificar se conseguiu ou não dominar os seus objetivos.

Portanto, o autor cita os planos propostos para a instrução individualizada e relata sua preocupação em relação aos modelos abertos, pois são caracterizados pelas influências mútuas entre os componentes, apresentam um sistema linear de acúmulos de informações e a escola precisa adequar-se a esse molde pronto.

Segundo Parra, os estudantes teriam que se adequar a esses planos, o que considera difícil: ajustar o cotidiano desses indivíduos e da comunidade, ficando reduzida ao sistema a interação entre os alunos e o material já preparado.

Uma segunda preocupação do autor é a ênfase dada aos objetivos, uma vez que, ao serem determinados, impediria que outros, talvez até mais importantes, pudessem aparecer aliados à realidade educacional. Além de que o objetivo, planejado junto com a avaliação, daria a entender que apenas o que for ensinado é que pode ser avaliado, deixando de lado as vivências dos alunos.

A instrução individualizada requer objetivos, conteúdo, estratégias e avaliação determinados com bastante antecedência. Sua meta visa ao domínio dos conteúdos e habilidades especificados pelos planejadores, e a consequência é a capacidade do estudante em reproduzir, da forma mais semelhante possível, os conceitos e princípios que recebeu.

Desse modo, Parra pretende mostrar em seu livro, *Ensino Individualizado – Programas e Materiais* (1978), de forma impessoal, o que significa a instrução individualizada e quais são os seus principais planos, deixando para as considerações finais sua opinião a respeito. Sua preocupação também se refere à limitação desses planos, o papel do educador ao assumir uma posição e a forma como os recursos audiovisuais seriam utilizados e distribuídos aos alunos, podendo favorecer ou não o ensino.

Em decorrência a carreira profissional e às publicações de Parra ainda sobre os recursos audiovisuais no final dos anos de 1970 e início de 1980, é válido ressaltar que nesse período as tecnologias da informação passavam por grandes transformações.

Santos (2014) cita que algumas dessas mudanças ocorreram em contestação ao real significado da Didática, como sobre as técnicas de ensino, conhecimentos e pesquisas.

Frente à trajetória da Didática no Brasil e na tentativa de teóricos em discutir sobre o seu caráter fundamental, ela passou por um momento de revisão crítica. Houve a necessidade de superar a visão instrumental e pretensamente neutra do cotidiano, bem como aconteceu a busca de caminhos a serem construídos pelos profissionais e professores.

Dessa forma, a Didática, como uma disciplina pedagógica criada para elaborar um método universal que pudesse ensinar tudo a todos, contribuiu com a prática social e a necessidade de cada momento histórico.

Vera Maria Candau (1994) em seu texto *a Didática em Questão*, situa que a partir da metade da década de 1970, muitas críticas foram ressaltadas referentes à visão instrumental da didática. Nesse contexto, ocorreu a necessidade de uma didática fundamental, a qual assumiu a multidimensionalidade do processo de ensino-aprendizagem a partir de três dimensões: técnica, humana e política.

A reflexão sobre a didática partiu do princípio sobre transformação social, a partir da busca de práticas pedagógicas que poderiam tornar o ensino de fato eficiente para a maioria da população. Além de romper com a prática profissional individualista e procurar formas de aumentar a permanência das crianças na escola.

A partir das mudanças que a Didática passou, é importante destacar que Nélio Parra vivenciava esse período, como era professor adjunto do Departamento de Metodologia do Ensino e Educação Comparada e coordenador do curso de Didática da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Com o intuito de disseminar suas ideias e contribuir com a educação, o autor ministrou aulas e cursos de extensão pelo país, além de publicar livros e artigos a respeito dessa temática<sup>23</sup>.

Segundo o seu memorial (1983), a partir da década de 1980, o professor passa a fazer parte das atividades docentes no curso de licenciatura e de pós-graduação nessa mesma instituição. Nesse período, ele realiza uma pesquisa na sua tese de Livre-Docência denominada “O Pensamento Lógico do Universitário da USP”, em que propõe testar a hipótese de Piaget da existência entre o desenvolvimento do raciocínio mais abstrato e a socialização.

Parra faz um estudo bibliográfico — “Os modelos e suas implicações no ensino” — sobre os fundamentos e as características dos principais modelos atuantes no ensino. E, no final de 1982, submete um projeto de pesquisa, “Utilização da Comunicação Televisiva aos Processos de Ensino-Aprendizagem”, à apreciação do CNPq, o qual foi desenvolvido por um grupo de professores do Departamento de diferentes disciplinas e de diversos enfoques.

No mesmo ano, com a criação de um Grupo de Trabalho para auxiliar na formação do professor em nível superior, o professor, junto da Comissão organizadora, sugeriu Cursos de Extensão Universitária para complementar o currículo dos alunos de Pedagogia, reformulação dos programas e da carga horária das disciplinas “Metodologia e Prática de Ensino de 1º Grau” e “Didática” do Curso de Pedagogia, com a intenção de permitir aos alunos um aprofundamento maior dos conteúdos e das metodologias das matérias.

---

<sup>23</sup> Os dados relativos à trajetória do professor Nélio Parra que ele produziu para o Concurso de Professor - Adjunto do Departamento de Metodologia do Ensino e Educação Comparada na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo e está disponível para consulta na biblioteca de educação da USP.

Parra também incentivou e apoiou os docentes para que voltassem a ministrar à comunidade os cursos de férias com uma carga horária de 40 horas/aula. O Departamento publicou os “Cadernos de Didática” como um veículo de capa padronizada impressa, sem limite de periodicidade e com temas para publicação de interesse da faculdade, obtendo como público-alvo os alunos de diversos cursos.

Conforme relata em seu memorial no início de 1983, ocorreu um fato inédito em toda a história do Departamento, quando, na tentativa de se desvincular do exclusivismo, Parra, em sua função de Chefia, apresentou ao CNPq seis projetos de pesquisa.

Outro acontecimento importante nesse período e nessa função foi a proposta de discussão sobre temas relevantes e a troca de experiências entre os docentes da faculdade e de outras instituições, em que promoveu simpósios, seminários e encontros. Assim, a partir desse encontro interno da FEUSP, a iniciativa foi ampliada de modo a envolver docentes de outras instituições, como PUC-SP, Unicamp e UFSCar.

Durante os anos de 1982 e 1983, Parra participou do I Encontro de Educação Especial e do Encontro Nacional de Prática de Ensino, na Faculdade de Educação da USP; e também do Simpósio sobre o Livro Didático, organizado pela Fundação Brasileira para o Desenvolvimento do Ensino de Ciências, na mesma instituição.

O professor também foi membro da comissão julgadora do Exame de Qualificação e/ou da dissertação, nível de mestrado, de vários alunos, como Carmem S. V. Moraes, Maria C. D. P. Nobre, Arilda S. G. Meirelles, Márcia L. V. Parra, Washington L. P. de Carvalho, Sérgio Haddad, Maria A. F. B. de Oliveira, Denice B. Catani, Alberto Gaspar, Terezinha N. J. Mendonça, Valéria A. C. M. Weigel, João B. da Silva, Zaira B. Alves, Alberto Gaspar e Youko N. Miura.

Orientou e supervisionou alguns alunos do curso de pós-graduação em Educação a nível de mestrado, como Arilda Schmidt Godoy Meirelles, Zaira Barbosa Alves, Maria Dirce Federighi e Maria Tereza Baptista de Oliveira. Já a nível doutorado, encontram-se Fuad Daher Saad, Alice Vieira, Belmira Amelia de Barros Oliveira Bueno, Adolfo Gullane, Maria do Socorro de Albuquerque Gouveia e Elsa Garrido.

Dessa forma, observa-se uma grande participação e envolvimento de Nélío Parra com a disciplina de didática e a faculdade da USP. A partir da busca pelos pressupostos teóricos e metodológicos da tecnologia educacional e as suas possibilidades de aplicação no contexto brasileiro, ele integra ao seu discurso que os recursos audiovisuais no processo de aprendizagem permitem realizar e avaliar a totalidade do processo educativo. Em suma, ele leva suas ideias para o ensino superior.

Assim, esse capítulo buscou trazer elementos para a construção dinâmica de uma relação entre professor e aluno através dos saberes sobre os recursos audiovisuais em sala de aula nas décadas de 1960 e 1970. A partir do aprofundamento teórico da disciplina de didática foram apresentados em uma sequência cronológica a história e a contribuição de Nélcio Parra na faculdade de educação da USP. Para isso utilizou-se como referência os seus livros: Manual Audio-Visual (1968) e Ensino Individualizado – Programas e Materiais (1978), os quais reforçam com exemplos práticos e técnicas que levaram ao referido dinamismo.

### 3 A RENOVAÇÃO DO ENSINO A PARTIR DAS TÉCNICAS AUDIOVISUAIS

É preciso considerar que cada etapa do desenvolvimento do sujeito determina tanto o tipo de veículo utilizado, quanto o "estilo" da resposta à mensagem veiculada.

Conhecer, pois, as características, as possibilidades e as limitações de cada etapa do desenvolvimento do aluno, por um lado, e as características, as possibilidades e as limitações de cada veículo audiovisual, por outro, são exigências básicas no planejamento e utilização destes recursos. (PARRA, 1977, p. 83 e 84).

O objetivo desse capítulo é mostrar como Nélio Parra foi construindo um conhecimento sobre os recursos audiovisuais, para isso, foi realizado uma análise aprofundada dos livros *Técnicas Audiovisuais de Educação e Metodologia dos Recursos Audiovisuais*. A primeira obra foi escolhida, pois apresenta meios para uma melhoria no ensino e a segunda por propor uma metodologia que satisfaça os requisitos teóricos de uma didática renovada sobre os recursos audiovisuais.

Desde suas primeiras publicações, Parra enfatiza que a tecnologia é uma das grandes aliadas da educação para superar algumas barreiras do ensino, atuando sobre o presente com os olhos voltados para o futuro, sem desprezar as ferramentas tradicionais e sem abandonar fórmulas aprovadas, porém com a coragem de inovar e inserir novos elementos e novas técnicas.

Os estudos atuais sobre cultura material apresentam que a tecnologia pode ser caracterizada como uma ferramenta material, porque possui uma existência visível, a qual é associada à mudança de currículo. Dessa forma, Martin Lawn (2018), acredita que a escolarização foi moldada por inovações materiais e institucionais significativas, sendo que os objetos que são sendo inseridos nas rotinas escolares e as práticas que vão se concretizando a partir do uso desses materiais passam a fazer parte cada vez mais da cultura escolar dos alunos e do professor.

Nélio Parra menciona que os veículos de comunicação audiovisual estão presentes no desafio de contribuir para a eficácia do ensino. Por isso, é necessário que sua utilização seja correta e bem estruturada para se tornar um elemento fundamental nas mudanças culturais propostas, bem como na solução de problemas específicos da sala de aula. Frente a essa preocupação, o autor junto de sua esposa Ivone C. da Costa Parra publicou o livro *Técnicas Audiovisuais de Educação*, um trabalho pioneiro na intenção de concretizar a adoção de novas

medidas<sup>24</sup>. Esse livro compõe-se de cinco capítulos iniciais de fundamentação, como a questão da comunicação, as vantagens dos recursos audiovisuais, os fundamentos psicopedagógicos, a classificação dos recursos. Depois são dezessete capítulos descrevendo cada um desses recursos. Essa obra abrange um conjunto maior de instrumentos audiovisuais e alguns que não foram citados no Manual Audio-Visual, o que procuro mencionar a seguir.

De acordo com seu memorial, Parra (1983), nos anos de 1960 e 1961, o autor foi buscar no exterior uma especialização e maiores conhecimentos na adoção de recursos audiovisuais na sala de aula. Fez o curso de *Communication Media Leadership* na Universidade de Indiana nos Estados Unidos, recebendo também o *Master Degree of Science in Education*.

Dessa forma, os autores iniciam o livro relatando sobre as novas propostas no ensino, as quais eram negadas ou relegadas a um plano secundário. Os professores por serem mais cautelosos ou mais experientes, ficaram mais resistentes em aceita-las, que começavam a ser oferecidas como meios para a melhoria do ensino, alegando que a seleção de um novo recurso instrucional dependia de uma série de variáveis, como o preparo da escola e do próprio professor em recebe-lo.

Após os anos de 1960, de acordo com os autores, observa-se que uma das grandes críticas feitas no passado diante da utilização desses novos meios – ou seja, a passividade do discente – foi superada com a assimilação de sugestões, as quais enfatizam simples esquemas visuais e motores e operações intelectuais mais complexas, criando uma interação e mobilização entre professor e aluno.

É importante lembrar, segundo os autores, que apesar de o termo “audiovisual” ser recente, sua origem remonta aos primórdios da humanidade, com inúmeros comprovantes sobre a preocupação do homem em se comunicar com seus semelhantes.

De fato, se analisarmos os vestígios culturais do homem pré-histórico, encontraremos inúmeros comprovantes que demonstram sua preocupação em se comunicar com seus semelhantes ou com divindades que povoavam sua imaginação infantil. As magníficas pinturas rupestres atestam a necessidade de comunicação de um homem que, através da marcha dos séculos, foi adquirindo novos instrumentos, como a linguagem gráfica, a cinematografia, o rádio, a televisão. A herança recebida nos faz antever que novos meios de comunicação serão desenvolvidos sempre que a necessidade assim o exigir. (PARRA e PARRA, 1985, p. 5).

---

<sup>24</sup> A primeira edição do livro Técnicas Audiovisuais de Educação é de 1970, mas para a análise estou utilizando a 5ª edição, referente ao ano de 1985.

A educação não poderia ficar de fora dessas novas adaptações. Sendo assim, muitos educadores levaram adiante a implantação dos recursos audiovisuais para a sala de aula. Uma preocupação constante dos educadores é atrair a atenção dos alunos, pois os meios de comunicação em massa e os dispositivos tecnológicos concorrem com a educação na disputa dessa atenção. Desde seu início, os jornais, as revistas, o rádio, o cinema e a televisão traziam técnicas modernas de motivação que conseguiam prender a atenção do público. A educação vê nesses meios a possibilidade de trazê-los para dentro da sala de aula, motivando o interesse do aluno.

Para Parra e Parra, ao discutir as vantagens dos recursos audiovisuais, não poderia ficar de lado a sua metodologia. O aproveitamento pleno das potencialidades do aluno dependia, em grande parte, da maneira como esses recursos eram empregados em situações de ensino. Em suas análises, eles citam o problema do verbalismo, o qual identifica a transmissão de conhecimentos, informações e habilidades, com o uso exagerado de palavras. Ainda mencionam, que uma das consequências negativas do verbalismo para o ensino é a aprendizagem de palavras vazias e sem significado. Assim, o uso dos recursos audiovisuais permite criar uma ponte entre a realidade e as palavras, levando o aluno a apreender conceitos com mais eficácia, vantagem essa essencial nos primeiros anos da vida escolar.

Além do verbalismo, Parra e Parra citam o problema da atenção em sala de aula. Eles afirmam que os recursos tecnológicos constituem fontes de atração e, se forem bem planejados para uso escolar, podem despertar e manter o interesse dos alunos por mais tempo. Essa riqueza de estímulos proporcionada pelos meios de comunicação não poderia ser desprezada pelos educadores, tornando-se sua aliada. Por mais explicações verbais que um professor utilize na explicação de um tópico novo em qualquer disciplina, a compreensão de seu significado será mais facilmente assimilada se nessa aula for adicionado um filme ou um vídeo sobre o assunto. A visualização pode auxiliar na concretização da ideia.

Para os autores, ao manter a atenção em sala de aula com os recursos audiovisuais, estes podem dar origem a uma aprendizagem mais permanente pelo fato de os alunos estarem interessados em aprender. O conteúdo, tratado de forma mais concreta e dinâmica, mais próxima da realidade, leva a uma permanência maior do que foi ensinado. Ou seja, mediante o uso do audiovisual, um conteúdo mais complexo pode ser transmitido e assimilado com mais facilidade.

Os autores enfatizam que a organização do material audiovisual é fundamental para que se favoreça uma maior retenção do apreendido. Apresentados em uma sequência lógica de slides, por exemplo, eles permitem que o aluno aprenda um conteúdo situado ao longo de seu

processo, de suas transformações em etapas sucessivas. Assim, os recursos audiovisuais podem criar uma atmosfera que envolve o aluno, levando-o a um trabalho ativo.

Os recursos audiovisuais também trazem a sua contribuição para a avaliação de situações formais de ensino. Os estímulos visuais e sonoros podem substituir as tradicionais questões, além de permitirem ao professor um melhor controle do tempo. Ao usar qualquer recurso em aula, ele deve verificar se a disciplina melhorou, se os alunos ficaram mais atentos, se todos participaram fazendo perguntas e, finalmente, se aprenderam.

Ao analisar a necessidade de classificar os recursos audiovisuais, Parra e Parra apresentam duas críticas: a primeira é a de que classificá-los seria uma tarefa sem importância, que em nada contribuiria para a sua conceituação. A segunda apoia-se na tese de que as classificações já existentes seriam suficientes.

Para eles, uma classificação que limite o campo dos recursos audiovisuais é fundamental na distinção de objeto de estudo e de trabalho com outras disciplinas. Os autores questionam como distinguir esse campo se não limitarmos e nomearmos os recursos audiovisuais? Como justificar a inclusão de técnicas audiovisuais nos currículos de cursos de formação, se não distinguirmos o seu campo do de outras disciplinas?

Sobre a segunda crítica, Parra e Parra apontam que as principais classificações, até então propostas, apresentam certas fragilidades. Uma delas mostra os recursos ordenados em uma escala de extremos, onde estão de um lado os materiais mais concretos e, de outro, os mais abstratos. Porém, um mesmo material pode ser bastante simbólico para um determinado público e não para outro, ele pode ser abstrato hoje e não mais amanhã.

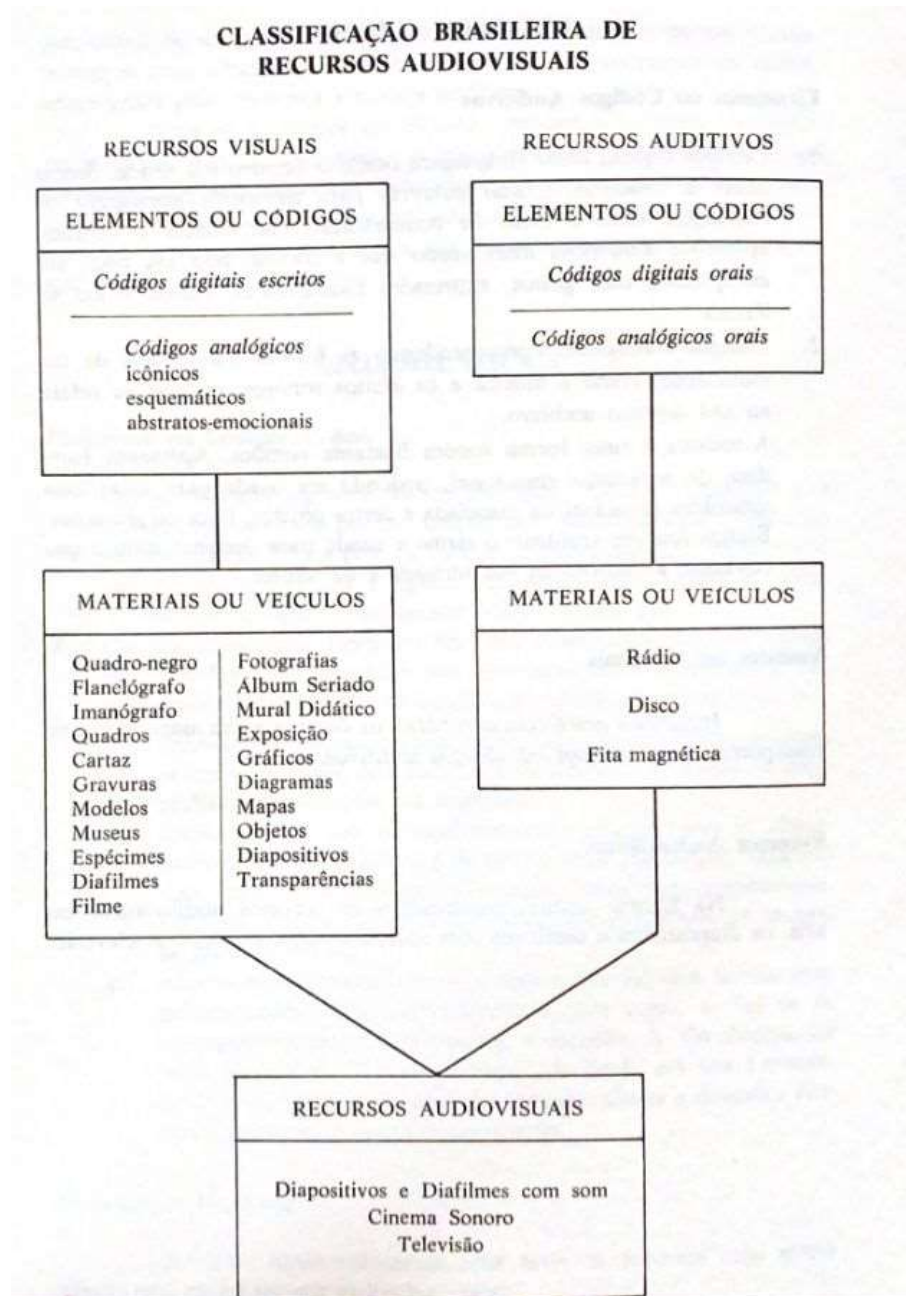
Além disso, os materiais audiovisuais são veículos de comunicação e não podem ser classificados como mais ou menos concretos, fato este que essa classificação não leva em conta. Para os autores, devido à dificuldade de afirmar qual recurso é ou não real, é impossível aceitar como válida essa classificação, pois ela se apoia em concretismo, realismo e simbolismo.

Quanto à classificação brasileira, Parra e Parra dividem os recursos em visuais e auditivos. Os recursos visuais abrangem elementos ou códigos, digitais e escritos, códigos analógicos, icônicos, esquemáticos e abstrato-emocionais. Alguns dos materiais ou veículos utilizados nos recursos visuais são: quadro-negro, cartazes, gravuras, mapas, fotografias, transparências, exposição e mural didático, entre outros.

Os recursos auditivos exploram outros materiais ou veículos, que significam os meios pelos quais transportamos os códigos ou elementos para um público determinado. Aqui, os autores mencionam o rádio, o disco e a fita magnética. Entre os recursos audiovisuais comuns

aos dois, é importante destacar os diapositivos<sup>25</sup> e diafilmes<sup>26</sup>, o cinema sonoro e a televisão. Parra e Parra prepararam um quadro comparativo entre os recursos visuais e os auditivos e o disponibilizaram no livro *Técnicas Audiovisuais de Educação*, como reproduzido na figura 14.

Figura 14 – Recursos visuais e auditivos



Fonte: Nélio Parra e Ivone Parra, 1985, página 18.

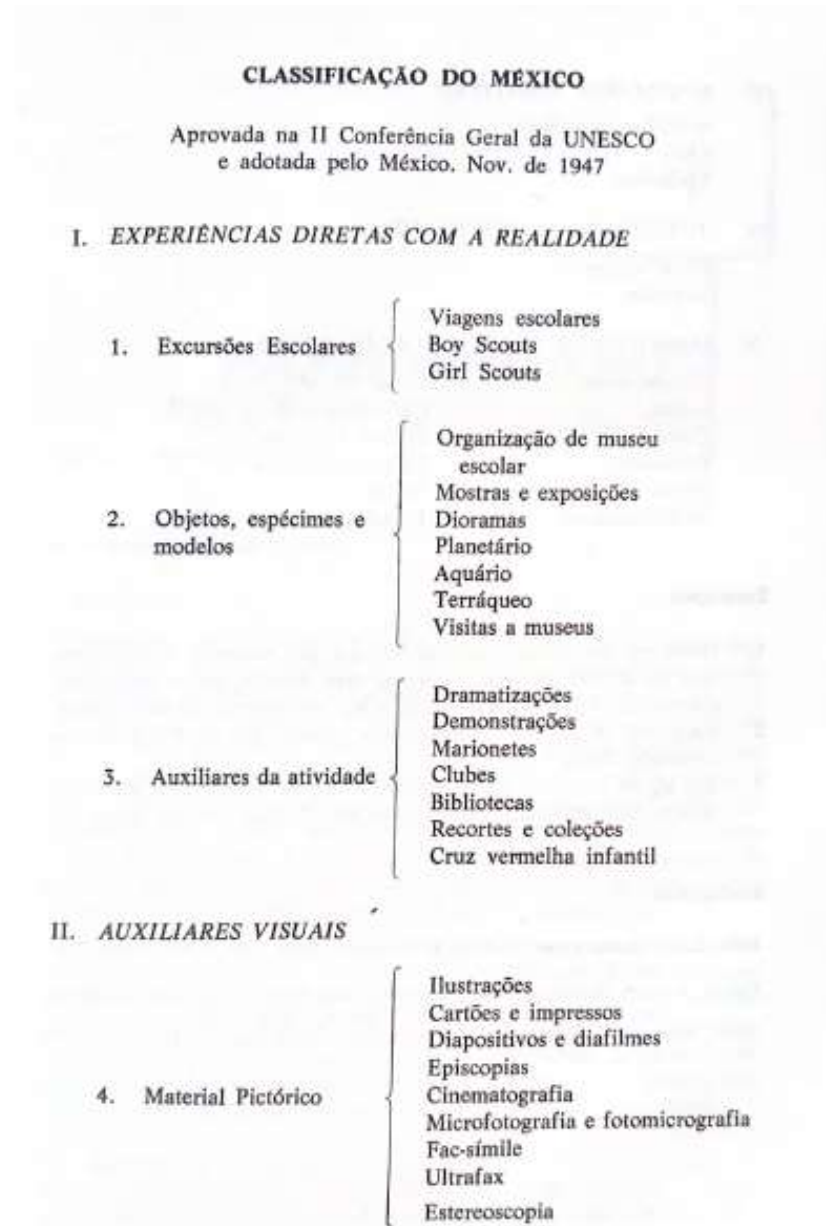
<sup>25</sup> Diapositivos são fotografias, imagens projetadas em uma película transparente. (Essas informações foram retiradas do site: <https://www.dicio.com.br/diapositivo/>)

<sup>26</sup> Diafilmes são fotografias em filme para projeção. (Essas informações foram retiradas do site: <https://www.dicio.com.br/diafilme/>)

Os autores explicam alguns tópicos do quadro, como o que são códigos digitais escritos e analógicos, por exemplo, nos recursos visuais. Os digitais escritos são os símbolos, como a linguagem e a matemática, cujos componentes são completos e não têm relação direta com os objetos simbolizados. Já os analógicos implicam uma semelhança com os objetos simbolizados e são formados por elementos não interrompidos.

Quanto aos recursos auditivos, eles destacam que os códigos digitais orais enriquecem a linguagem oral, o meio de comunicação mais direto e comum por apresentar dimensões mais vastas que a escrita, afinal ela pode se valer de gestos, expressões, ênfase e até mesmo silêncio. Os códigos analógicos compreendem as formas não verbais de comunicação, como a música e os efeitos sonoros. Segundo eles, a música apresenta forte dose de persuasão emocional, criando uma atmosfera favorável ao ensino. Os autores comparam a classificação brasileira com a classificação do México.

Figura 15 – Classificação do México sobre os recursos audiovisuais



III. <i>AUXILIARES AUDITIVOS</i>	
Audiofono eletrônico	
Rádio	
Toca-disco	
IV. <i>AUXILIARES AUDIOVISUAIS</i>	
Filme sonoro	
Televisão	
V. <i>SÍMBOLOS DE REPRESENTAÇÃO PLANA</i>	
Quadro-negro	Jornal Mural
Cartaz	Caricatura
Carta Mural	Globos e Mapas
Diagrama	Historieta gráfica
Frisos	Mural
Multiplicadores	Flanelógrafo

Fonte: Nélio Parra e Ivone Parra, 1985, páginas 21 e 22.

Pensando agora sobre a função de uma imagem associada a uma função pedagógica, Parra e Parra avaliam que devemos pensar em sua realização, interpretação e utilização para atingir plenamente o público. Uma imagem é um substituto simbólico da realidade, apresenta limitações e convenções. Para se tornar clara, deve ser bem simplificada, sem elementos supérfluos e ter enfoque nos elementos mais importantes.

Ainda no livro *Técnicas Audiovisuais de Educação*, Parra e Parra citam a adoção da psicologia genética de Jean Piaget para embasar o uso dos recursos audiovisuais na escola, diante da grande importância na teoria da didática renovada.

A representação visual, para os autores, deve ter a preferência sobre os materiais projetáveis, como o flanelógrafo, o teatro de fantoches, os modelos e as gravuras. O professor deve levar em consideração que ordenar em pensamento é ordenar uma sequência ativamente, como se se tratasse de uma ação material, executando-a através de objetos simbolizados.

O professor precisa forçar a criança a ser ativa diante das imagens, questionando, comentando, dirigindo a atenção e desenvolvendo a capacidade de observação e exploração. A maneira de utilizar os recursos audiovisuais deve atender aos princípios psicológicos da percepção: a interiorização da imagem pela percepção do objeto, levando a atividade exploratória dos sentidos que a compõem.

Para Parra e Parra, todas as nossas atividades diárias estão associadas ao que vemos ou às imagens que mentalizamos, a partir de expressões verbais, diálogos, leituras, os quais refletem a nossa compreensão do conteúdo. Porém, a visualização pode diferir da mensagem

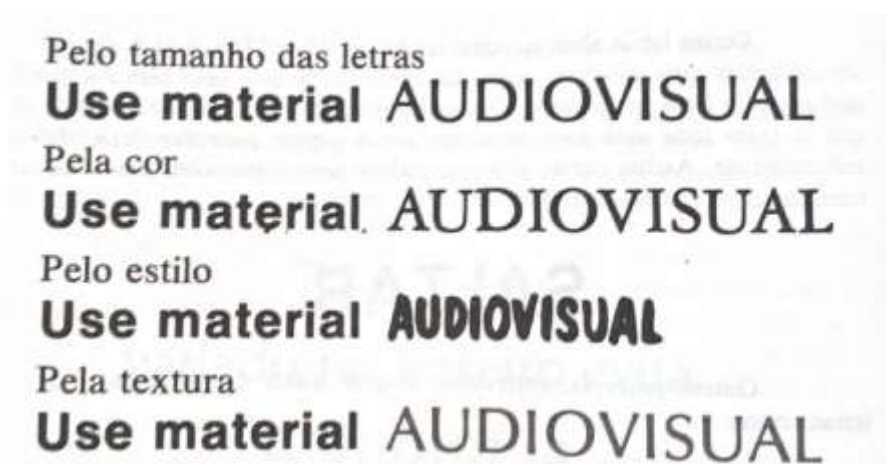
que o comunicador pretende passar, devido a fatores socioculturais ou experiências passadas de cada indivíduo. Por isso, é importante que essa mensagem fique clara, para evitar falsa interpretação.

Segundo os autores, vivemos em um mundo audiovisual, onde é possível nos comunicarmos com mais eficiência, indo além das palavras. Em decorrência da necessidade de comunicação visual, surgiram diversos campos de estudos e pesquisas — a exemplo da comunicação gráfica, a qual utiliza-se de desenhos, símbolos, letreiros, dando vitalidade à experiência de aprendizagem.

Parra e Parra mencionam que para transmitir uma mensagem com êxito, um trabalho gráfico precisa ser agradável e se utilizar de instrumentos simples para desenvolver elementos visuais que efetivamente auxiliarão na tarefa da comunicação, como a ilustração, o letreiro, a cor e o *layout*. Dessa forma, os autores exemplificam cada um deles e apresenta técnicas para os professores de como utilizá-los em sala de aula.

A primeira preocupação da confecção de um letreiro, por exemplo, deve ser a legibilidade, a qual depende do tipo de letra escolhida, da sua fonte, tamanho, distância entre as letras, palavras e linhas e do contraste de cores, para que acrescente algo novo e atraente ao visual que será usado. Os letreiros importantes devem ser feitos em tamanho maior, e os menos importantes, em tamanho menor.

Figura 16 - Letreiros

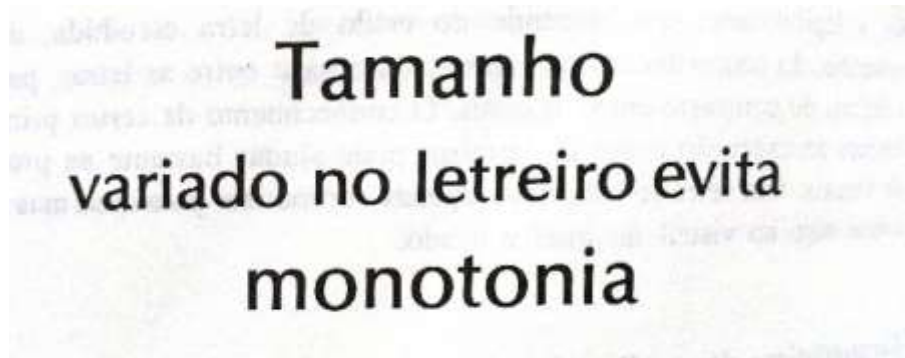


Fonte: Nélio Parra e Ivone Parra, 1985, página 38.

A chave de um bom letreiro é a uniformidade de tamanho. Parra e Parra, porém, alertam que, em um texto longo, o letreiro uniforme pode não atrair a atenção do leitor. Eles sugerem

que, se variarmos o tamanho dos letreiros, enfatizando as palavras mais importantes, evitaremos a monotonia, como vemos no exemplo na figura 17:

Figura 17 – Tamanho da fonte



Fonte: Nélio Parra e Ivone Parra, 1985, página 36.

Quanto à largura e ao espaçamento, eles propõem que letras muito finas e altas ou grossas e baixas se confundem à distância, tornam-se ilegíveis e não devem ser usadas. Também mostram a importância do espaço entre as letras, as palavras e as linhas de um texto para a legibilidade do letreiro.

Figura 18 – Espaço entre as fontes



Fonte: Nélio Parra e Ivone Parra, 1985, página 36.

Os autores demonstram, através de outros exemplos, a importância do estilo, da cor, da ênfase ou destaque de uma palavra ou frase, a recomendação da direção do letreiro na horizontal, pois uma alteração na posição acarreta danos ao entendimento na mensagem, entre outros exemplos de técnicas aplicáveis.

Ao se apropriar de algumas dessas técnicas, o professor deve se atentar a ensinar os alunos em todas as fases de seu desenvolvimento a observarem as mensagens, a verem além delas, a explorar cada detalhe e dar a noção de perspectiva e profundidade.

Parra e Parra destacam o uso do flanelógrafo, o qual se resume em uma superfície rígida, recoberta por flanela ou um tecido semelhante, onde se colocam peças como material aderente, tendo, na parte superior, lã, flanela ou feltro. Esse é um recurso audiovisual bastante acessível que dispensa aparelhagem complexa para sua utilização. É útil em qualquer nível de ensino para qualquer tipo de conteúdo.

Figura 19 – Exemplo de Flanelógrafo



Fonte: Página do cpt no Google<sup>27</sup>.

Entre as vantagens que esse recurso apresenta, é apontado o movimento, a organização da matéria, a rapidez na apresentação, a concretização da ideia e a flexibilidade para o uso pelos professores. O flanelógrafo, segundo os autores, é um instrumento importante na solução de inúmeros problemas de ensino e aprendizagem. Porém, para isso, deve ser utilizado dentro de princípios metodológicos, com boa preparação, apresentação e avaliação.

Quanto ao movimento, diferente daquele apresentado pelo cinema, o movimento no flanelógrafo é manuseado pelo professor, de acordo com os seus objetivos e de seus alunos, podendo ser apresentado de maneira mais lenta ou rápida, conforme o desempenho de cada sala. Cabe ao professor dar o ritmo certo às peças no flanelógrafo, acrescentando ou retirando as figuras, dinamizando a apresentação a fim de despertar a atenção.

Para Parra e Parra, no que se refere à organização da matéria, esse recurso pode ser explorado por etapas, segundo o planejamento prévio do professor, o qual gera uma sequência do assunto, facilita a compreensão e o acompanhamento da aula, sem dispersão. Além disso, promove o interesse para a próxima etapa do que está sendo apresentado, estimulando o querer saber das coisas de uma maneira não mecânica.

---

<sup>27</sup> Disponível em: <https://www.cpt.com.br/cursos-educacao-infantil/artigos/flanelografo-ferramenta-para-a-contacao-de-historias-e-educacao-infantil>. Acesso em: dez. 2023.

A rapidez na apresentação permite um dinamismo no processo de ensino através da dramatização. O flanelógrafo, por utilizar um material previamente preparado e organizado, tem esse dinamismo a seu favor, ensinando mais em menos tempo através dessa técnica de comunicação.

Os autores afirmam que a ilustração, o movimento e a apresentação por etapas, somados à comunicação através da palavra oral ou escrita favorecem a concretização de ações mais próximas da realidade, ou seja, ao visualizar um conceito, o aluno trará essa ideia para o seu cotidiano, superando a barreira da língua e assimilando com mais facilidade.

Diferenças individuais e de grupos aparecem na aprendizagem. A flexibilidade do uso do flanelógrafo nesse ponto é bastante positiva por ser esse um dos recursos mais flexíveis e utilizados em diferentes níveis de ensino e disciplinas, adaptando-se ao ritmo da apresentação e à explicação, de acordo com cada sala.

Parra e Parra passam a discorrer sobre indicações para o uso do flanelógrafo. Eles afirmam que é preciso levar em conta uma metodologia. O primeiro aspecto está vinculado à sua preparação e ao nível de cada turma. É recomendável um pequeno ensaio anterior com a colocação das peças no quadro, facilitando a compreensão do assunto, além de uma boa localização do mesmo na sala de aula, permitindo que todos o visualizem.

Para evitar dispersão da atenção dos alunos, recomenda-se que o professor explique previamente o que é e como funciona um flanelógrafo. Durante a apresentação, os passos devem ser mostrados de acordo com o ritmo da sala, proporcionando a participação de todos. Finalmente, o professor deve avaliar a sua apresentação considerando seus objetivos propostos. Nessa avaliação, precisa verificar se as ideias foram colocadas com clareza, se o ritmo foi adequado e as necessidades dos alunos, atendidas. A partir daí, deve planejar as modificações que serão introduzidas em futuras aulas com o flanelógrafo.

Entre outros recursos visuais que podem ser aliados dos professores durante as aulas, Parra e Parra cita os quadros didáticos. Eles exigem explicações, comparações e um tempo de permanência maior na classe.

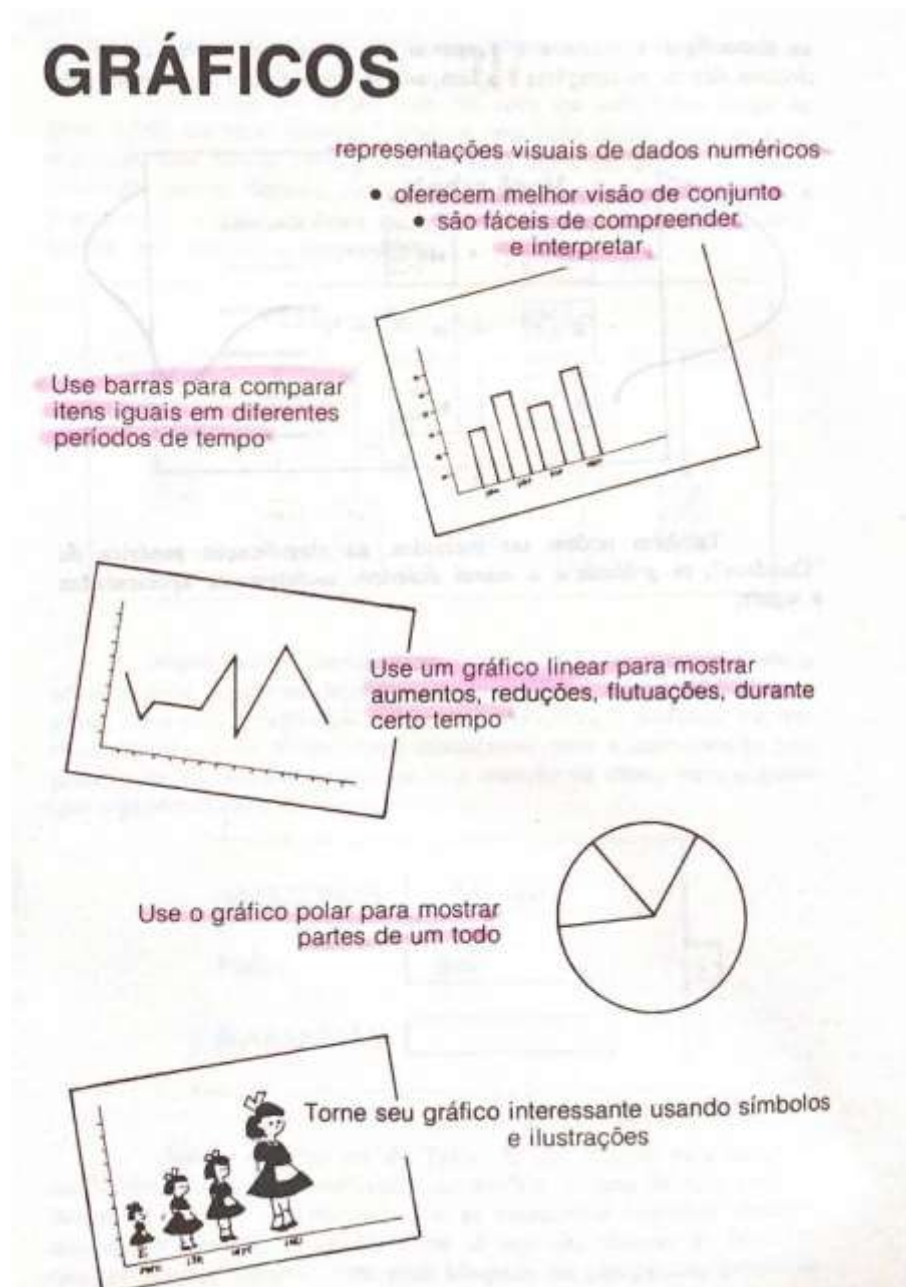
Um aspecto importante sobre esses recursos que merece ser destacado é que eles devem ser utilizados metodicamente em sala de aula. Neles, encontra-se ilustrações e textos, os quais exigem explicações, comparações e permanência maior no ambiente a fim de que a mensagem seja visualizada e assimilada pelos alunos.

Os autores apresentam vários tipos de quadros que estão à disposição dos professores, entre eles, o da linha do tempo, que provê uma documentação em ordem cronológica. O

nudiquadro, que traz um visual interessante para a apresentação progressiva de um assunto, mantendo a atenção da sala.

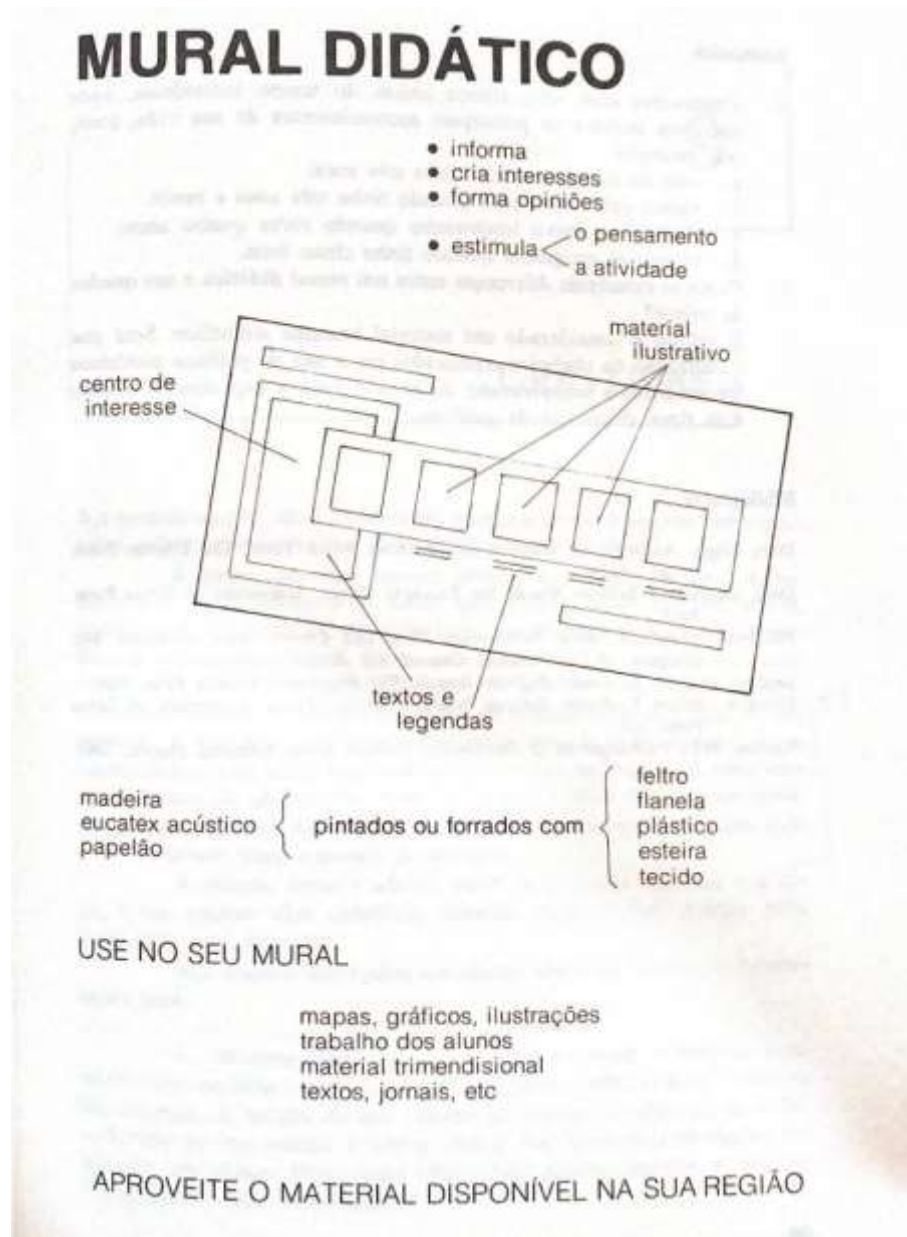
Um último quadro citado pelos autores é o quadro elétrico ou de teste, usado para testar o conhecimento através de perguntas e respostas. Além destes, podemos incluir e observar a seguir representações de outros recursos, como os gráficos e o mural didático.

Figura 20 - Gráficos



Fonte: Nélio Parra e Ivone Parra, 1985, página 88.

Figura 21 – Mural didático



Fonte: Nélio Parra e Ivone Parra, 1985, página 89.

Segundo os autores, os meios de comunicação em massa têm criado um novo tipo de criança, com um novo vocabulário, com novas aspirações e novas necessidades. Assim, a escola deve estar preparada para atender a esse público, para que seja possível a formação do mundo de amanhã.

Nesse sentido, Parra e Parra consideram as gravuras — como ilustrações retiradas de revistas, jornais e livros — um meio atrativo para os alunos, por possibilitarem a concretização do conteúdo, a manipulação do material e estabelecer uma relação entre a realidade e os

símbolos. O professor precisa orientá-los em todas as fases para que consigam interpretar as imagens e ver nelas um recurso para comunicação.

Outro auxiliar do ensino selecionado no livro é o cartaz, cuja função é transmitir pouca informação e possui ilustrações que podem complementar a fala do professor. Por essa razão, ele deve ser atraente, com uma mensagem simples, imagens coloridas e os elementos tem que ser distribuídos de forma agradável e organizada.

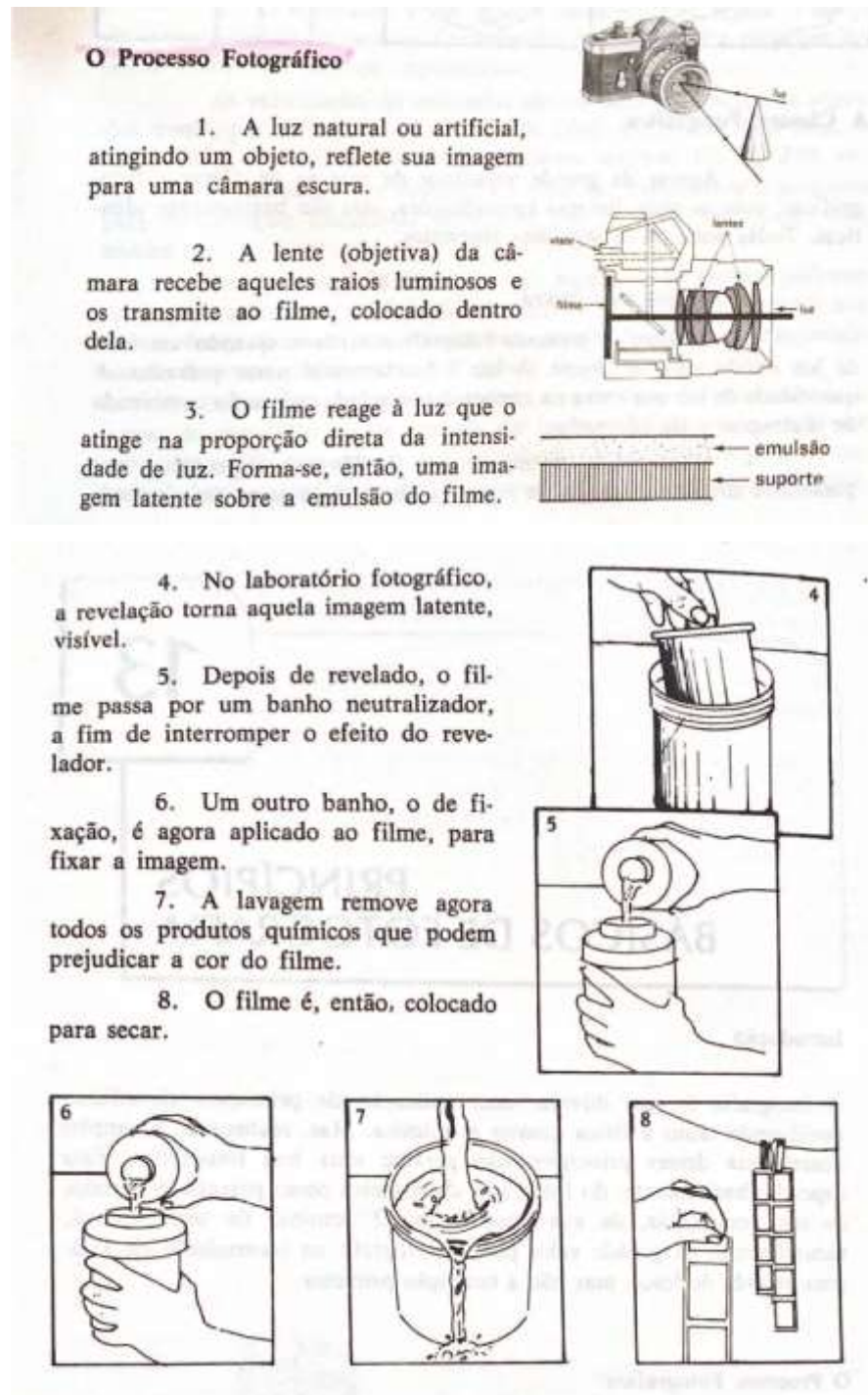
O ensino também pode adotar as exposições escolares, com a intenção de expor ao público os seus objetivos, justificar o seu programa de atividades, ensinar alguma técnica ou expor uma opinião. Para isso, os autores mencionam que, é necessário que os objetivos sejam bem definidos, o conteúdo selecionado, o local planejado, para que as informações atinjam os indivíduos presentes.

O álbum seriado é um material recomendado ao educador para expor algum tema, o qual se constitui de uma coleção de folhas organizadas em uma encadernação de papelão ou madeira. E pode conter fotos, mapas, gráficos, cartazes, letreiros e qualquer outra representação simbólica.

Esse recurso deve obter um assunto com texto curto e uma série de ilustrações para tornar-se mais atraente e concretizar melhor as ideias apresentadas. Como os outros meios audiovisuais, o álbum seriado possui como vantagem a organização do assunto, possibilitando ao comunicador relacionar suas experiências ou conhecimentos anteriores.

Parra e Parra propõem a fotografia como outro princípio básico para as aulas, sendo essa registrada da maneira como o fotógrafo percebe o mundo de sua perspicácia. Essa técnica apenas será de grande valia se a transmissão da imagem atingir os objetivos propostos. Dessa forma, os autores passam algumas orientações de como utilizar a câmera fotográfica:

Figura 22 – Processo fotográfico



Fonte: Nélío Parra e Ivone Parra, 1985, páginas 113 e 114.

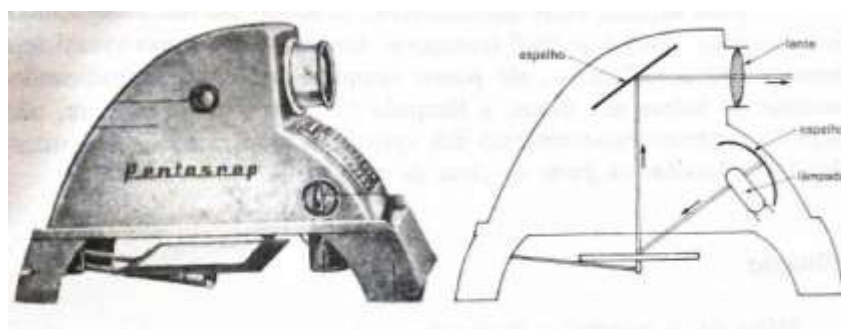
Entre os diversos tipos de projeção, os autores destacam os diapositivos e os diafilmes. São materiais transparentes, que permitem ser atravessados pela luz e reproduzem a imagem nele projetada. Os diapositivos ou slides projetam em uma tela fotos ou desenhos feitos em um material transparente e os diafilmes representam o conjunto de imagens unidas em um filme.

Esses dois recursos se identificam pela grande facilidade de atrair a atenção dos alunos, pois, ao escurecer a sala, o foco é para o ponto iluminado, excluindo-se os elementos dispersos. Além de economizar tempo, proporcionando aos indivíduos uma fácil compreensão do conteúdo por meio de imagens e sons, também é possível exibir mapas, gráficos, obras de arte e outros.

Parra e Parra citam que, através de pesquisas, foi possível constatar que, com o auxílio desses dois instrumentos, ocorre um melhor esclarecimento do conteúdo e aumento do interesse dos alunos, por facilitar o processo e acelerar a aprendizagem. Cabe ao professor estimular o pensamento e dirigir a atenção para a classe, levantando questões ou abrindo para comentários.

O episcópio é um projetor bastante antigo, que pode apresentar qualquer ilustração de material sem muito volume, como revistas, apostilas e jornais. Ao projetar os elementos na aula, é importante que os alunos participem das discussões e observações, para que alcancem uma aprendizagem efetiva.

Figura 23 – Episcópio



Fonte: Nélio Parra e Ivone Parra, 1985, página 125.

Nesse conjunto de equipamentos audiovisuais, o retroprojetor aparece como um dos recursos mais divulgados, indicado como substituto do quadro negro, permitindo que o professor apresente um assunto sem perder o contato visual com os alunos, já que não é preciso apagar as luzes para projetar o material.

Os autores apontam algumas técnicas de como utilizar esse instrumento, por exemplo, o limite de linhas que o texto precisa ter, os materiais de transparência para a produção, a montagem das imagens e o melhor ângulo de posicioná-lo na sala de aula ao apresentar o assunto.

Na sequência, Parra e Parra abordam o campo visual como uma tendência de dar movimento às realizações gráficas e com um poder de atração. Um exemplo de instrumento

que poderia ajudar na compreensão da mensagem na sala de aula é o cinema educativo, caracterizado pela ilusão ótica.

A intervenção do professor é importante por auxiliar a criança a atingir o esforço intelectual e um saber organizado, pois observar não é apenas enumerar, mas sim verificar com precisão, conduzir a uma avaliação do documento, compreender uma totalidade e chegar a uma síntese. Por essa razão, um filme deve ser usado se realmente trazer uma contribuição efetiva à aula.

Outro veículo de comunicação, indicado pelos autores, é a televisão, a qual muitas vezes apresenta uma série de imagens sem um aproveitamento e sem se dirigir ao telespectador. Assim, frente a um audiovisual atraente, é necessário desenvolver o espírito crítico do indivíduo, através de perguntas, induzi-lo a fazer relações e conclusões. Nesse caso, o professor precisa criar condições para que o aluno aprenda a observar diante de estímulos visuais e sonoros originados de todos os tipos de fontes, como permitir que a classe pense, observe, medite e aponte os pontos relevantes. Através da atividade perceptiva e inteligente, orientada por esse profissional que possui experiência, é possível provocar a percepção correta do visual.

Uma vantagem da aula televisionada é que essa pode atingir milhares de pessoas ao mesmo tempo, possibilitando ao professor mostrar diferentes tipos de experiências, dirigir a atenção para o ponto importante, destacar os detalhes, para que todos tenham a mesma visão do objeto, despertando a curiosidade.

Porém, segundo Parra e Parra, há também suas desvantagens, como a rigidez dos horários, a falta de resposta imediata e, se a sala apresentar uma variedade em ritmo de aprendizagem, aqueles considerados mais lentos podem perder a atenção. Por esses motivos, os educadores precisam estar ativos no campo da televisão, para que ela se transforme em um veículo de desenvolvimento cultural do povo. Os autores mencionam que, é válido levar para as salas de aula a apreciação musical, como o estudo dos ritmos e a coordenação de instrumentos musicais, sendo utilizado para essas atividades o gravador magnético. Esse recurso pode ser útil para exercícios orais, como gravação de histórias, estudos sociais, entrevistas e, até mesmo, para o aprendizado de línguas estrangeiras.

Desse modo, a partir dos recursos audiovisuais que os autores apresentam com a intenção de colaborar para a melhoria do ensino por meio da comunicação, propondo a organização e administração de centros audiovisuais, responsáveis pela expansão de pesquisas e técnicas, abertos para a comunidade, disponibilizando atividades de treinamento, cursos e projetos. Na visão desses autores, esses centros, deveriam estar apoiados nos princípios da didática renovada, isto é, deveriam proporcionar ao aluno produzir sua própria aprendizagem,

uma vez que o professor deixa de ser o centro do processo educativo e passa, junto da classe, a procurar atingir os objetivos selecionados por todos.

Parra e Parra, em seus últimos capítulos, orientam a organização dos materiais para facilitar a administração e o acesso do público, por isso sugere a adoção de sistemas de catalogação com as informações dos equipamentos, como fichas para controlar a saída dos recursos audiovisuais.

Figura 24 – Ficha para controle de materiais

F1					
CONTROLE DE MATERIAIS N.º					
Título .....					
Assunto .....					
Área de estudo .....					
Filme .....	Diafilme .....	Diapositivo .....	Outros .....		
Cópia n.º .....	p&b .....	col. ....	sonoro .....	texto .....	
Produtor .....					
Nível: Prim. ....	Secund. ....	Sup. ....	Outros .....		
Obs. ....					
UTILIZAÇÃO					
Escola	Professor	Retirado	Devolvido	N.º de Proj.	Rubrica

Fonte: Nélio Parra e Ivone Parra, 1985, página 181.

Para Parra e Parra, o professor deve obter o conhecimento sobre a produção, aquisição e renovação desses materiais para poder programar os seus cursos e possibilitar um diálogo de qualidade com os seus alunos, uma vez que é fundamental a participação de ambas as partes no processo educativo.

Segundo os autores, a aprendizagem não se refere a receber informações, mas está baseada em distintas psicologias, didáticas e filosofias da educação. Quando se pensa em alguém que aprende, pensa-se no dinamismo da sua atividade mental, nos processos para atingir a verdade e no indivíduo como agente do ensino.

Com base nessas concepções, eles destacam a preocupação que precisa ter com a introdução da tecnologia na educação, sendo essa uma forma sistemática de planejar, utilizar e avaliar o processo de aprendizagem, através de pesquisas que integram os homens e as máquinas, organizando ideias, procedimentos, controles e uma instrução mais eficiente.

O ensino pode ser considerado como um conjunto estruturado de elementos que, agindo e reagindo uns sobre os outros, refletem o bom ou mau funcionamento dessa interação. Assim, a tecnologia é vista como a combinação de meios, ciências e técnicas com os recursos humanos para atingir os objetivos da aprendizagem.

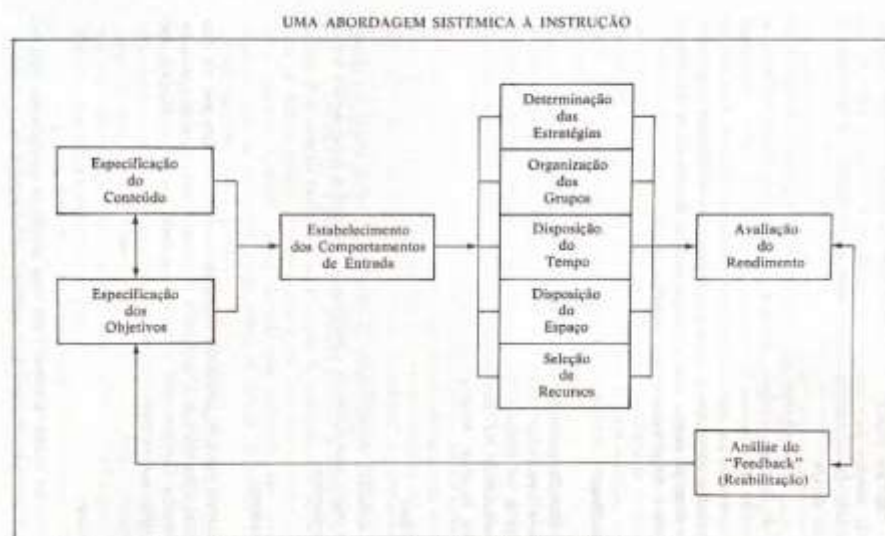
Dessa forma, é necessário que o processo educacional permita uma relação direta entre a criança que aprende e os conteúdos, para conseguir atingir o êxito desejado. Porém, essa meta apenas será possível se a matéria for realmente assimilada pelo aluno, passando a constituir parte do seu ser e da sua realidade.

Para Parra e Parra o papel do professor é o de orientar as atividades discentes, ajudando o aluno a aprender a aprender. E os recursos tecnológicos deixam de ser pensados em termos de ensino como ferramentas para o docente e passam a ser auxiliares de aprendizagem e instrumentos de trabalho para o aluno.

A aula deve ser pensada como uma reunião estimulante, onde desafios são colocados para ajudar a desenvolver no indivíduo o desejo de conhecimento, pensando nesse aluno como um criador e descobridor, para ir além e construir algo novo para a sociedade, pronto para assumir o seu papel como participante da vida social.

Um outro ponto levantado pelos autores é o planejamento educacional, o qual consiste em tomar decisões no processo de ensino e aprendizagem, definindo os objetivos, a seleção dos conteúdos, as estratégias e as formas de avaliação. Essa abordagem é ilustrada com base nos autores Gerlach e Ely:

Figura 25 – Abordagem sistêmica à instrução de acordo com Gerlach e Ely



Gerlach e Ely, *Teaching and Media, a Systematic Approach*. Prentice Hall, Inc., U.S.A. Cj. 1971.

Em relação aos objetivos, os autores recomendam satisfazer algumas condições, como definir os próximos passos das atividades, estabelecer, identificar, descrever, ordenar e construir algo produtivo junto do aluno, para que ele consiga realizar um trabalho com qualidade e alcance o que foi proposto. Os resultados advindos do processo devem ser vistos como “feedback”, por refletirem o que foi planejado, as decisões tomadas e por analisarem os sistemas, passando informações de como os docentes e discentes se saíram na realização dos objetivos.

O campo audiovisual também precisa ser avaliado para colaborar com aqueles profissionais que desejam fazer da educação e dos materiais um processo cada vez mais científico e dinâmico. Assim, Parra e Parra apresentam uma tabela que verifica as qualidades técnicas e educativas dos recursos visuais, podendo o professor utilizá-la após suas aulas:

Figura 26 – Qualidades técnicas e educativas

I. QUALIDADES TÉCNICAS: 40 pontos		
Qualidade	Grau máximo	Explicação ou descrição do termo
Artístico	11	O visual é atraente? Está de acordo com os princípios fundamentais da proporção, simplicidade, balanço, ritmo e unidade?
Claro e definido	11	Os objetos significativos estão bem delineados? Não apresenta reflexos de luz quando usados para grupos?
Perfeito	5	Do ponto de vista puramente mecânico, está isento de defeitos?
Prático	7	Se o visual é para ser usado em um grupo, ele é suficientemente grande para ser visto por todos? Se para uso individual, o seu tamanho é conveniente para ser manejado? É suficientemente grande para ser estudado sem fadiga visual?
Cor	6	A cor é essencial? A cor é autêntica e artística?
II. QUALIDADES EDUCATIVAS: 60 pontos		
Verdadeiro	15	O visual representa uma situação verdadeira ou é uma cópia de um desenho ou pintura de imaginação? Ele transmite uma impressão de verdade? Ele é comum? É natural ou posado?
Autêntico	8	Os fatos ou fontes do visual são bem documentados a ponto de garantir sua autenticidade?
Relevante	11	O visual é pertinente ao assunto em discussão? É apropriado ao nível de idade dos alunos? Está de acordo com as necessidades e compreensão da classe?
Significativo	9	O visual representa um fato, acontecimento ou objeto de importância?
Estimulador	11	Possui características que podem ser utilizadas pelo professor para desenvolver atividades de pensamento? Desperta questões e problemas? Representa procedimentos, a vida de um povo, contatos humanos, etc., mais que meramente vistas?
Noção de tamanho	6	Inclui algum objeto conhecido através do qual torna-se possível uma comparação de tamanho?

Fonte: Nélio Parra e Ivone Parra, 1985, página 198.

Os autores mostram que as atividades são muitas e variadas, porém, se não forem adotadas e aplicadas da maneira correta para que o aluno realmente aprenda, o professor deve reavaliar as decisões tomadas.

Muitas sugestões podem ser adotadas, mas o importante é que todas elas tenham como preocupação o aluno que aprende, com suas limitações, é verdade, mas com todo o seu potencial de reflexão, de análise, de crítica; que todas se preocupem com o material em si, mas, mais e principalmente, com aquele que aprende. (PARRA e PARRA, 1985, p.142)

Para que os resultados se concretizem, a escola também precisa incorporar às suas atividades diárias as conclusões que a psicologia, especialmente a da aprendizagem, tem como certas ou ideais, para formar o aluno e não apenas informá-lo. É importante que diretores e professores se questionem sobre o uso dos recursos audiovisuais para obterem mais êxito em suas ações.

Parra e Parra não esquecem de mencionar sobre a resistência diante das inovações. Elas se apresentam, ao longo da história do ensino, obedecendo a um movimento de tipo pendular. Esse vaivém perturbou alguns educadores, levando-os a um ceticismo quanto à eficiência das técnicas didáticas. Os mais críticos julgaram e avaliaram os limites das novas propostas dos recursos audiovisuais que lhes foram oferecidas como meios para melhoria das práticas de ensino, ou seja, houve resistência à implantação das mesmas.

Ainda segundo os autores, depois da euforia dos anos 60, o pêndulo do ensino começou a oscilar, fazendo com que o educador com formação mais sólida passasse a considerá-las ferramentas importantes em sua comunicação.

O caráter social do homem solicita do mesmo uma relação contínua com o meio exterior. Essa relação ou *comunicação* tem sido o motor do progresso... O termo *comunicação*, em seu sentido lato, sugere a ideia de comunhão, de estabelecimento de um campo comum com as outras pessoas, de divisão de informações, de ideias, de sentimentos. (PARRA e PARRA, 1985, p. 1).

Parra e Parra citam que, para que haja comunicação, o comunicador e o público devem entrar em sintonia, formando uma comunhão. Mas, falar e escrever não são os únicos sistemas, há diversos outros canais para que ela se estabeleça. O canal é, portanto, mais um elemento desse processo. Porém, em qualquer etapa da educação, podem surgir ruídos ou barreiras que a prejudicam.

Há barreiras no próprio professor, tanto em termos de sua capacidade de comunicação, como em sua vivência, que ele traz como bagagem para a sala de aula. Se os professores não se preocuparem em encontrar um ponto de contato com o aluno, não poderá haver comunicação, divisão de ideias, atitudes e informações, e torna-se mais difícil conseguir a atenção dos mesmos.

Os elementos que prejudicam a comunicação entre alunos e professores têm sido alvo de inúmeros estudos até hoje e, conseqüentemente, diversas soluções têm sido oferecidas para que a educação alcance seus objetivos. Entre elas, destacam-se as técnicas dos recursos audiovisuais, proposta nessa obra.

A partir desse livro é possível apresentar quais eram os objetos que Nélio Parra se preocupava em mostrar ao leitor, trazendo uma classificação, a qual dialoga com outros estudos e propõe uma esquematização brasileira dos recursos audiovisuais. Como foi mencionado, o autor apresenta uma ficha com um detalhamento do trabalho que o professor precisaria ter para avaliar o material ao utilizá-lo em sua aula. Dessa forma, é importante situar sobre como era essa escola, se havia todos esses equipamentos e até que ponto o professor estaria disponível para fazer uma avaliação desse tipo, uma vez que, devemos estar cientes da realidade do ensino brasileiro.

### 3.1 Nélio Parra e o “marco divisório na história dos recursos audiovisuais no Brasil”

Professor e pesquisador da área da educação no Brasil desde 1960, Nélio Parra ocupou uma posição de destaque no movimento audiovisual brasileiro e foi referência na busca por informações sobre a adoção desses recursos na sala de aula como potencializadores da qualidade e adequação do ensino às novas realidades econômicas e sociais. A editora Saraiva que publicou o livro *Metodologia dos Recursos Audiovisuais* (1977), ressaltou a importância:

O que se fez e o que se escreveu sobre o assunto até agora, têm se caracterizado, em geral, pela «tradução» e tentativa de adaptação do que se fez e se escreveu em outros países. É a etapa que denominamos de «pré-história» do audiovisual brasileiro, sem nenhuma intenção, diga-se de passagem, de menosprezá-la, pois foi necessária, fundamental mesmo, para o atual estágio do movimento. Com a obra **Metodologia dos Recursos Audiovisuais** iniciamos a «História» dos recursos audiovisuais em nossa terra. (apud Parra, 1977, orelha do livro, grifo do editor).

Seu livro *Metodologia dos Recursos Audiovisuais* (1977) representa um marco divisório na história da utilização da tecnologia na educação e também um marco separando o audiovisual tradicional do audiovisual renovado<sup>28</sup>. Esses recursos, apesar de terem sido incorporados desde

---

<sup>28</sup> A primeira edição do livro *Metodologia dos Recursos Audiovisuais* é de 1973, mas para análise estou utilizando a sua 2ª impressão, do ano de 1977.

Este livro, de acordo com o autor, é considerado leitura obrigatória para todos os que estão ligados aos problemas da educação e da comunicação, como professores e alunos das Escolas Normais, Faculdades de Educação, Escolas

as suas mais remotas origens até os nossos dias, uma série de inovações técnicas pouco mudaram em relação aos seus pressupostos teóricos.

Os recursos audiovisuais apesar de terem incorporado, desde as suas mais remotas origens até aos nossos dias, uma série de inovações técnicas, pouco mudaram em relação aos seus pressupostos teóricos. Os seus princípios, com ligeiras variações, continuaram a ser os mesmos que, no século XVIII, foram defendidos pelos pedagogos da chamada escola realista. Sob este ângulo, o audiovisual é encarado, meramente, como um auxiliar de ensino, do professor ou do comunicador em geral e cujo objetivo é «gravar» imagens na mente do aluno. Conseqüentemente, toda uma metodologia desenvolveu-se visando «impressionar» os alunos, como se suas mentes fossem máquinas fotográficas, captando a realidade. Este livro, opondo-se a tão limitada visão dos recursos audiovisuais, vai buscar nas modernas correntes da psicologia e, principalmente na psicologia genética de Jean Piaget, os fundamentos teóricos que devem apoiar e determinar a metodologia desses importantes auxiliares da comunicação humana. Em função desses princípios, o autor desenvolve uma nova metodologia dos recursos audiovisuais, coerente com os conhecimentos e as experiências que a psicologia, a comunicação humana e a tecnologia oferecem atualmente. (apud Parra, 1977, orelha do livro).

A partir de sua obra<sup>29</sup>, ainda segundo a editora, inicia-se a disseminação do seu trabalho, o qual pretende atingir todos os profissionais da área da educação. Além disso, como acadêmico responsável por disciplinas ligadas à área da didática em diversas universidades brasileiras, procurou levar esse novo conceito das técnicas audiovisuais aos seus pares e educandos.

Nélio Parra no decorrer de sua carreira e de suas publicações avança em relação ao seu primeiro livro: Manual Audio-Visual (1968), um exemplo é a escrita de Metodologia dos Recursos Audiovisuais<sup>30</sup>, que possui uma estrutura mais organizada e ampliada, pois é dividido em três partes, a primeira descreve os fundamentos que o autor se baseou, a segunda desenvolve cada um dos recursos audiovisuais, sendo que Parra apresenta esses recursos a partir de suas vantagens, se apoiando em uma discussão mais pedagógica, além de propor exercícios e indicar a bibliografia no final de cada capítulo.

Dessa forma, Parra desenvolve uma nova metodologia dos recursos audiovisuais, coerente com os conhecimentos e as experiências que a psicologia, a comunicação humana e a tecnologia oferecem. Ele se opõe à visão limitada dos recursos, buscando nas modernas correntes da psicologia e, principalmente na psicologia genética de Jean Piaget, os fundamentos

---

de Comunicação, Publicidade e Propaganda, entre outras. É possível encontrar em suas páginas respostas atuais para o perene problema da comunicação e educação.

<sup>29</sup> Refere-se ao conjunto de livros e produções escritos por Nélio Parra durante sua atuação acadêmica e profissional.

<sup>30</sup> O livro Metodologia dos Recursos Audiovisuais foi publicado com base em sua tese de doutorado, intitulada “Os Recursos Audiovisuais e a Renovação Didática”, em 1972.

teóricos que devem apoiar e determinar a metodologia desses importantes auxiliares da comunicação humana.

Segundo Nélio Parra (1977), o capítulo 1 menciona que as novas proposições do uso de tecnologia na educação brasileira a partir da década de 1960 enfatizaram o aparecimento de termos como *input*, *output*, *feedback*, um ensino baseado em computador e audiovisual e passaram a ser manipulados com certa naturalidade por educadores.

De acordo com o autor, com a introdução desses novos termos, inicia-se uma redescoberta da escola, a qual passa a se adaptar à nova realidade vigente na época, ou seja, a tecnologia começa a fazer parte de ações não apenas em ambientes econômicos e corporativos, mas também começa a construir uma relação íntima com a educação e o desenvolvimento da população.

Assim, a educação não poderia permanecer ultrapassada, e melhorar a sua qualidade refletiria nos resultados finais de seus produtos, ou seja, os alunos formados, os quais seriam devolvidos à sociedade com mais qualificação e preparo. A preocupação básica de Parra foi verificar até que ponto a introdução dos recursos audiovisuais poderia trazer uma efetiva contribuição no ensino.

Parra cita que uma das primeiras constatações sobre a adoção de novos recursos — baseada em alguns estudos, entre eles, o do *Massachusetts Institute of Technology* — vincula a educação ao desenvolvimento. Essa passa a ser considerada um investimento e não poderia permanecer deficitária devido a métodos pedagógicos arcaicos.

Diante disso, após cursar pós-graduação nos Estados Unidos, em *Communications Media-Systems Development*, em 1960 e 1961, o autor se preocupa em trazer para o Brasil uma efetiva contribuição à melhoria do ensino e ao desenvolvimento de um necessário embasamento teórico e metodológico dos recursos tecnológicos. Entretanto, Parra questiona essa didática renovada, pois, apesar da introdução de novos instrumentos no ensino, em essência o sistema em nada mudou.

Continuou a ser encarado como uma transmissão de informações por parte de um professor, agora com uma bagagem maior de recursos e equipamentos, para um grupo de alunos, em geral, passivos. E levantamos a hipótese de que o sistema não se modificou, porque suas bases, apesar de ultrapassadas, teoricamente falando, continuam a dirigir, no dia-a-dia escolar, a utilização desses recursos. (PARRA, 1977, p. 13).

Visando apresentar uma metodologia que corresponda aos novos princípios da didática, Parra propõe redefinições dos papéis do aluno, do professor, do método e de outros elementos,

em dimensões opostas às que possuíam no “antigo” ensino. O autor considera a necessidade de atividade por parte do educando, uma condição fundamental para que o ensino possa ser considerado renovado. Sua intenção foi a de encontrar o ponto convergente de todos os teóricos renovadores da educação.

Ele afirma que a atividade é o elemento central do desenvolvimento do sujeito e que os termos “ação” e “operação” — usados por Piaget para explicar o papel operativo da inteligência — são extremamente importantes na vida intelectual. Dessa forma, o princípio da atividade ganhou consistência teórica e foi defendido por todos os educadores renovados, o que não acontecia no princípio do movimento.

Os recursos tecnológicos, por meio das práticas discursivas, dominam o ideário pedagógico e passam a fazer parte da aquisição do conhecimento. A psicologia da aprendizagem constrói necessidades quanto ao tipo de resposta que o aluno poderá dar a um determinado estímulo, quanto ao reforço que deve ser aplicado ao seu comportamento e o desenvolvimento cognitivo de cada um. Então, são valorizados os sentidos, a percepção e a experiência no processo de ensino-aprendizagem, e os objetos começam a fazer parte das propostas educacionais.

Nesse sentido, Nélio Parra, em 1973, propôs investigar quais contribuições os objetos poderiam trazer para o ensino e sugere uma teoria baseada na percepção da imagem mental, também com base na psicologia genética de Jean Piaget, para explicar positivamente o uso desses recursos. O seu discurso explica que, ao fazer uso de objetos no ensino, é preciso considerar os processos comportamentais e a participação do aluno.

Ainda em seu livro *Metodologia dos Recursos Audiovisuais*, Parra afirma que o princípio da atividade não foi bem aceito no ambiente escolar, em razão das expectativas dos métodos tradicionais utilizados por séculos, onde os alunos, agentes passivos, iam para a escola receber informações de alguém, conhecedor do assunto, o professor. Uma mudança de mentalidade, nesse sentido, era o grande desafio a ser transposto.

O conceito da atividade, considerado pelo autor como fundamental na didática renovada, marcou a fronteira entre o audiovisual tradicional e o audiovisual metodologicamente renovado, este último embasado na psicologia genética de Piaget.

Para compreender ainda mais essas ideias, é válido destacar que a Psicologia de Piaget considera que só é possível construir o conhecimento a partir dos modos de ação do sujeito sobre o meio. As atividades intelectuais e biológicas são partes globais, em que o organismo se adapta ao meio e organiza suas aprendizagens.

Para atender a essa metodologia renovada dos recursos audiovisuais, independente do recurso utilizado, é fundamental a participação ativa do sujeito, a fim de que a imagem mental recebida seja a mais próxima possível do estímulo emitido. Simplesmente mostrar os recursos não assegura que a mensagem foi decodificada pelo aluno, é preciso uma interação do indivíduo para apreender o significado da mesma.

Além disso, todo recurso audiovisual deve ser explorado suficientemente pelo professor, para que este crie condições ideais para tirar o aluno da passividade, levando-o a interagir. A criatividade do professor é fundamental para que se abram diversas possibilidades de utilização dos tais recursos, trazendo desafios que estimulem a análise do aluno na decodificação e assimilação da proposta.

São várias as estratégias das quais ele pode se valer, entre elas, questões bem formuladas, por escrito ou oralmente, questões que mobilizem esquemas operatórios poderão ser adotadas com sucesso. Apresentar problemas que levem o aluno a analisar, representar, resumir, classificar, transpor são exemplos que os desafiarão na busca por soluções de acordo com a estimulação audiovisual (PARRA, 1977, p. 73).

Discussões em grupo ou estímulo da observação coletiva também são proposições de Parra que fazem com que o aluno assuma uma atitude ativa frente à atividade, por exemplo, ao interromper ou alterar uma sequência de imagens durante uma apresentação em aula, provoca discussões além da comparação de elementos contrastantes. O aluno, diante de mudanças, precisa reorganizar seu raciocínio para obter respostas.

É necessário pensar também sobre a adequação dos recursos audiovisuais às etapas de desenvolvimento do sujeito, ou seja, elas estão interligadas e dependem das anteriores e das posteriores, de acordo com a idade dos indivíduos. Sendo que cada etapa apresenta limitações e vantagens se comparadas entre si.

Parra questiona se realmente as crianças das diversas faixas etárias compreendem o real significado do que o professor pretendia comunicar. Por exemplo, uma criança de 2 a 7-8 anos que se interessa por imagens consegue apreender totalmente o seu sentido? Crianças nessa idade apresentam uma série de limitações, como atividade perceptiva pobre e irreversibilidade de pensamento, as quais podem dificultar sua compreensão.

Para o autor, imagens são significantes, ou seja, um resumo de uma série de operações que precisam da intervenção de um profissional qualificado e capacitado. Para os alunos apreenderem essas imagens, o professor deverá agir sobre elas. Ele deve estar preparado para o aparecimento de problemas de não compreensão por parte dos alunos.

Ainda segundo Parra, existem algumas observações para verificar os níveis de compreensão de crianças de diversas idades quando submetidas a uma história infantil visualizada. Em relação a esta atividade, Parra analisou 32 crianças, de 4 a 6 anos de idade, que assistiram a um diafilme comercial sobre a Gata Borralheira.

Após a projeção das imagens, as crianças foram entrevistadas e apenas duas conseguiram reproduzir a história, ainda assim, com certa confusão de personagens e cronologias, logo após terem assistido. As outras 30 apenas apresentaram detalhes, os quais não tinham tanta relevância no conjunto.

O fato de a maioria das crianças ter notado apenas os detalhes do que viu deixa transparecer suas barreiras em apreender o significado das mensagens audiovisuais, o que é natural, em função de suas limitações. Além disso, a dificuldade de percepção as leva à não exploração suficiente dos estímulos, relatando pequenos trechos, impedindo-as de acompanhar e compreender uma sequência longa.

Parra pontua que é fundamental responder a várias perguntas antes de adotar um recurso audiovisual como complementar a alguma atividade escolar: o que se vai ensinar, por que, como e que resultados serão alcançados? Considerações dos estudiosos da comunicação audiovisual devem ser levadas em conta para confirmar se a mesma trouxe uma contribuição efetiva ao processo de aprendizagem. Há críticas sobre sua aplicação esporádica por parte de professores entusiasmados, pois esta traz pouco benefício ao aspecto qualitativo e quantitativo do ensino.

Uma segunda consideração refere-se à participação do aluno no processo de ensino e aprendizagem, especialmente sua relação com os audiovisuais, dando-lhe autonomia. É importante que haja uma transferência de atenção do professor, informador e único manipulador de recursos, para o receptor, o qual terá uma participação ativa na apreensão da mensagem. Quanto maior ela for, mais desafiadora será essa mensagem.

O autor enfatiza que o recurso audiovisual ideal e a sua metodologia correta a princípio de uma didática renovada devem desafiar o educando, levando-o a comparar informações, analisando-as, identificando-as, sintetizando os elementos de compreensão. Não esquecendo que o professor é fundamental na condução desse processo, por ser o responsável pela escolha do tipo de veículo utilizado e por conhecer as limitações, possibilidades de cada etapa do desenvolvimento do aluno.

### 3.1.1 Os recursos auxiliares para além da teoria: uma experiência com a nova técnica didática

Nélio Parra (1977) também ressalta algumas ideias de Brunswic para falar sobre a tecnologia da educação. O uso desse recurso significa conceber um modo sistemático de realizar e avaliar a totalidade do processo de aprendizagem. Ainda, visa, oferecer opções para que se possa atingir com sucesso os objetivos educacionais.

Assim, partindo da ideia de que a aprendizagem depende da atividade do aluno, os recursos tecnológicos possibilitam a criação e permitem-lhe desenvolver sua aprendizagem em seu próprio ritmo e estilo, e a escola precisa formar o indivíduo autônomo, capaz de pensar por si próprio e de aplicar métodos adequados de pesquisa, análise e crítica de novos conhecimentos.

Nélio Parra relata que em 1971, na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, foi realizado um estudo por parte de alguns docentes, inclusive o professor Nélio Parra. Havia 198 alunos matriculados no curso de Didática para Licenciatura e foi desenvolvida uma técnica que se denominou Laboratório de Aprendizagem. De acordo com os seus pressupostos, o laboratório procurava colocar o aluno em contato direto com os conteúdos, através de vários recursos e materiais, fazendo com que ele buscasse soluções para os problemas.

O Laboratório de Aprendizagem é mais adequado para trabalhar os recursos audiovisuais - uma técnica síntese, seus pressupostos podem ser resumidos, segundo o autor:

a) a aprendizagem depende da atividade do aluno, e não, necessariamente, de alguma coisa que o professor diga ou faça em frente a uma classe; b) para esta atividade, os recursos tecnológicos oferecem um suporte ideal, uma vez que possibilitam a criação de ambientes distintos para a aprendizagem, permitindo, deste modo, que cada aluno desenvolva sua aprendizagem segundo seu próprio ritmo e estilo; c) ao lado da aquisição de conteúdos e habilidades, a escola deve visar à formação do indivíduo autônomo, isto é, do indivíduo capaz de pensar por si próprio, e de aplicar métodos adequados de busca, pesquisa, análise e crítica de novas idéias e conhecimentos. (PARRA, 1977, p. 87).

Segundo o autor, o laboratório pretendia colocar o aluno em contato direto com os conteúdos de aprendizagem, por meio de uma multiplicidade de materiais. Assim, o laboratório dispunha de uma variedade de recursos audiovisuais, como o flanelógrafo, quadros didáticos, diapositivos, filmes, gravações, televisão e computadores. Foi permitido a eles que trabalhassem de acordo com o seu ritmo, sem pressão de horários e conforme os seus interesses específicos.

Um outro ponto importante do laboratório foi o “roteiro” ou “guia de estudos”, em que os problemas a serem solucionados ou os trabalhos a serem feitos precisavam ser determinados e planejados pelo educando de modo que ele trabalhasse com a mínima interferência do professor. Essa técnica envolvia a assimilação de conteúdos e a sua autonomia.

O processo de avaliação verificava até que ponto os objetivos propostos tinham sido atingidos, obtendo a possibilidade de realizar os ajustes necessários. A participação do professor era a mais discreta possível, com a função de incentivar os alunos.

Nessas circunstâncias, o experimento contou com quatro turmas e dois professores (A e B) de três cursos diferentes - Ciências Biológicas, Física e Matemática, e Letras. Foram distribuídas em suas variáveis entre o laboratório de aprendizagem e ao conteúdo programático estudado. E foram selecionadas duas unidades do programa de Didática: Planejamento do Currículo e do Ensino e Avaliação da Aprendizagem.

Para a primeira turma, os temas propostos foram trabalhados nos quadros didáticos, por meio de letreiros e ilustrações. Ao entrarem no laboratório, os estudantes recebiam um guia de estudos com um pouco mais de vinte questões, e as respostas poderiam ser encontradas através da observação e do material disponibilizado, além de ser importante fazer a comparação dos quadros e discutir as perguntas entre o grupo.

Na aula considerada formal, foi utilizado apenas o quadro negro, sem haver acesso a nenhum outro recurso audiovisual. Essa aula foi ministrada por professores de Didática, com domínio e conhecimento das técnicas de ensino, e a participação deles era maior, dirigindo as atividades aos alunos, explicando a matéria e procurando intercalar momentos de exposição oral com diálogos e discussões em pequenos grupos.

A carga horária destinada para esse estudo foi a mesma para ambas as turmas e elas receberam a mesma avaliação, com cinquenta questões de múltipla escolha, sendo computado um ponto para cada acerto.

Em relação aos resultados atingidos foram comparadas as médias dos estudantes referentes às diferentes técnicas aplicadas. Sendo a letra “t” utilizada para avaliar a significância entre as médias.

Figura 27 – Tabelas comparativas em relação às diferentes técnicas

TABELA I  
LABORATÓRIO × AULA FORMAL, EM CADA TURMA

Turma	Lab. de Aprendizagem		Aula formal		"t"
	Ma.	DP.	Ma.	DP.	
I	13,17	4,30	13,15	4,02	0,02
II	13,11	6,35	14,00	6,84	0,24
III	12,94	3,72	16,27	5,30	1,19
IV	15,73	4,20	13,30	4,50	2,906

TABELA II  
MÉTODOS E TURMAS DIFERENTES. OS MESMOS. PROFESSOR E ASSUNTO. ASSUNTO: PLANEJAMENTO DO CURRÍCULO E DO ENSINO

Turma I: Lab. de Aprendizagem		Turma II: Aula formal		"t"
Ma.	DP.	Ma.	DP.	
13,17	4,30	14,00	6,84	0,56

TABELA III  
MÉTODOS E TURMAS DIFERENTES. PROFESSOR E ASSUNTO OS MESMOS. ASSUNTO: PLANEJAMENTO DO CURRÍCULO E DO ENSINO

Turma III: Lab. de Aprendizagem		Turma IV: Aula formal		"t"
Ma.	DP.	Ma.	DP.	
12,94	3,72	13,30	4,50	0,45

TABELA IV  
MÉTODOS E TURMAS DIFERENTES. PROFESSOR E ASSUNTO OS MESMOS. ASSUNTO: AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

Turma II: Lab. de Aprendizagem		Turma I: Aula formal		"t"
Ma.	DP.	Ma.	DP.	
13,11	6,35	13,15	4,02	0,03

TABELA V  
MÉTODOS E TURMAS DIFERENTES. PROFESSOR E ASSUNTO  
OS MESMOS. ASSUNTO: AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

Turma IV: Lab. de Aprendizagem		Turma III: Aula formal		
Ma.	DP.	Ma.	DP.	"t"
15,73	4,20	16,27	5,30	0,58

Fonte: Nélio Parra, 1977, páginas 94 e 95.

Portanto, Parra apresenta as médias das turmas, o que revela uma pequena diferença de 0,05 pontos. E questiona o porquê de utilizar essa técnica, se comparadas as aulas, não ocorreram alterações significativas no processo. Ele questiona o papel da educação, que é o de desenvolver a iniciativa no estudante para que ele consiga prosseguir estudando e se desenvolvendo. Nesse sentido, os recursos audiovisuais são meios que podem auxiliar o papel do professor libertando-o da pesada tarefa de ministrar o conhecimento e passando a assumir o papel de educador. A investigação realizada no Laboratório de Aprendizagem permitiu a satisfação e entusiasmo por parte das turmas ao proporcionarem uma variedade de operações intelectuais para que pudessem encontrar a solução das questões, além de estarem sendo os próprios agentes da aprendizagem.

Parra também destaca que, por falta de verbas, o laboratório foi montado com os mais precários recursos e, caso fosse possível o emprego de uma tecnologia mais sofisticada, como filmes, diapositivos, gravações, entre outras, os resultados poderiam ter sido diferentes. Porém, os meios utilizados nessa experiência poderiam ser aplicados em qualquer outra instituição ou escola.

Dessa forma, o autor busca mostrar um exemplo de prática que poderia contribuir no processo de ensino-aprendizagem. Com base na Lei nº 5.692, que inclui o desenvolvimento e potencialidades do educando como elemento de autorrealização. Ele afirma que o laboratório poderia ajudar nesse processo, por obter recursos e por ser um ambiente acessível para todos.

Com a intenção de minimizar os problemas mais graves do ensino, o laboratório, além de ter um baixo custo, oferece ao professor total liberdade para adequar o veículo às necessidades dos indivíduos, sendo flexível quanto às características do meio educativo.

Em seu livro Metodologia dos Recursos Audiovisuais (1977), Parra propôs discutir sobre uma metodologia coerente com os princípios de uma didática renovada, fazendo o aluno assumir uma atitude ativa, levando-o a analisar, classificar, comparar, representar, definir e localizar no tempo e espaço os estímulos apresentados frente aos recursos audiovisuais.

Com a intenção de tirá-lo da passividade é que se propôs a técnica do laboratório junto dos auxiliares audiovisuais, para que o sujeito tivesse contato direto com os conteúdos programáticos. Sendo que a aprendizagem é decorrente da sua ação sobre os conteúdos e é preciso respeitar a individualidade para que cada um se desenvolva de acordo com o seu próprio estilo e velocidade.

### **3.2 Caminhos do Ensino**

Nélio Parra publicou *Caminhos do Ensino* (2002), quando já havia se aposentado. Essa obra reforça a posição do autor referente a Piaget e apresenta algumas alternativas e conclusões a respeito de suas contribuições para o ensino. Assim, para encerrar esse capítulo propus mencionar a última publicação do professor.

Parra retoma a ideia que na história da educação, a introdução dos recursos audiovisuais era justificada como uma forma de superar os excessos de verbalismo. O ensino intuitivo, por exemplo, estava fundamentado no uso desses recursos. A obra oferece de forma simples caminhos para o ensino, em uma edição revista, ampliada e atualizada.

O livro assemelha-se a uma pirâmide, o qual na base aparecem os fundamentos teóricos e o assunto vai aos poucos se concretizando conforme avançam os capítulos, reduzindo a sua complexidade e aumentando sua ênfase no dia a dia escolar com uma abordagem mais renovada, ativa e participativa nos domínios do ensino.

Como citado anteriormente, Parra apoia-se na teoria de Piaget, em específico sobre a da percepção, a qual se relaciona com o uso de materiais de concretização, o que justifica sua metodologia mais dinâmica e ativa ao referir-se sobre os recursos audiovisuais. O autor, assim como outros educadores, defende o princípio da atividade. Sendo essa, o elemento central para o desenvolvimento do sujeito.

Dessa forma, Parra apresenta alguns fenômenos perceptivos referentes aos estágios que as crianças se encontram para concluir suas ideias a respeito dos materiais instrucionais<sup>31</sup> e a melhoria no ensino.

O autor explica que os alunos do estágio da inteligência intuitiva, dos dois aos sete anos, estão na fase do pensamento dominado pelo sincretismo, ou seja, ocorre a ausência de análise, eles não conseguem decompor um objeto ou situações e suas atitudes são egocêntricas. Nesse estágio é possível raciocinar sobre as imagens e sobre o concreto, porém quando as crianças

---

<sup>31</sup> Nélio Parra em seu livro, *Caminhos do Ensino* (2002), substitui o termo “audiovisual” por materiais instrucionais, justificando esse último ser um termo mais moderno.

estiverem submetidas a uma sequência de figuras, seja em forma de slides ou impressas, elas limitam-se a enumerar os elementos, pelo fato de seus pensamentos estarem presos aos detalhes, observando apenas algumas das características, e não levam em consideração o aspecto global da apresentação.

A delimitação ao descrever as ações é fundamentada, segundo Parra, pela fixação dos órgãos dos sentidos em um único campo. Isto é, quando a criança descreve as ações, suas descrições são limitadas a um ou mais detalhes, que possivelmente, não tem muita importância no conjunto. O autor traz a “reação fabulatória” para exemplificar essa situação, assim, essa criança ao interpretar uma imagem, ela a usa como pretexto para contar uma história sobre a sua vida pessoal, dando lugar a imaginação e não demonstra qualquer preocupação pela objetividade.

Ainda no estágio do pensamento intuitivo, as crianças não demonstram capacidade de analisar uma sequência de figuras em seu conjunto, ocorre a ausência da atividade perceptiva e os personagens das histórias seriadas não são identificados de uma a outra imagem. Além da ausência da noção de tempo, elas também não atingem o pensamento reversível, o qual impede o seu pensamento de acompanhar e compreender uma sequência longa de imagens.

Frente à essas colocações, Parra, não recomenda o cinema como veículo para transmitir mensagens a essa faixa etária, que de acordo com a sua linguagem, exige que o espectador compreenda, pela representação, uma série de lacunas na sequência dos fatos. Sendo que, as crianças dessa idade não conseguiriam aprender o significado transportado.

Conforme a criança vai passando dessa fase, ela começa a descentrar, realizar comparações, transposições e antecipações sobre o objeto, de acordo com a sua percepção e seu ponto de vista. Com nove e dez anos, o seu pensamento passa a ser operatório, pois ela já consegue enxergar um todo e intervir na forma de reversibilidade.

A partir do aparecimento da atividade perceptiva na criança, a interpretação das imagens passa a obter uma preocupação pela objetividade, seguindo uma ordem horizontal ou cronológica. Essa organização deve-se ao fato de que o pensamento infantil se torna lógico. Nessa fase, ela começa a se preocupar em situar-se sobre os acontecimentos no tempo e com a realidade, adquirindo os instrumentos necessários para compreender o mundo. Como nesse estágio a criança permanece presa ainda no concreto, Parra, aponta que a imagem adquire um papel importante e pode servir como um auxiliar pedagógico, na medida que permite tornar o ensino mais real.

Por volta dos onze e doze anos efetua-se a transformação fundamental no pensamento da criança, a passagem do concreto para o formal. As operações lógicas começam a ser

transportadas para as ideias expressas em linguagem das palavras ou dos símbolos matemáticos, tornando-se capaz de raciocinar sobre as imagens, como de pensar seus próprios raciocínios, sendo a imagem interpretada como signo de outra coisa.

Nessa fase, as respostas dadas às figuras são mais elaboradas e as crianças incluem elementos que não estão diretamente incluídos no desenho, mas que poderiam ser inseridos pelo contexto em que a imagem está situada. Como ocorre a identificação dos personagens e os acontecimentos são relatados em função do tempo.

A partir do fato de que nesse estágio a criança supera as dificuldades em relação à apresentação de desenhos projetados, Parra, descreve algumas orientações básicas sobre uma metodologia renovada dos recursos instrucionais. A fim de que a imagem mental pretendida seja a mais próxima do estímulo emitido, é importante a participação ativa do sujeito, para deslocamentos no olhar, transposições e comparações que se consiga apreender o significado das coisas.

O professor deve criar condições para tirar o aluno da passividade perante às imagens, levando-o a agir sobre elas. Assim, podem ser adotadas estratégias e questões bem formuladas, que mobilizem os esquemas operatórios do sujeito, além de o desafiar na busca de soluções para os recursos. Parra também sugere que a discussão em grupos e a reorganização das imagens, perante dois ou mais pontos visuais, são técnicas que leva o aluno a assumir uma atitude ativa perante às mensagens.

Nesse contexto, o autor chega em seu texto sobre o uso dos materiais instrucionais na sala de aula, e conclui que, a televisão, por exemplo, continua sendo um elemento negativo no ensino, pelo fato do seu modo de uso partir de estratégias arcaicas, como artifícios gráficos em excesso, atores substituindo o professor, músicas de fundo perturbadoras, dose excessiva de conceitos em um tempo limitado, ausências de pausas que permitam ao telealuno pensar, refletir e buscar uma proposta desafiadora.

Para Parra transformar a aula em um clip-art significa reduzir as informações e a atividade mental do indivíduo que assiste o monitor de televisão é mínima para o êxito da mensagem. Desse modo, é necessário a adequação dos materiais às etapas de desenvolvimento do sujeito, pois há certas limitações e vantagens em cada uma delas.

O autor, preocupado com a sua metodologia, recomenda alguns cuidados no momento de usar os recursos instrucionais, como atender os princípios psicológicos da percepção e como atitude desafiadora do professor, é preciso manter continuamente ativa a mente do aluno. Essa recomendação é básica para que esses materiais contribuam efetivamente para a melhoria da comunicação e do ensino.

Ao avaliar alguns elementos teóricos piagetianos, como na obra *Caminhos do Ensino*, Parra se aprofunda nas contribuições desses elementos para justificar o uso dos materiais instrucionais em aulas, como positivos na dinamização das mesmas, diminuindo o excesso de verbalismo e dando voz também ao aluno. Além de otimizar as aulas, os alunos conseguem assimilar e compreender melhor o processo de aprendizagem, propondo o autor, uma nova perspectiva para o panorama educacional.

Dessa forma, esse capítulo buscou apresentar como Nélio Parra analisou os recursos audiovisuais, a partir de técnicas manuais e de sua metodologia teórica, ao propor meios eficazes do uso desses objetos no ensino. Assim, a sua classificação pretende tornar esses recursos mais inelegíveis, para o professor identificar e utilizá-los de forma planejada. Vale destacar que Parra se fundamentou em alguns elementos teóricos de Jean Piaget sobre a psicologia genética para construir seus saberes sobre a didática renovada, incluindo os recursos audiovisuais. Para isso, foram analisados os livros *Técnicas Audiovisuais de Educação* e *Metodologia dos Recursos Audiovisuais*, e realizou uma breve apresentação da última obra e ideias do autor – *Caminhos do Ensino*.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da Segunda Guerra Mundial, um conjunto de novas ideias educacionais começaram a ganhar espaço nos Estados Unidos, isto é a tecnologia instrucional, marcada inicialmente pelo movimento do audiovisual, com o objetivo de proporcionar a eficiência na maneira de ensinar.

Nos anos de 1960 do século XX, esse movimento chegou e se propagou no Brasil, estendendo nas décadas seguintes, trazendo um elevado número de projetos, métodos e técnicas a partir da Tecnologia Educacional. Muitos estudiosos e intelectuais começaram a produzir e escrever sobre o uso dos recursos audiovisuais no ensino. O objetivo desta dissertação foi investigar e analisar a trajetória do educador Nélio Parra, o qual escreveu vários trabalhos e livros sobre o tema.

Nélio Parra atuou não apenas dentro da sala de aula, mas também participou em associações, em congressos, em cursos, no Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo e como professor de Didática na Faculdade de Educação da USP. Acompanhar os meios de disseminação de saberes adotados por esse educador sobre os meios audiovisuais possibilita aprofundar sobre o contexto do uso desses recursos no Brasil e a trajetória da Tecnologia Educacional.

Na introdução procuramos apresentar os objetivos do trabalho, os dados biográficos de Nélio Parra, o referencial teórico metodológico e as fontes de pesquisa. No capítulo II, buscamos como foco principal mostrar a colaboração de Parra para a construção do conhecimento da didática através de seus saberes sobre os recursos audiovisuais no ensino. Alguns de seus livros foram apresentados no decorrer da análise, destacando especialmente técnicas de como utilizar esses materiais em sala de aula.

Várias edições de sua obra foram esgotadas, o que indica a adoção dos seus livros nos cursos de formação de professores e a aceitação dos educadores em conhecer e aplicar as novas metodologias, relacionando a educação com a tecnologia. O livro *Técnicas Audiovisuais de Educação* (1970), por exemplo, apresentou ao educador os audiovisuais como uma ferramenta importante e um auxiliar para a sala de aula.

Na sequência, o capítulo III orienta os professores com diversos exemplos de como manusear os recursos audiovisuais. É importante lembrar que a adoção de todas essas práticas de utilização de tais objetos, não poderia estar desvinculada dos conhecimentos sobre a sua manipulação e utilização por parte dos educadores. Parra deixa claro em todos os momentos que o aluno deve ser estimulado para fazer parte desse processo.

A partir das obras analisadas de Nélio Parra é possível pensar que esse intelectual estava comprometido com a produção cultural e a difusão de saberes. Ao referir-se sobre os recursos audiovisuais e suas técnicas, o autor amplia a cultura material da escola com novos equipamentos, sendo estes modernos e caros. Contudo, esses equipamentos trazem algumas implicações, por exemplo de como adquiri-los para a escola, uma vez que sabemos da realidade do ensino brasileiro e que comprá-los na década de 1970 e 1980 não era algo viável. Provavelmente, Parra estava ciente desse cenário e deve ser por isso que ele ensina a planejar uma aula dinâmica também com materiais alternativos.

Em decorrência à carreira acadêmica de Nélio Parra, é possível afirmar sua contribuição para o campo da Didática a partir do saber que construiu como professor. Em relação aos seus estudos, observou a grande influência de Jean Piaget para justificar sua preocupação em analisar os recursos audiovisuais. De acordo com o autor, quando se pensa em adotar um recurso audiovisual pedagógico na sala de aula, é válido avaliar quem, como e porque o irá recebê-lo. (PARRA, 1985).

No final dos anos de 1960 e início de 1970 muitos estudiosos e grupos de pesquisas tomaram como conhecimento os estudos de Piaget. Nélio Parra escreve sobre a educação renovada com destaque à participação do aluno no processo de aprendizagem. Segundo esse autor, quanto mais ricas forem as experiências do indivíduo nas aulas, mais ele estará sendo instruído, educado e preparado para a vida.

Nesse cenário, é importante ressaltar a Tecnologia Educacional, que a partir da introdução de novos objetos no ensino muitas reflexões teóricas foram fundamentadas e muitos pesquisadores começaram a escrever sobre o tema.

Vale destacar o estudo de Souza (2013), o qual menciona que nas décadas de 1960 e 1970 os recursos audiovisuais foram vistos como renovação didática e concebidos com a utilização para fins educativos. Essa abordagem se baseou em conhecimentos científicos fundamentados na psicologia da aprendizagem, na teoria da comunicação e na solução de problemas do ensino.

No âmbito da Tecnologia Educacional, os materiais escolares foram redefinidos, se voltando para meios mais eficazes para modernizar as práticas e atualizar a educação sobre os avanços tecnológicos, principalmente, sobre a disseminação dos meios de comunicação de massa. A adoção dos recursos audiovisuais no ensino brasileiro foi tão impactante que as políticas educacionais apoiaram os projetos ambiciosos envolvendo o uso das tecnologias avançadas, enfatizando esses recursos como imprescindíveis e como um conjunto de medidas inovadoras para o ensino primário.

Desse modo, a introdução de novos objetos propagou diferentes concepções pedagógicas, muitas mudanças e persistências na educação, uma vez que, o audiovisual contribuiu para transformar os objetos de ensino em um pressuposto da concretricidade para o encantamento pelas imagens. Souza também relata que a partir da fundamentação científica alcançada pela Tecnologia Educacional ao longo do século XX, especificamente entre os anos de 1960 e 1970, os recursos audiovisuais procurou fundamentar suas vantagens na Psicologia com base o desenvolvimento infantil, a aprendizagem e a motivação.

Nélio Parra, inserido nesse contexto publicou várias obras relevantes sobre os recursos audiovisuais. Entretanto, as inovações trazidas a respeito desse discurso incomodaram alguns educadores levando-os a uma crítica quanto à eficiência das novas técnicas. Esses educadores avaliaram e julgaram o limite dessas propostas, havendo uma certa resistência à implantação das mesmas no ambiente escolar.

Dessa forma, buscando apresentar as ideias de Nélio Parra que somaram tanto na disciplina de didática como no movimento do audiovisual na educação, essa dissertação procurou trazer elementos significativos que mudaram a perspectiva de pensar e utilizar suas técnicas favorecendo a interação professor-aluno, dinamizando o processo de aprender diante das modificações sociais que ocorreram durante a década de 1960 e 1970.

Em contrapartida, vale ressaltar que como novas teorias são também questionadas, essa sofreu críticas no final dos anos de 1970 e início dos anos de 1980 por parte de professores e alguns teóricos. A principal delas era sobre essa didática, com caráter normativo e prescritivo, a qual os educadores julgaram ter uma perspectiva muito técnica, exigindo muito tempo extra de trabalho e preparo do professor, sem necessariamente trazer resultados positivos e eficientes para o ensino.

Com base nos elementos aqui expostos, essa dissertação não esgota análises em torno da Tecnologia Educacional no Brasil. Novas possibilidades e estudos a respeito do uso do audiovisual em sala de aula a partir de uma nova percepção didática podem colaborar com melhorias futuras e constantes. Dada a importância do tema considera-se que há ainda muito a percorrer nesse campo de investigação, que leve a um ensino mais eficaz nas salas de aula brasileiras.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Assunto: Aperfeiçoamento em Recursos Áudio-Visuais nos E.U.A – 1960.
- CANDAU, V. M. **A Didática e a formação de educadores – da exaltação à negação: a busca de relevância**. In: CANDAU, V. M. (org.). *A Didática em questão*. 12ª ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CASTRO, A. D. **Didática para a escola de 1º e 2º graus**. 4. ed. São Paulo: Pioneira; Brasília: INL, 1981.
- CASTRO, Rosane Michelli de; REIS, Viviane Cássia Teixeira. **A Didática no Brasil: trajetória histórica e desafios à luz da didática do século XVII**. História da Educação; Didática no Brasil; Trajetória histórica; Desafios; Didática do século XVII., Piracicaba, p. 95-110, 2018.
- CHERVEL, André. **História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa**. Teoria & Educação, 2, p. 177-229, 1990.
- COSTA, Alice Rolim Pontes. **A vez é nossa, uma televisão de como alfabetizar adultos**, 1987. Cunha, Marcus Vinicius da Psicologia da educação / Marcus Vinicius da Cunha, - 4 . ed. - Rio de Janeiro: Lamparina, 2008. 96p.
- CURY, Carlos Roberto Jamil; TAMBINI, G Maria Ignez Saad Bedran; SALGADO, Maria Umbelina Caiafa; AZZI, Sandra. **A Profissionalização do Ensino na lei nº 5692/71**. Brasília-DF: Inep, 1982. 76 p.
- FISCARELLI, Rosilene B. Oliveira. **A construção do saber sobre a utilização de objetos no ensino brasileiro**. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Ciências e Letras-Unesp/Araraquara. Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar, 2009.
- COARACY, G. Roberto. **O papel da comunicação audiovisual**. Audiovisual em Revista, n.03, 1959.
- GARCIA, Maria Manuela Alves. O campo da Didática no ensino superior brasileiro: um enfoque sócio-histórico. **Educação e Realidade**, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71748>. Acesso em: 21 jul. 2023.
- GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patricia Santos. Intelectuais, mediação cultural e projetos políticos: uma introdução para a delimitação do objeto de estudo. In: GOMES, Ângela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos (Orgs.). **Intelectuais Mediadores: Práticas culturais e Ação Política**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- LAWN, M. **A materialidade dinâmica da educação escolar: professores, tecnologias, rotinas e trabalho**. Em: GASPAR DA SILVA, VL; SOUZA, G. de; CASTRO, CA (org.). *Cultura material escolar em perspectiva histórica: escritas e possibilidades*. Vitória: EDUFES, 2018, p. 341-366.

LE GOFF, Jacques. **A Nova História**. São Paulo: Eduardo Brandão ed.1990.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **As faculdades de formação de professores do interior de Pernambuco: processo técnico-administrativo.** 1987 112 f. Mestrado em educação instituição de ensino: Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1987.

PARRA, Nélio. As Técnicas Audiovisuais no Ensino. *In*: CASTRO, Amélia Domingues de. **Didática para a Escola de 1º e 2º Graus**. 7ª. ed. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1981. cap. 5, p. 61-76.

PARRA, Nélio. **Caminhos do Ensino**. São Paulo: Editora Afiliada, 2002. 95 p.

PARRA, Nélio. **Ensino Individualizado: Programas e Materiais**. São Paulo: Saraiva, 1978. 85 p.

PARRA, Nélio. Instrução Individualizada. *In*: CASTRO, Amélia Domingues de. **Didática para a Escola de 1º e 2º Graus**. 7ª. ed. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1981. cap. 6, p. 77-92.

PARRA, Nélio. **Manual Audio-Visual**. São Paulo: Editora e Encadernadora Formar LTDA, 1968. 100p.

PARRA, Nélio. **Memorial Nélio Parra**. São Paulo s. n. 1983. 31 p. Mimeografado.

PARRA, Nélio; **Metodologia dos Recursos Audiovisuais**, SP: Editora Saraiva, 1977 (2a. ed.).

PARRA, Nélio; PARRA, Ivone C. da Costa. **Técnicas Audiovisuais de Educação**. 5ª. ed. rev. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1985. 204 p.

PIAGET, JEAN. **O tempo e o desenvolvimento intelectual da criança**. *In*: problemas de Psicologia Genética. [S. l.: s. n.], 1972. cap. I, p. 339-353.

POULOT, Dominique. **Uma Nova História da Cultura Material?** *In*: GASPAR DA SILVA, Vera Lúcia; SOUZA, Gizele; CASTRO, César Augusto (orgs.). Cultura material escolar em perspectiva histórica. Vitória: EDUFES, 2018, p. 67-91.

QUINTINO, Marcia. **Utilização de Recursos Audivisuais nos Estabelecimentos de Ensino de 1 grau** 1987 61 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Federal Do Paraná, Curitiba, 1987.

RÉMOND, René. **Por uma história política**. 2ª. ed. [S. l.]: FGV Editora, 2003.

SANTOS, Humberto Corrêa dos. **A Didática no Brasil: sua trajetória e finalidade**. Estação Científica, Juiz de Fora, ed. 11, p. 1-15, janeiro - junho/2014.

SANTOS, Lucíola L. C. P. **O Mito da eficiência no ensino: estudo crítico da tecnologia educacional**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de São Carlos, 1980.

SAVIANI, Dermeval. **Educação brasileira estrutura e sistema**. São Paulo: Saraiva, 1981. 146 p.

SILVA, Vivian Batista. **Saberes em viagem nos manuais pedagógicos: construções da escola em Portugal e no Brasil (1870-1970)**. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo Biblioteca Depositária: FEUSP, 2006.

SOUZA, R. F. ; OLIVEIRA, R. B. . **A Tecnologia Educacional na investigação histórica da cultura material escolar**. In: SILVA, Vera Lucia Gaspar da; SOUZA, Gizele de; CASTRO, César Augusto. (Org.). *Cultura material escolar em perspectiva histórica: escritas e possibilidades*. 1ed. Vitória: EDUFES, 2018, v. 1, p. 358-390.

SOUZA, R. F. **Objetos de ensino: a renovação pedagógica e material da escola primária no Brasil, no século XX**. *Educar em Revista (Impresso)*.v. n. 49, p. 103-120, 2013.

TREVISAN, Thabatha Aline. **História da disciplina Pedagogia nas Escolas Normais do Estado de São Paulo (1874-1959)**. 2011. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, 2011.

**APÊNDICE A – Artigos e livros publicados por Nélío Parra entre os anos de 1961 a 2002**

<b>Artigos</b>	<b>Ano de publicação</b>	<b>Meio de Publicação</b>
Educational Film and Discipline in the Classroom	1961	School of Education da Indiana University
Conceitos Psicológicos e Instrução Audiovisual	1963	Revista de Pedagogia
Inclusão de Técnicas Audiovisuais no Currículo Universitário	1964	Audiovisual em Revista
Técnicas de Utilização do Quadro-Negro	1966	Revista de Pedagogia
Técnicas Audiovisuais de Educação	1966	Pesquisa e Planejamento
Diapositivos e Diafilmes	1967	Revista de Pedagogia
A Dinâmica dos Recursos Audiovisuais	Sem data de publicação.	Serviço de Assistência Didática ao Ensino Comercial
O Gravador Magnético no Ensino	1969	Guia Gráfico de Comunicação Audiovisual
Os Recursos Audiovisuais e o Processo de Aprendizagem	1969	Guia Gráfico de Comunicação Audiovisual
Subsídios para o Estudo do Cinema Educativo como Veículo de Comunicação	1970	Cadernos de Jornalismo e Comunicação
Laboratório de Línguas	1970	Revista do Centenário do Instituto Mackenzie
Por que Audiovisual?	1970	Revista do Centenário do Instituto Mackenzie
A Tecnologia do Ensino e o Centro Audiovisual Mackenzie	1970	Folha Mackenzie
A Libertação do Professor pela Máquina	1971	Escola da Notícia
Laboratório de Aprendizagem	1971	Conferência Nacional de Tecnologia da Educação Aplicada ao Ensino Superior
Recursos Audiovisuais	1971	Enciclopédia Abril
Análise de Sistemas Aplicada ao Planejamento Curricular	1972	Revista Escola
Laboratório de Aprendizagem	1974	Revista de Educação
Atitude Psicológica e Pedagógica do Professor ante o Audiovisual	1974	Arte e Educação
Tecnologia da Educação e o Processo Educativo	1975	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial - Departamento Regional de São Paulo, Publicações Técnicas
Instrução Individualizada	1976	Didata
O Plano Keller	1977	Didata
O “Mastery Learning” de Bloom	1977	Didata
A Face Oculta dos Objetivos Comportamentais	1978	Educação e Matemática
Estratégias de Ensino – Aprendizagem (resenha bibliográfica)	1978	Educação Brasileira
Tecnologia da Educação e o Ensino Superior - Perspectivas	1978	Educação Brasileira
Instrução Individualizada - Outros Planos	1978	Didata
Como Individualizar a Instrução?	1978	Didata
Tecnologia da Educação: Auxílio ou Embaraço?	1978	Revista Brasileira de Educação Médica
Tendências Atuais do Ensino	1979	In Temas Educacionais, Secretaria Municipal de Educação
Estratégias de Ensino-Aprendizagem	1980	Psicologia e Ensino

Prática de Ensino - Problemas e Perspectivas	1980	Educação Brasileira
O Currículo - Teoria e Prática	1981	Revisão técnica da tradução

<b>Livros</b>	<b>Ano de publicação</b>	<b>Meio de Publicação</b>
Ensine Melhor com Modelos	1967	Ao livro técnico
Manual Audio-Visual	1968	Editora e Encadernadora Formar LTDA
Técnicas Audiovisuais de Educação	1970	Editora Pioneira
Os Recursos Audiovisuais e a Renovação Didática – Tese (Doutorado)	1972	
Didática para a Escola de 1º e 2º Graus	1972	Editora Pioneira
Metodologia dos recursos audiovisuais: estudo fundamentado na psicologia genética de Jean Piaget	1973	Saraiva
Ensino Individualizado – Programas e Materiais	1978	Saraiva
O Planejamento de Currículo e seus Objetivos	1979	Saraiva
Pensamento Lógico e Interação Social: um estudo fundado na teoria de Jean Piaget – Tese (Livre Docência)	1981	
O Adolescente segundo Piaget	1983	Editora Pioneira
Caminhos do Ensino	2002	ABDR

## APÊNDICE B – FONTES NÉLIO PARRA

PARRA, Nélio; **Educational Film and Discipline in the Classroom** - A Descriptive Statistical Study. School of Education da Indiana University, EUA (mimeo), 1961.

PARRA, Nélio; **Conceitos Psicológicos e Instrução Audiovisual**, Revista de Pedagogia (jul. dez. 1963), Ano IX, vol. IX, nº 17 (trad.).

PARRA, Nélio; **Inclusão de Técnicas Audiovisuais no Currículo Universitário**, Audiovisual em Revista. (nov-dez. 1964), Ano VI, nº 17.

PARRA, Nélio; **Técnicas de Utilização do Quadro-Negro**. Revista de Pedagogia, (jul. dez. 1966), ano XII, vol. XII, nº 22.

PARRA, Nélio; **Técnicas Audiovisuais de Educação**, Pesquisa e Planejamento (dez. 1966), nº 10, CRPE de São Paulo.

PARRA, Nélio; **Diapositivos e Diafilmes**, Revista de Pedagogia (jan., dez. 1967), ano XIII, vol. XIII, nº 23.

PARRA, Nélio; **Ensine Melhor com Modelos**. RJ: Ao Livro Técnico, 1967.

PARRA, Nélio; **Recursos Audiovisuais para o Pré-primário e Jardim da Infância**, SP: Editora Formar, 1968.

PARRA, Nélio; **Os Recursos Audiovisuais e o Processo de Aprendizagem**, Guia Gráfico de Comunicação Audiovisual (jul. 1969), ano I, nº1.

PARRA, Nélio; **Gravador Magnético no Ensino**, Guia Gráfico de Comunicação Audiovisual (ago. 1969), ano I, nº1.

PARRA, Nélio; **Subsídios para o Estudo do Cinema Educativo como Veículo de Comunicação**, Cadernos de Jornalismo e Comunicação (maio jun. 1970), nº 24.

PARRA, Nélio; **Laboratório de Línguas**, Revista do Centenário do Instituto Mackenzie (out. 1970).

PARRA, Nélio; **Por que Audiovisual?** Revista do Centenário do Instituto Mackenzie (out. 1970).

PARRA, Nélio; **A Tecnologia do Ensino e o Centro Audiovisual Mackenzie**, Folha Mackenzista, Ano II, nº 9, 1970.

PARRA, Nélio; **A Libertação do Professor pela Máquina**, Escola da Notícia, (maio de 1971), ano II, nº 16.

PARRA, Nélio; **Laboratório de Aprendizagem**, Anais da 1ª Conferência Nacional de Tecnologia da Educação Aplicada ao Ensino Superior, Rio Janeiro (jun. 1971).

PARRA, Nélio; **Recursos Audiovisuais**, Enciclopédia Abril (1971), nº 13.

PARRA, Nélio; **Análise de Sistemas Aplicada ao Planejamento Curricular**. Revista Escola (julho de 1972), nº 5.

PARRA, Nélio; **Laboratório de Aprendizagem**, Revista de Educação do MEC. (abr. jun. 1974), ano 3, nº 12.

PARRA, Nélio; **Atitude Psicológica e Pedagógica do Professor ante o Audiovisual**. Arte e Educação (dez. 1974), ano 3, nº 16.

PARRA, Nélio; **Tecnologia da Educação e o Processo Educativo**, SP: Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial - Departamento Regional de São Paulo, Publicações Técnicas, nº 30, 1975.

PARRA, Nélio; **Instrução Individualizada** - Introdução, Didata (1976), nº 5.

PARRA, Nélio; **O “Mastery Learning” de Bloom**, Didata (1977), nº 7.

PARRA, Nélio; **O Plano Keller**, Didata (1977), nº 6.

PARRA, Nélio; **Estratégias de Ensino** - Aprendizagem (resenha bibliográfica), Educação Brasileira, Ano I, nº 1, (jan. abr. 1978).

PARRA, Nélio; **Tecnologia da Educação e o Ensino Superior** - Perspectivas, Educação Brasileira (maio ago. 1978), Ano I, nº 2.

PARRA, Nélio; **A Face Oculta dos Objetivos Comportamentais**, Educação e Matemática (jun. ago. 1978), nº 1; ano 1.

PARRA, Nélio; **Tecnologia da Educação: Auxílio ou Embaraço?** Revista Brasileira de Educação Médica (set. dez. 1978), vol. II, nº 3.

PARRA, Nélio; **Instrução Individualizada** - Outros Planos, Didata (1978), nº8.

PARRA, Nélio; **Como Individualizar a Instrução?** Didata (1978), nº9.

PARRA, Nélio; **Tendências Atuais do Ensino**, in Temas Educacionais, Secretaria Municipal de Educação, 1979, nº 223.

PARRA, Nélio; **Planejamento de Currículo e seus Objetivos**, Ivor K. Davies, SP. Edições Saraiva, 1979 (co-tradutor).

PARRA, Nélio; **Estratégias de Ensino-Aprendizagem**, in Psicologia e Ensino, Wilma M.A. Penteadó (coord.), SP: Papelivros, 1980.

PARRA, Nélio; **Prática de Ensino - Problemas e Perspectivas**, Educação Brasileira, Ano II, nº 5, 1980.

PARRA, Nélio; **O Currículo - Teoria e Prática**, Albert V. Kelly, SP: Karper & Row do Brasil, 1981 (revisão técnica da trad.).

PARRA, Nélío; **A Dinâmica dos Recursos Audiovisuais**, SP: Serviço de Assistência Didática ao Ensino Comercial, SENAC, nº21.

**ANEXO A - Tabela elaborada por Maria Aparecida Cintra comparando as características da Didática da Escola Tradicional com a Didática da Escola Nova**

<b>DIDÁTICA DA ESCOLA TRADICIONAL</b>	<b>DIDÁTICA DA ESCOLA NOVA</b>
<b>CARACTERÍSTICAS</b>	
Em termos de preceitos de ensino.	Em termos de orientação da aprendizagem.
<b>CLASSE</b>	
Como agrupamento de indivíduos indiferenciados.	Como agrupamento de indivíduos com diferentes personalidades e experiências.
<b>AULA</b>	
"Dar e tomar a lição" Orientação coletiva.	Sessões de estudo com possibilidades de experiências múltiplas e variadas.
<b>PROFESSOR</b>	
Centro: Aquele que sabe. Transmissor de conhecimentos. Autoritarismo.	Aquele que dirige a Aprendizagem. Orientador das atividades discentes. Democracia.
<b>MATÉRIA</b>	
Centro: Fim em si. Programa a ser cumprido pelo aluno.	Instrumento e Meio para o desenvolvimento do aluno. Conteúdos que permitam a mobilização dos esquemas de assimilação do "aprendiz".
<b>MÉTODO</b>	
Formal: - base: Psicologia mecanicista, sensualista-empirista e das faculdades. Idéia de que ensinar e transmitir conhecimentos. Lógico.	Ativo: fundado nas necessidades e nos interesses da criança e no próprio mecanismo da inteligência. Psicologia genética. Idéia de que ensinar é ajudar o aluno a aprender. Psicológico.
<b>ALUNO</b>	
Objeto da ação do professor. Receptador passivo. Aquele que não sabe.	Centro: a escola feita para o aluno. Sujeito que age. Participante - dinâmico. Àquele que está numa etapa do processo geral do desenvolvimento
<b>CONSEQUÊNCIAS</b>	
<b>Em relação à classe</b>	
Disciplina confundida com: imobilidade e silêncio. Alunos iguais: exige-se de todos a mesma quantidade e qualidade de conhecimentos. Vida social: base na coerção e obediência exterior.	Disciplina com base no interesse e na participação ativa e efetiva do aluno. Alunos diferentes - cada um dá na medida de suas possibilidades. Vida social: base na responsabilidade e livre aceitação das regras sociais.
<b>Em relação à aula</b>	
Aulas coletivas. Apresentação da matéria, com base na repetição, rigidez, visando à memorização e imitação.  Individualismo na ação - competição.	Sessões de estudo. Trabalho individual e em grupo Apresentação das situações de aprendizagem sob forma variada e flexível visando à compreensão, pela mobilização dos esquemas mentais de assimilação. Ação cooperativa e participação.
<b>Em relação ao professor</b>	
Autoridade: "Magister dixit". Verbalismo: palavra do professor palavra do livro. Doador do saber.	Colaborador: orienta as atividades dos alunos. Ajuda o aluno a "Aprender a aprender".
<b>Em relação à matéria</b>	
Informações e conhecimentos <i>impostos</i> e já prontos. Avaliação - em termos de quantidade de matéria retida.	Apresentada em situações reais em termos de experiências a serem vividas.

	Avaliação - em termos do desenvolvimento total do aluno.
<b>Em relação ao Método</b>	
Passivo: Expositivo Verbalização Interrogativo Intuitivo etc.	Ativo: Experimentação Redescoberta Globalizado etc.
<b>Em relação ao Aluno</b>	
Passividade Competição Ação individual  Subordinação do pensamento - ao do professor - ao do livro - às imagens Despersonalização (aluno como uma nota no boletim).	Atividade Cooperação Ação individual e socializadora. Independência de pensamento do aluno.  Aluno como uma pessoa.

## **ANEXO B – Referências utilizadas por Nélio Parra no livro Técnicas Audiovisuais de Educação (1985)**

- Bachman, J. W. Como Usar Materiais Audiovisuais. São Paulo, publicação conjunta CAVE-JUGET, 1967.
- Bernier, Jules. Tudo Sobre a Projeção. São Paulo: Agência Editora Iris, 1964.
- Boughner, Howard. Posters. Nova York: Pitman Publishing Co., 1962.
- Brown, J. W.; Lewis, B. B. e Harcleroad, F. F. Audio-Visual Instruction. Nova York: McGraw-Hill, 1959.
- Bullaude, José. El Nuevo Mundo de la Imagen. Buenos Aires: Editorial Universitária, 1962.
- \_\_\_\_\_. Enseñanza Audiovisual y Comunicacion. Buenos Aires: Librería del Colégio, 1968.
- Cable, Ralph. Audio Visual Handbook. Londres: University of London Press Ltd., 1965.
- Canac, H. e outros. Les Techniques Audio-Visuelles au Service de l'Enseignement. Paris: Librairie Armand Colin, 1966.
- Cazeneuve, Jean. Sociologia de Radio-Television. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1967.
- Coda, Héctor Hugo. La Educación y las Comunicaciones de Masa. Buenos Aires: Ediciones Libera, 1966.
- Coombs, Philip H. La Crise Mondiale de l'Education. Paris: Presses Universitaires de France, 1968.
- Daifuku, Hiroshi e outros. Les Expositions Temporaires et Itinérantes. Paris: UNESCO, 1965.
- Dale, Edgard. Audio-Visual Methods in Teaching. Nova York: The Dryden Press, 5.ª ed., 1957.
- Dent, Charles H. Bulletin Boards for Teaching. Texas: University of Texas, 1958.
- Dieuzeide, Henri. As Técnicas Audiovisuais no Ensino. Lisboa: Publicações Europa-América, 1967.
- Duarte, Bandeira. A Projeção Fixa do Ensino. Rio de Janeiro: Irmão Pongetti Editores, 1961.
- Dumazedier, Jofre. Television y Educacion Popular. Buenos Aires: Ediciones Solar, 1965.
- Ferenczi, Victor. La Perception de l'Espace Projectif. Paris: Librairie Marcel Didier, 1966.
- Filep, R. T. e outros. Los Métodos Programados y Audiovisuales en la Escuela Primária. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1969.
- Finn, James D. The Audio-Visual Equipment Manual. Nova York: The Dryden Press, 1957.
- Freinet, C. Les Techniques Audio-Visuelles. Canes: Institut Coopératif de l'Ecole Moderne, 1963.
- Friedmann, Kopple C. How to Develop Time and Chronological Concepts. Washington D. C.: National Council for Social Studies, s. d.
- Galli, Y. M. L'Enseignement Programmé. Paris: Institut Pédagogique National.
- Garcia, Roberto Moreno e Ortiz, Maria de la Luz Lopes. História de la Comunicación Audiovisual. México: Editorial Patria, 1962.
- Gendre, Claude. Le Magnétophone et l'Enseignement Audio-Visuel. Paris: Editions Chiron, 1966.

- Gerlach, Vernon S. e Ely, Donald P. Teaching and Media, a Systematic Approach. Nova Jersey: Prentice-Hall, Inc., 1971.
- Gusdorf, Georges. Professores, para quê? Lisboa: Livraria Martins Editora, 1967.
- Hartsell, Horace C. e Veenandall, Wilfred L. Overhead Projection. Nova York: Henri Stewart Inc., 1960.
- Holmes, Allan C. Medios Visuales Auxiliares de la Educacion en Nutricion. Roma: Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Ali-mentação, 1968.
- Jimenez, Jesus Garcia. Television, Educación y Desarrollo en una Sociedad de Masas. Madri: Instituto Balmes de Sociologia, 1965.
- Kemp, Jerrold E. Planning and Producing Audiovisual Materials. São Francisco, Califórnia: Chandler Publishing Co., 1963.
- Kinder, James. Audiovisual Materials and Techniques. Nova York: American Book, 1959.
- \_\_\_\_\_. Using Audiovisual Materials in Education. Nova York: American Book, 1965.
- Knobloch, Hans. Manual do Gravador. São Paulo: Agência Editora Iris, 2.a ed., s. d.
- Koskei, Thomas A. Baited Bulletin Boards. São Francisco, Califórnia: Fearon Publishers, 1954.
- Lefranc, Robert e outros. Les Techniques Audio-Visuelles au Service de l'En- seignement. Paris: Librairie Armand Colin, 1966.
- Machard, J. L'Emplol du Tableau Noir. Paris: Librairie Armand Colin, 1963.
- Malandain, Claude. Utilization des Films Fixes pour l'Enseignement des Langues Vivants aux Enfants. Paris: Librairie Marcel Didier, 1966.
- Mialaret, Gaston. Psychopédagogie des Moyens Audio-Visuels. Paris: UNESCO, Presses Universitaires de France, 1966.
- Miller, Thomas H. e Brumitt, Wyatt. This is Photography. Nova York: Garden City Books, 1950.
- Minor, Ed. Simplified Techniques for Preparing Intructional Materials. Nova York: McGraw-Hill, 1962.
- Miranda, Helena e Barbosa, Letícia. Mural Didático na Escola Primária. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico S.A., 1968.
- Montomollin, M. Enseñanza Programada. Madri: Ediciones Morata, 1966.
- National Education Association. AV Centers in Colleges and Universities. Washington D. C., 1965.
- National Education Association. A-V Instructional Materials Center. Washington D. C.: Department of Audio-Visual Instruction, 1954.
- National Education Association. Standards for Cataloging, Coding and Scheduling Educational Media. Washington, D. C.: Department of Audiovisual Instruction, 1968.
- Ogden, C. K. e Richards, I. A. El Significado del Significado. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1964.
- Ortiz, Maria de la Luz Lopes. Los Auxiliáres Audiovisuales. México: Editorial Patria S. A., 1962.
- Parra, Nélio. Ensine Melhor com Modelos. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico S. A., 1967.
- \_\_\_\_\_. A Dinâmica dos Recursos Audiovisuais. São Paulo: SENAC-SADEC, n.º 21, 1968.

- \_\_\_\_\_. Comunicação Cinematográfica. São Paulo: Associação Brasileira de Educação Audiovisual, 1968.
- \_\_\_\_\_. (coord.). Didática para a Escola de 1.º e 2.º Graus. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 8.ª ed., 1983.
- Pfeiffer, John. Uma Visão Nova em Educação, Análise de Sistemas em Nossas Escolas e Faculdades. (Trad.) São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.
- Peixoto, Ilka Rocha e Miranda, Helena G. O Flanelógrafo, Confecção e Utilização. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico S. A., 1964.
- Peters, J. M. L. L'Education Cinematographique. Paris: UNESCO, 1961.
- Pignatari, Décio. Informação, Linguagem, Comunicação. São Paulo: Editora Perspectiva S. A., 1968.
- Rossi, Peter H. e outros. The New Media and Education, their Impact on Society. Nova York: Anchor, 1967.
- Rubens, F. M. Enseñanza Programada y Estudio de su Didactica. Madri: Editorial Paraninfo, 1966.
- Schramm, Wilbur e outros. The Impact of Educational Television. Urbana, Illinois: University of Illinois Press, 1961.
- Schuller, Charles F. The School Administrator and his Audio-Visual Program National Education Association, 1954.
- Strasfogel, S. Initiation a l'Emploi des Moyens Audio-Visuaels. Paris: Editions Bourreleir, 1962.
- Tarbet, Donald G. Television in our Schools. Nova York: The Donald Press Co., 1961.
- Tardy, Michel. Le Professeur et les Images. Paris: Presses Universitaires de France, 1966.
- Tiemann, Ernest F. Better Bulletin Board Displays. Texas: University of Texas, s. d.
- \_\_\_\_\_. Educational Display and Exhibits. Texas: University of Texas, 1959.
- Trigueiros, F. Santos. Museu e Educação. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Edi-tores, 1958.
- Vasconcelos, Alba Maria e Bastos, Lília da Rocha. Quadro de Giz muito Usado... Pouco Explorado. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico S. A., 1967.
- Vernon, M. D. A Further Study of Visual Perception. Londres: Cambridge Uni-versity Press, 1952.
- \_\_\_\_\_. Psicologia de la Percepción. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1967.
- Weseloh, Anne D. E-Z Bulletin Boards. São Francisco, Califórnia: Fearon Publishers, 1939.
- Wittich, W. A. e Schuller, C. F. Recursos Audiovisuais na Escola. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1964.